

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS - FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

ANA GLÁUCIA SECCATTO

**OLHARES SOBRE A FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI A PARTIR DE
FOTOGRAFIAS PRESENTES NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS**

**DOURADOS – MS
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS - FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

ANA GLÁUCIA SECCATTO

**OLHARES SOBRE A FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI A PARTIR DE
FOTOGRAFIAS PRESENTES NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Geografia, Nível de Mestrado, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flaviana Gasparotti Nunes.

DOURADOS – MS
2015

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais que me ensinaram a perseguir meu ideal com dedicação e coragem. Minhas referências! Dedico aos meus irmãos, Cássia e Julio, tão importantes na minha vida e ao meu namorado Jonatan Medina pelo amor, apoio, confiança e motivação incondicional. É bom ter a minha família perto de mim nesta conquista, pessoas que sempre me impulsionam em direção às vitórias dos meus desafios.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação de Mestrado é uma experiência enriquecedora e de plena superação e crescimento. Para aqueles que compartilharam desse momento, direta ou indiretamente, mesmo sem saber, mas que de alguma forma contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa só tenho a agradecer.

Primeiramente, agradeço a Deus e Nossa Senhora Aparecida, por sempre me conceder sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar.

Aos meus pais Tereza e Nelson pelos momentos de plenitude e apoio familiar incondicional. A vocês, minha eterna gratidão. Aos meus irmãos Cássio e Julio pelo incentivo e pela presença sempre constante em minha vida. Ao meu namorado Jonatan Medina pelo apoio e paciência nos momentos de inquietação e cansaço e, pelo incentivo em busca de meus ideais.

Aos amigos e amigas (novos e velhos), os quais o destino deu-me a honra de conhecer ao longo do curso, especialmente ao Djeovani, à Josiane, à Élia e a Natália pelo incentivo e apoio constantes.

Ao Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira e ao Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo, pelas contribuições realizadas a esse trabalho durante o exame de qualificação.

À UFGD, pelo ensino público de qualidade.

A toda a equipe de técnicos e professores do PPGG/UFGD, pelo apoio, atenção e profissionalismo.

À CAPES, pelo suporte financeiro indispensável para a realização deste trabalho.

A todos aqueles que por um lapso não mencionei, mas que colaboraram para esta pesquisa, o meu muito obrigado!

A impressão que tenho, é de que tudo passou muito rápido, em dois anos minha vida se modificou, cresci e aprendi muito e, conheci pessoas que foram de grande importância neste período!

Ninguém vence sozinho... OBRIGADA A TODOS!

Agradecimento especial à minha Orientadora, Professora Doutora Flaviana Gasparotti Nunes, por acreditar que eu era capaz e pela orientação. Só tenho a agradecer aos seus ensinamentos, orientações, palavras de incentivo, paciência e dedicação. Você é uma pessoa

ímpar, onde busco inspirações para me tornar melhor em tudo que faço e irei fazer daqui para frente.

A você, pela amizade e atenção, devo essa dissertação. Muito Obrigada!

“Alguém lhe perguntou: “Senhor, serão poucos os salvos?” Ele lhes disse: “Esforcem-se para entrar pela porta estreita, porque eu lhes digo que muitos tentarão entrar e não conseguirão”.” (Lucas 13.23,24)

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthur Schopenhauer)

RESUMO

Este trabalho objetiva identificar, analisar e refletir sobre os limites e as possibilidades de concepções e olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai são construídos a partir das imagens fotográficas veiculadas pelas mídias eletrônicas. Tendo em vista que Mato Grosso do Sul tem significativa área em região de fronteira, muitas são as mídias da região que veiculam notícias e imagens sobre as áreas fronteiriças. No âmbito da Geografia escolar, nosso intuito é identificar os possíveis elementos que contribuam para a construção de concepções sobre a fronteira a partir dessas imagens e, contribuir para a reflexão sobre o potencial educativo das imagens, notadamente a fotográfica no ensino de Geografia. A sociedade contemporânea está vivenciando uma era visual, o surgimento das diversas tecnologias de produção de imagens fotográficas intensificou a sua circulação, principalmente na mídia eletrônica, onde as informações e imagens são veiculadas com grande velocidade, exigindo dos indivíduos habilidades para decodificar e interpretar a linguagem imagética, demonstrando a importância da alfabetização e letramento visual na contemporaneidade, para que os sujeitos recebam e interpretem de maneira crítica e contextualizada as diversas imagens fotográficas que circulam pela sociedade. Através das discussões teóricas e do levantamento e análise das imagens referentes à fronteira Brasil-Paraguai presentes nas mídias eletrônicas, percebemos que os meios de comunicação geralmente apresentam situações de conflitos e violência de forma sensacionalista e descontextualizada, e ao passo que essas situações sobre fronteira são temáticas ou enfoques privilegiados pelos meios de comunicação eles acabam alcançando um impacto potencializado sobre a sociedade, indicando a influência que a mídia exerce na criação de imaginários e realidades na contemporaneidade. Foi possível constatar também, que as mídias eletrônicas locais de cidades fronteiriças buscam valorizar o local contribuindo para aproximar povos das duas nações, ampliando a visão de fronteiras e de culturas para além das fronteiras geopolíticas.

Palavras Chave: Fronteira, Mídias eletrônicas, Fotografia, Ensino de Geografia.

ABSTRACT

This paper aims to identify, analyze and reflect on the limits and possibilities of ideas and views on the Brazil-Paraguay border are constructed from the images conveyed by the electronic media. Considering that Mato Grosso do Sul has significant area in the border region, many are the media of the region that deliver news and pictures of the border areas. As part of the school Geography, our goal is to identify the possible elements that contribute to the construction of conceptions of the border from these images and contribute to the reflection on the educational potential of the images, especially the photo in teaching Geography. Contemporary society is experiencing a visual era, the emergence of various photographic imaging technologies has increased its circulation, especially in the electronic media where information and images are spread with great speed, requiring that individuals know decode them and interpret them, demonstrating the importance of literacy and visual literacy in contemporary society, so that individuals receive and interpret in a critical manner and contextualized the various images that circulate in society. Through the theoretical discussions and survey and analysis of images related to the Brazil-Paraguay border present in the electronic media, we realize that the media often present situations of conflict and violence sensational and decontextualized, and while these situations are on border thematic or various approaches by the media they end up reaching a leveraged impact on society, showing the influence that the media plays in creating imaginary and realities in contemporary times. It was found also that the local border towns electronic media seek to enhance the site helping to bring people of the two nations, expanding the vision of borders and cultures beyond the geopolitical boundaries.

Keywords: Border, Electronic Media, Photography, Geography Teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS E AS POTENCIALIDADES DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA	18
1.1 Educação e cultura visual na atualidade.....	19
1.2 A fotografia e as suas potencialidades na educação do olhar.....	29
CAPÍTULO II – A FRONTEIRA: ENTRE OS LIMITES E AS DIFERENÇAS..	39
2.1 Algumas considerações sobre fronteira.....	39
2.2 Fronteiras: olhares de fora.....	46
2.3 Fronteiras: olhares de dentro.....	49
2.4 Olhares sobre a Fronteira.....	53
CAPÍTULO III – A CONSTRUÇÃO DO OLHAR SOBRE A FRONTEIRA A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS PRESENTES NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS.....	57
3.1 O poder da mídia na sociedade contemporânea.....	58
3.2 Olhares sobre a fronteira a partir de imagens fotográficas presentes nas mídias eletrônicas.....	66
CAPÍTULO IV – OLHARES SOBRE A FRONTEIRA DE “DENTRO DA ESCOLA”	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização das cidades gêmeas abordadas na pesquisa.....	16
Figura 2 – Placa na Plaza Pedro Juan Caballero.....	50
Figura 3 – Bíblia Sagrada em mãos de um morador de Pedro Juan Caballero.....	51
Figura 4 – Em 15 dias de ação, Fronteira Integrada apreende 23 ton. de maconha e 520 kg de cocaína e crack em MS.....	68
Figura 5 – PF apreende 66 quilos de cocaína na fronteira com o Paraguai.....	68
Figura 6 – Adolescente capota carro com droga na fronteira.....	69
Figura 7 – Carga de maconha que saiu da fronteira é apreendida pelo DOF.....	69
Figura 8 – Operação Brasil Integrado Fronteira prende 28 e apreende 4,7 toneladas de drogas no MS.....	70
Figura 9 – Veículos roubados são recuperados pelo DOF na fronteira.....	70
Figura 10 – Quadrilha paraguaia explode torres de energia na fronteira.....	71
Figura 11 – Batalhão da Fronteira apreende CDs e DVDs contrabandeados do Paraguai.....	71
Figura 12 – Jornalista brasileiro é assassinado na fronteira.....	72
Figura 13 – Radialista é executado quando chegava em casa na fronteira.....	72
Figura 14 – Assaltantes agem na Fronteira atacando veículos.....	73
Figura 15 – Suspeito armado e com certa quantia em dinheiro é preso na fronteira....	73
Figura 16 – Exército fecha a fronteira contra o narcotráfico em MS.....	74
Figura 17 – Pedro Juan Caballero o 'novo' eldorado para futuros médicos brasileiros.....	78
Figura 18 – 2ª Black Friday começa com menores filas que no ano passado.....	79
Figura 19 – Black Friday de 5 a 7 de setembro volta a movimentar a fronteira.....	79
Figura 20 – Parceria garante disseminação da produção sustentável na fronteira.....	80
Figura 21 – Fronteiras brasileiras: Os limites do nosso território.....	80
Figura 22 – Dólar encosta em R\$ 2,72 na fronteira Brasil/Paraguai.....	80
Figura 23 – Ponte da Amizade que liga Brasil e Paraguai.....	81
Figura 24 – Fronteira da Jordânia e Israel (Limite entre dois países).....	94
Figura 25 – Contrabando de Produtos importados por serem mais baratos.....	94

Figura26 – Livre comércio.....	95
Figura 27 – Ponte da amizade.....	95
Figura 28 – Shopping China Importados.....	96
Figura 29 – Tráfico de drogas.....	96
Figura 30 – Contrabando.....	97
Figura 31 – Texto, imagem e atividade do livro didático referente à fronteira.....	100
Figura 32 – Imagem da Ponte da Amizade na fronteira Brasil-Paraguai presente no livro didático.....	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de notícias sobre a fronteira com imagens nos <i>sites</i> pesquisados.....	85
Tabela 2 – Número de notícias sobre situações de conflito nos <i>sites</i> pesquisados.....	86

INTRODUÇÃO

Diante de um mundo cada vez mais visual, as imagens fotográficas vêm ganhando seu espaço como uma linguagem comunicativa capaz de transmitir mensagens e construir ideias. Para aprender a entender e ler o mundo contemporâneo é fundamental o desenvolvimento de habilidades para compreender as diversas linguagens existentes, dentre elas a fotográfica.

As imagens fotográficas possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, tornando-se de fundamental importância no processo de comunicação e produção do conhecimento da ciência geográfica. A fotografia quando utilizada como linguagem no ensino de Geografia possibilita o enriquecimento das aulas por meio do desenvolvimento de habilidades e raciocínios potencializadores no processo de ensino/aprendizagem.

As imagens fotográficas vêm assumindo maior importância na sociedade contemporânea e com os avanços tecnológicos são veiculadas com grande velocidade pelas mídias eletrônicas e podem reproduzir conceitos e preconceitos sobre os mais vários temas. Tendo em vista que Mato Grosso do Sul possui extensão significativa de seu território em área de fronteira, muitas são as mídias da região que veiculam notícias e imagens fotográficas sobre questões fronteiriças e, os alunos e cidadãos em geral estão em constante contato com essas imagens que são veiculadas com grande agilidade, principalmente pelas mídias eletrônicas. Neste sentido, destacamos a importância desses indivíduos serem também alfabetizados para realizar a leitura crítica das linguagens visuais presentes no meio que está a sua volta.

A globalização traz o bombardeamento de informações de imagens no cotidiano da sociedade; assuntos relacionados à violência e criminalidade parecem ter cada vez mais destaque nas páginas dos veículos de comunicação, constituindo um “círculo vicioso” na medida em que ao tratarem dos fatos de violência acabam reproduzindo práticas de tratar do fato a partir do ato violento em si, desconsiderando as causas e o contexto no qual se deram.

A mídia contemporânea utiliza-se do sensacionalismo ao relatar os casos de criminalidade, marginalidade e de violência, explorando esses casos em busca de audiência e maior quantidade de acessos, no caso dos *sites*. De acordo com Amaral (2006, p.21):

O veículo midiático sensacionalista faz da emoção o principal foco da matéria, esquecendo-se do conteúdo da notícia a ser repassada, se é que ele

existe. O sensacionalismo está ligado ao exagero, à intensificação, valorização da emoção; à exploração do extraordinário, à valorização de conteúdos descontextualizados; à troca do essencial pelo supérfluo ou pitoresco e inversão do conteúdo pela forma (AMARAL, 2006, p. 21).

Nesse sentido, fatos que envolvem conflitos tornam-se notícia e há uma exposição exagerada dessas, buscando a atenção dos receptores. Tal situação de divulgação em excesso dessas notícias acarreta, conseqüentemente, na disseminação do medo na sociedade. Em se tratando das áreas de fronteira onde as relações de integração e de tensão caminham lado a lado, o foco das notícias tende a voltar-se às situações de conflito, conforme demonstraremos ao longo deste trabalho.

Diante desta realidade, destacamos que o ensino de Geografia deve propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências para que os mesmos interpretem as linguagens imagéticas cotidianamente veiculadas pelas mídias. A esse respeito, ressaltamos que:

[...] a utilização da fotografia deve ser uma prática constante no ensino de Geografia, podendo desenvolver-se a partir daquelas contidas nos livros didáticos, ou aquelas presentes em notícias de jornais ou revistas, buscando desenvolver habilidades críticas de análise e observação dos alunos. O educador deve estabelecer a base de articulação das fotografias com os conceitos geográficos, propondo aos alunos um exercício de interpretação das imagens, buscando desenvolver ações e capacidades que permitam e contribuam para a discussão e o entendimento do tema proposto. (SECCATTO & NUNES, 2013, p.340)

Assim, entendemos que a linguagem fotográfica potencializa as aprendizagens dos alunos na medida em que possibilita o desenvolvimento de habilidades próprias do processo de alfabetização geográfica como: observar, descrever, representar, comparar e analisar, conceitos e fatos de forma fundamentada e crítica da realidade em estudo.

Frente a este contexto, o intuito desta dissertação é refletir sobre a importância que a imagem fotográfica vem assumindo na sociedade contemporânea, com suas características comunicativas e potenciais no desenvolvimento da compreensão do mundo, destacando a necessidade de haver a alfabetização e letramento visual dos sujeitos, para estarem aptos a ler a imagem fotográfica de maneira mais questionadora. Para isso, procuramos analisar os limites e as possibilidades das concepções sobre a fronteira Brasil-Paraguai que são construídas a partir das imagens fotográficas veiculadas pelas mídias eletrônicas (de

abrangência local, regional e nacional) e verificar seus desdobramentos no âmbito da Geografia escolar.

Dessa forma, estruturamos nossa pesquisa buscando atingir o seguinte objetivo: identificar e analisar as concepções de e sobre a fronteira Brasil-Paraguai construídas a partir das imagens fotográficas veiculadas pelas mídias eletrônicas. Como desdobramento desse objetivo central, também pretendemos: contribuir para com a reflexão, no âmbito do ensino de Geografia, sobre o potencial educativo das imagens, notadamente as fotográficas; analisar as fotografias presentes em matérias veiculadas em *sites* de notícias (de âmbito local, regional e nacional) identificando possíveis elementos que contribuam para a construção de concepções sobre a fronteira; refletir sobre os limites e possibilidades das concepções de fronteira construídas a partir dessas imagens no âmbito da Geografia escolar.

Na construção de nosso primeiro capítulo – “A educação pelas imagens e as potencialidades da linguagem fotográfica”, empreenderemos uma discussão teórica sobre a influência que as imagens fotográficas possuem atualmente na sociedade e nos processos educativos, e a importância da alfabetização e letramento visual para compreensão e decodificação delas, destacando as características e potencialidades da construção de conhecimento presente na linguagem fotográfica, considerando o seu potencial comunicativo.

No segundo capítulo – “A fronteira: entre os limites e as diferenças” nos propusemos a embasá-lo abordando e refletindo de forma teórica, sobre a questão da fronteira quanto aos seus aspectos conceituais, destacando-se que as fronteiras são realidades vivenciadas culturalmente pelos sujeitos no interior de diferentes culturas e identidades e podem apresentar uma dupla função: separar e ao mesmo tempo unir.

Em nosso terceiro capítulo – “A construção do olhar sobre a fronteira a partir das fotografias presentes nas mídias eletrônicas”, em um primeiro momento realizamos a discussão sobre o papel da mídia na atualidade e, a força de influência que ela tem para a construção da opinião pública, para a partir dessa discussão, analisar qual é a relação que a mídia tem quando se trata das áreas de fronteira. Em um segundo momento, apresentamos os dados e informações obtidas no levantamento das fotografias presentes nas mídias eletrônicas (principalmente relacionadas a notícias) locais, regionais e nacionais que abordam questões relativas à fronteira. Buscamos construir nossas considerações sobre a temática estudada, procurando correlacionar com as referências teóricas trabalhadas.

No quarto capítulo – “Olhares sobre a fronteira de “dentro da escola””, apresentamos a relação do ensino de Geografia com a linguagem fotográfica, refletindo sobre qual é a imagem que os alunos têm sobre a fronteira, a partir de imagens fotográficas veiculadas nas mídias eletrônicas sobre essas áreas. Diante desta constatação, também discutimos a concepção de fronteira presente nos livros didáticos em uso no Ensino Fundamental e Médio no que se refere a imagens fotográficas. Assim, com base nessas discussões, realizamos, ao longo do capítulo, uma reflexão sobre as potencialidades da imagem fotográfica quando aliada ao ensino e o seu potencial educativo e construtor de determinadas concepções sobre a fronteira.

É importante qualificarmos qual é o recorte de fronteira que o estudo abrange. O Estado de Mato Grosso do Sul possui uma extensa faixa de fronteira¹ internacional com o Paraguai e com a Bolívia. O recorte estabelecido para esta pesquisa foi a fronteira do Brasil com o Paraguai, especificamente entre os municípios de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero – PY; Bela Vista (BR) e Bela Vista Norte (PY); Coronel Sapucaia (BR) e Capitán Bado (PY)².

O município de Ponta Porã está localizado a oeste do estado de Mato Grosso do Sul, vizinho da cidade de Pedro Juan Caballero (Departamento de Amambay - Paraguai). As duas cidades constituem uma única unidade urbana, delimitada por uma avenida, a Av. Internacional onde se concentram as atividades comerciais que atraem muitos consumidores. As duas cidades são unidas por uma fronteira seca, pois, entre as duas cidades não existem barreiras que dificultem ou impeçam a comunicação e o contato entre seus habitantes (OLIVEIRA, 2005). Ponta Porã é considerada cidade gêmea³ da cidade de Pedro Juan Caballero-PY.

¹ De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 20, § 2º, “A faixa de até cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras terrestres, designada como faixa de fronteira, é considerada fundamental para defesa do território nacional, e sua ocupação e utilização serão reguladas em lei. A lei que dispõe sobre a faixa de fronteira é a lei 6.634 de 02 de maio de 1979, regulamentada pelo Decreto-Lei 85.064 de 26 de agosto de 1980. (OLIVEIRA, 2005, p.31).

² É válido salientarmos, que as cidades fronteiriças foram escolhidas de acordo com as necessidades que o trabalho apresentava para o seu desenvolvimento, como por exemplo: as cidades que foram selecionadas tiveram seus sites eletrônicos sendo alimentados durante a realização da pesquisa, assim como cada site, possui as características necessárias para a captação das notícias e imagens. Fatores esses que não foram encontrados em outras cidades e sites de cidades fronteiriças do estado de Mato Grosso do Sul durante o período de realização do trabalho.

³ São consideradas cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho,

A cidade de Bela Vista (Mato Grosso do Sul) está localizada na fronteira do Brasil com o Paraguai, e é separada da cidade paraguaia de Bella Vista Norte (Departamento de Amambay – Paraguai) pela Ponte da Amizade, sobre o Rio Apa, e compõe uma das cidades gêmeas. Bela Vista está situada na região Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul.

Coronel Sapucaia localiza-se no Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, e faz fronteira seca com o município de Capitán Bado (Departamento de Amambay – Paraguai), sendo separadas apenas por uma avenida. Coronel Sapucaia e Capitán Bado são considerados cidades gêmeas da fronteira internacional Brasil-Paraguai. Na figura a seguir podemos visualizar a localização dessas cidades fronteiriças.



Figura 1- Localização das cidades gêmeas abordadas na pesquisa

Organização: Ana Gláucia Seccatto, 2015.

assim como manifestações "condensadas" dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeito diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania. (BRASIL, 2014).

Para o desenvolvimento do trabalho utilizamos a seguinte metodologia: realizamos a seleção de *sites* que divulgaram notícias sobre a fronteira Brasil-Paraguai no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2014 (período da realização dos estudos do mestrado). Essa seleção foi realizada a partir dos seguintes procedimentos: primeiro escolhemos três sites de notícias de cidades fronteiriças de Mato Grosso do Sul, a saber: (www.frenteiranews.com) de Bela Vista (MS), (www.pontapora.com e www.pontaporainforma.com.br)⁴ de Ponta Porã (MS) e (www.radialistapauloescobar.blogspot.com.br (CoronelSapucaia.com)) de Coronel Sapucaia (MS).

Depois, selecionamos mais um jornal eletrônico da cidade de Dourados (MS) que apesar de não ser uma cidade de fronteira, mas por estar muito próxima dessas cidades fronteiriças, principalmente da fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero (PY) e por ser o grande centro perto delas, sofre muitas influências dessa linha fronteiriça e veicula muitas notícias de toda a região de Dourados e, conseqüentemente, da fronteira. Nesse sentido, optamos pelo *site* de notícias (www.douradosnews.com.br). Por fim, escolhemos um jornal eletrônico de abrangência nacional, o qual consideramos ser de amplo acesso para a população e que permite a comparação e análise das imagens presentes nas notícias sobre a fronteira que circulam em nível nacional. O *site* selecionado foi UOL Notícias (www.noticias.uol.com.br).

Feita essa seleção dos *sites*, a metodologia utilizada para a captação das notícias com imagens sobre a fronteira foi realizada com a ajuda do campo de busca que cada *site* possui. A busca se deu a partir da palavra Fronteira, e assim todas as notícias que tinham a palavra em sua constituição foram analisadas, e selecionadas as que atendiam às seguintes especificações: terem uma imagem fotográfica a acompanhando e, terem sido divulgadas no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2014⁵.

É válido ressaltarmos que não encontramos *site* de notícias das cidades paraguaias (Pedro Juan Caballero, Bela Vista Norte e Capitán Bado) que atendessem às especificações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa, inclusive alguns não informavam datas nas

⁴ Salientamos que utilizamos dois *sites* da cidade de Ponta Porã, pois devido ao período selecionado, um deles apresentou notícias apenas no ano de 2013, sendo que em 2014 não foi mais alimentado, e o outro entrou no ar apenas em 2014. Para atender os objetivos do trabalho de analisar o período dos dois anos, e devido a outros *sites* não atenderem às especificações necessárias para a realização da pesquisa, como campo de busca por exemplo, adotamos então, a utilização dos dois *sites*.

⁵ Todas as notícias que atenderam a essas especificações fazem parte de um banco de dados gravados em um CD, que pode ser encontrado no final deste trabalho.

notícias e outros não possuíam o campo de busca, o que impossibilitou o desenvolvimento da metodologia adotada.

Diante das reflexões realizadas ao longo do estudo e, do entendimento de que imagens estão a todo o momento presente em nossas vidas, sendo observável a marcante presença da cultural visual na sociedade contemporânea, destacamos a importância que as imagens fotográficas vêm assumindo no mundo, e as suas potencialidades nos processos educativos. É fato também, que as imagens são amplamente divulgadas principalmente pelas mídias eletrônicas, e essas imagens podem criar e reproduzir conceitos e pré-conceitos sobre os mais diversos temas, como discutiremos no texto em relação a realidades sobre as áreas de fronteira entre Brasil e Paraguai.

Assim, as amarrações das principais ideias discutidas no decorrer do trabalho e conclusões demonstram a importância da alfabetização e letramento visual, para o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem aos indivíduos a análise, contextualização e interpretação da linguagem imagética. Acreditamos que o ensino de Geografia pode contribuir para a alfabetização e letramento visual, pois, a linguagem imagética proporciona potenciais didáticos no processo de alfabetização geográfica, auxiliando na compreensão do mundo.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO PELAS IMAGENS E AS POTENCIALIDADES DA LINGUAGEM FOTOGRAFICA

O surgimento das diversas tecnologias de produção de imagens intensificou a circulação de imagens fotográficas nos diversos veículos midiáticos. Especificamente na mídia eletrônica, as informações e as imagens são veiculadas com grande velocidade, exigindo que os indivíduos saibam a melhor maneira de lidar com elas, em outras palavras, que saibam decodificá-las e interpretá-las. Neste contexto, as imagens fotográficas assumem fundamental importância por se fazerem presentes cada vez mais na vida da sociedade. Porém, temos que estar atentos para não sermos reprodutores de ideologias, pois com a grande velocidade de veiculação de informações frequentemente utilizam-se das imagens fotográficas para manipular a opinião pública, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos.

Frente a esta realidade, nosso objetivo neste capítulo é realizar uma discussão teórica sobre a importância que as imagens possuem atualmente na sociedade e nos processos educativos, destacando as características e as potencialidades que linguagem fotográfica tem no processo de conhecimento e entendimento de mundo ao nosso redor.

Com o intuito de atingir este objetivo, o capítulo está estruturado em dois subtítulos: o primeiro intitulado “Educação e cultura visual na atualidade” no qual discutiremos sobre a marcante presença que as imagens possuem na sociedade contemporânea e a necessidade de os indivíduos serem alfabetizados visualmente para desenvolverem habilidades para retirar e compreender as mensagens presentes nelas. No segundo subtítulo intitulado “A fotografia e suas potencialidades na educação do olhar” refletiremos sobre as potencialidades de construção de conhecimento presentes na linguagem fotográfica.

1.1 Educação e cultura visual na atualidade

Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido.
(Rubem Alves, 2005)

Iniciarmos uma reflexão a partir da epígrafe acima, do autor Rubem Alves, propõe refletirmos que não basta não ser cego para ver, pois de acordo com o autor há muitas pessoas sem nenhum problema de visão, mas que mesmo assim, nada vêem. Isto porque, a habilidade de ver expressa pelo autor não está relacionada ao órgão de sentido da visão explicitamente, mas sim, aquela visão que nos leva a entender o sentido da imagem, a mensagem que está por trás dela, “não basta ver por ver”, tem que se compreender a produção comunicativa da imagem, e isto não é uma característica natural do ser humano, é uma habilidade que necessita ser aprendida e exercitada, para que passe a fazer parte do dia a dia dos indivíduos.

Relacionar o discurso de Alves, que o ato de ver precisa ser apreendido, com as fases de alfabetização é dizer que as duas ocorrem em processos parecidos, ou seja, a alfabetização da escrita começa pelo reconhecimento das letras, das formas, da formação das palavras, tudo com o intuito da aprendizagem e do domínio dos códigos da linguagem. Da mesma forma deve ocorrer com a alfabetização imagética: o reconhecimento das formas, das cores, e o entendimento de como os elementos das imagens constroem sentidos, decodificando os códigos visuais são fundamentais para a compreensão da linguagem imagética.

Nesse sentido, em concordância com Acaso (2006) as imagens “são representações que precisam ser consideradas também a partir da sua função geradora de conhecimento, isto é, capazes de modificar nossa maneira de pensar e ver o mundo”, e assim, ao sermos alfabetizados também na linguagem imagética compreenderemos a realidade a nossa volta, utilizando as potencialidades que a imagem tem no processo de construção do conhecimento e do entendimento do mundo ao nosso redor.

A presença da linguagem imagética no mundo é muito mais antiga do que a própria presença da escrita, pois desde os primórdios da civilização, o homem já se utilizava das imagens como um meio de comunicação por meio das pinturas nas cavernas, as chamadas pinturas rupestres. De acordo com Lima (2008. p. 03):

Sabe-se que uma das primeiras formas de comunicação do homem se deu através das pinturas e desenhos feitos nas cavernas. Até hoje estas imagens são utilizadas para investigar como era a vida na Pré-História. Por milhares de anos o homem vem contando sua história por meio das imagens; o que produz e o que mudou ao longo dos séculos foi a tecnologia utilizada para a confecção destas imagens, principalmente com a descoberta da fotografia e de outros meios como o cinema e o computador.

Neste contexto, é importante salientarmos, em concordância com Lima, que as imagens não tinham tanta importância nas sociedades pré-modernas, pois não havia tanta divulgação delas como temos nos dias de hoje. Tal fato é caracterizado, principalmente, pelos meios de comunicação em massa, que permitem na atualidade a junção entre o visual e o textual. Fato que fica explícito diante das várias pesquisas e trabalhos acadêmicos que surgiram em torno dos estudos das imagens como instrumento comunicativo, mostrando que essa junção é possível.

A sociedade é cada vez mais visual; cotidianamente nos deparamos com uma grande quantidade de imagens em circulação. O advento da globalização aumentou consideravelmente o número e a difusão dessas imagens, devido o surgimento de novos instrumentos de produção das imagens, como modernas câmeras fotográficas e aparelhos de edição, e dos meios por onde elas se propagam, como as televisões, a internet, os meios impressos, entre outros, os quais estão transmitindo comunicação por meio de imagens, pois elas, como outras linguagens, são transmissoras de comunicação e nos permitem ver, compreender e extrair delas mensagens e interpretações, como afirma Silva (2011, p.1):

Vivemos numa sociedade com intensas transformações tecnológicas na qual uma avalanche de imagens tem atravessado o espaço social e onde o espetáculo exerce uma influência considerável nas relações sociais. Por todos os lugares que andamos, encontramos estímulos visuais que formam sentidos e criam significados.

Diante desta premissa, e da percepção de que é cada vez maior a circulação de imagens na sociedade contemporânea, sendo elas dotadas de capacidades comunicativas, repletas de sentido e criadoras de significados, é visível a sua contribuição no entendimento do mundo a nossa volta, sendo notável o estímulo que muitos pesquisadores tiveram para se dedicar a estudar a linguagem imagética e descobrir as potencialidades que elas carregam consigo.

No campo acadêmico as pesquisas avançam em um caminho de estudos sobre a linguagem imagética que não se resumem ao tratamento delas como sendo meras ilustrações;

os pesquisadores estão buscando explorar as suas potencialidades e contribuições para pensar e compreender o mundo. Dentre muitos trabalhos sobre as linguagens imagéticas, percebemos uma corrente de autores que atribuem esta marcante presença das imagens como sendo uma “cultura visual”, o que de acordo com Lima (2008) vem sendo utilizado para estudar e entender o mundo contemporâneo, que se encontra cada vez mais influenciado e construído pelas imagens. Frente a este contexto, cabe-nos aqui entendermos mais sobre o que seria essa cultura visual para podermos seguir em nossa reflexão sobre a linguagem imagética.

De acordo com Aguirre (2011) foi Mitchell (2003) que definiu o que seria cultura visual como sendo “o estudo que abarca tanto as representações visuais que as constituem, como a forma na qual são vistas” (AGUIRRE, 2011, p.74). Nesse sentido, percebemos que a cultura visual é, então, um conjunto de processos e práticas cotidianas de olhar, de observar e retirar significações das imagens, porque este exercício visual não acontece de modo isolado, mas sim através de um conjunto entrelaçado de práticas, experiências e percepções a partir do olhar e do observar as imagens. Para Tourinho (2011, p. 4):

A cultura visual é um campo de estudo emergente e transdisciplinar que se fundamenta no princípio de que as práticas do ver são construídas social e culturalmente. Considerando o alargamento, a vitalidade e a pregnância dessas práticas, a cultura visual discute impactos e implicações das experiências de ver e ser visto na contemporaneidade.

Tourinho (2011) complementa o pensamento de Mitchell, relatando que a cultura visual se fundamenta nas práticas de ver, e que essas práticas são construídas social e culturalmente, sendo transformadas então com o tempo; as práticas de ver do passado não são as mesmas que na contemporaneidade, isto porque o ato de ver e compreender o que é visto é feito por meio de experiências que os sujeitos carregam consigo, e com certeza a cada época e cada sujeito terá experiências diferenciadas.

Hernández (2011) também contribui com essa ideia sobre cultura visual; para ele, a leitura das imagens possibilita-nos pensar o mundo e pensar a nós mesmos como sujeitos atuantes neste mundo.

Isso significa considerar que as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos. Em suma, fixam a realidade de como olhar e nos efeitos que têm em cada um ao ser visto por essas imagens. (HERNÁNDEZ, 2011, p.33)

Portanto, Hernández propõe que devemos refletir sobre os feitos das imagens nos sujeitos visualizadores, e essa reflexão dá-se por meio dos estudos da cultura visual que permite um campo de reflexão e indagação dessas imagens que não se limita apenas no ver por ver, mas pensar as imagens de forma que construam significados sobre nossa realidade e que ajude os próprios sujeitos a verem e serem vistos por meios dessas imagens, como nos relatam Tourinho & Martins (2011, p.57):

A cultura visual não deve ser definida e caracterizada como um repertório imagético, mas como uma maneira de pensar e abordar imagens e artefatos que constituem sentidos e significados para e com esse mundo cultural-eletrônico-digital. Em síntese, usando as palavras de Brea (apud López, 2006, p.3), a cultura visual é um campo de indagação reflexiva que permite diferentes entradas sobre o visual e que não se limite exclusivamente a análise do “artístico”, mas que o compreende dentro de uma série de dinâmicas culturais muito mais amplas.

Neste contexto, a presença inquestionável da imagem na sociedade contemporânea e sua relevância na constituição da compreensão trazem à tona uma necessidade gritante para os indivíduos, a necessidade de modificação do ato de olhar e ler a imagem, pois é a leitura e a interpretação da imagem que a torna viva e real a sua existência como um texto produtor de sentidos. Para Joly (2007, p.1):

Somos consumidores de imagens; daí a necessidade de compreendermos a maneira como a imagem comunica e transmite as suas mensagens; de fato, não podemos ficar indiferentes a uma das ferramentas que mais dominam a comunicação contemporânea.

Complementando essa ideia, podemos dizer que a facilidade com que as imagens são produzidas e que invadem nosso cotidiano, tornando-se a linguagem que mais domina a comunicação em nossa sociedade, é notável a necessidade de buscarmos maneiras de desenvolver habilidades para compreender as mensagens que elas nos transmitem.

Nossos olhos estão o tempo todo recebendo informações por meio de imagens. O que contribui para a necessidade da alfabetização visual, pois, em alguns casos não é necessário que haja a escrita para que possamos nos comunicar, mas torna-se imprescindível que sejamos capazes de ler e interpretar a mensagem da imagem para haver comunicação. (TONI & MARTINS, 2011, p.1)

Diante do exposto, fica evidente a necessidade da alfabetização visual nos dias atuais, tendo em vista a saturação de imagens presentes na sociedade. Tal fato nos permite fazer um gancho com a epígrafe que deu início à nossa reflexão, do autor Rubem Alves, o qual nos fala que o ato de ver tem que ser aprendido, pois não é uma habilidade natural que nasce com o ser humano. Todos nós quando nascemos com a visão perfeita somos capazes de enxergar tudo o que está à nossa volta, mas, mesmo assim precisamos aprender a ver, a decifrar e interpretar a linguagem imagética para não sermos “analfabetos visuais”. Essa alfabetização, para muitos pesquisadores, se dá pela reeducação do olhar, e nessa direção seguem muitos autores como Silva (2010, p.11) que afirma que “uma das formas de estimular o olhar é através da reeducação visual. Reeducação porque, desde que nascemos, pertencemos a uma cultura que não valoriza esta reflexão das imagens”.

Por muito tempo as imagens foram vistas como ilustrações dos textos verbais, e não se explorava seu potencial de comunicação. Só mais recentemente essa visão vem sendo mudada e as imagens estão sendo exploradas como portadoras de sentido e comunicativas. Carneiro (2005) contribui bastante em nossa reflexão sobre reeducar o olhar, pois de acordo com a autora é preciso ensinar a olhar sobre o que se vê, sobre a importância ou não do que é apresentado, sua pertinência e validade, sendo necessária uma reflexão e desenvolvimento do senso crítico.

É necessária reflexão, pois é isso que nos diferencia. Desenvolver o senso crítico e contribuir para a formação política, que é uma das grandes colaborações dadas à nação. Incentivar a reflexão é formar cidadãos participativos e críticos, que saibam utilizar a democracia e usufruir dela com equidade. (CARNEIRO, p.35, 2005)

Ainda de acordo com Carneiro, o olhar é o resultado de nossa leitura sobre o mundo, e aprendemos a olhar olhando e indagando e pensando sobre nosso próprio olhar.

A educação do olhar torna-se oportuna diante do agravamento da crise de valores que atinge o âmago da sociedade. É preciso se ensinar a olhar sobre o que se vê ou sobre o que se apresenta, pois o olhar deve ser exposto, discutido e até modificado. Aprendemos a olhar olhando e refletindo sobre o nosso olhar. (CARNEIRO, 2005, p. 33)

É importante salientar que Carneiro aponta que é preciso olhar detalhadamente, o olhar de percepção e de curiosidade, e que de acordo com ela, não fomos educados para isto, ao contrário, nossos olhos foram vendados, neles foram depositadas muitas informações que foram se cristalizando e provocando cegueira, ou em outras palavras, o nosso olhar se

cristaliza naquilo que queremos ver, olhar esse que é impregnado de estereótipos, e dessa maneira não nos dá a possibilidade de ver o diferente, de visualizar a imagem de maneira diferente dos outros, desenraizando os pré-conceitos adquiridos ao longo de nossas vivências. Uma pessoa alfabetizada visualmente é capaz de ver além do que está em primeiro plano, entendendo a complexidade envolvida e expressa na imagem, dialogando e revelando os sentidos da imagem.

O ser humano é dotado de capacidades que lhe permitem interagir com o mundo, dentre essas capacidades, na percepção de Bemfica & Azevedo (2012) a visão é mais plena quando se contemplada com o sentido interior da imaginação, pois, para os autores ao valorizar o olhar como símbolo de reflexão representa um aspecto fundamental para a fruição, na apreensão tanto do expectador como do leitor, sem culminar numa percepção ou leitura imediata. E assim “conforme vai ocorrendo o amadurecimento, é possível que essas pessoas consigam sentir, perceber, discernir, interpretar, refletir, e as reflexões feitas sob um novo olhar vão modificando a visão de mundo”. (BEMFICA & AZEVEDO, 2012, p.54).

Nesta mesma linha de pensamento sobre as necessidades de aprender a ver e de desenvolver habilidades potenciais no ato de ver e entender as linguagens visuais segue Gombrich (1986 *apud* LIMA, p. 6, 2008) que relata que “para ver, é necessário antes, aprender a ver. O aprendizado acontece por meio de um “infinito retrocesso”, a explicação de uma coisa em termos de uma outra anterior”. Deste modo, para o autor, as interpretações acontecem por meio de assimilações, buscamos sentido nas imagens através de vivências e experiências próprias; podemos definir, em síntese, que a alfabetização visual é o desenvolvimento de habilidades e percepções para observar e entender os significados que as imagens carregam.

Em concordância com Silva (2010), os sujeitos fixam representações sobre si mesmos, sobre o mundo e sobre os modos de pensar a partir das reflexões tidas por meio da linguagem imagética. Para Hernández (2000 *apud* SILVA, p. 13, 2010) “a importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos”. Ainda neste contexto, Silva (2010, p.13) aponta que:

A compreensão da cultura visual significa reconhecer que vivemos cercados de uma extraordinária variedade de imagens. Aproximando-se delas, temos a oportunidade de estudar a capacidade das culturas para produzi-las no passado e no presente, conhecer seus significados, e como estas imagens afetam nossa percepção sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos.

Partindo desta premissa, a partir do momento em que encaramos que vivemos em uma sociedade visual, iremos caminhar em busca de expandir nossos pensamentos sobre a linguagem imagética; não iremos apenas ver a imagem por ver, mas buscaremos estabelecer diálogos e compreensões de como olhamos e somos afetados por essa linguagem imagética, e o que essa representação contribui para a construção da identidade de cada visualizador e a sua forma de ver o mundo. Isto porque a interpretação da imagem não levando em consideração esse campo, não fará sentido para o indivíduo.

Nesse sentido, quando o potencial da imagem como instrumento de comunicação foi percebido pelo homem, elas deixaram de ter um papel secundário de entendimento dos fatores que os rodeiam. A esse respeito, Lima (2008, p.3 *apud* CAMARGO, 2007) afirma que:

Na medida em que o homem evoluiu entende-se que as imagens fazem parte do mundo e também de determinados contextos culturais, sendo assim as diferentes maneiras de interpretá-lo a partir de diversos pontos de vista são também formas de construirmos imagens mentais. Portanto as imagens passaram a ser narrativa do mundo, estabelecendo diálogos com “o mundo e não serem apenas representações dele”.

Desta forma, as imagens passaram a ser utilizadas como possibilitadoras de diálogos com o mundo e não apenas como mera representação ilustrativa dele. Frente a estas reflexões, não resta dúvida de que precisamos ser alfabetizados para a leitura das imagens, desenvolvendo métodos e estratégias de compreensão da cultura visual. Atribuímos as nossas reflexões às contribuições de Nunes (2012) sobre letramento visual. De acordo com a autora é no hábito do exercício da leitura da imagem que se dá o letramento visual, e esse letramento visual refere-se a:

Um grupo de competências visuais que um ser humano pode desenvolver por meio da visão e ao mesmo tempo vivenciando e integrando outras experiências sensoriais. O desenvolvimento dessas competências é fundamental para a capacidade natural de aprendizagem humana. Quando desenvolvidas, elas possibilitam que uma pessoa visualmente letrada discrimine e interprete as ações visuais, objetos, símbolos, naturais ou constituídos pelo homem, que se encontrem no mundo que a cerca. Por meio do uso criativo dessas competências, essa pessoa torna-se capaz de se comunicar com outras. Por meio do uso apreciativo dessas competências, ela torna-se capaz de compreender fruitivamente as obras da comunicação visual. (DEBES,1969 *apud* NUNES, p.5, 2012)

O desenvolvimento de competências e habilidades é fundamental para as aprendizagens humanas; para a prática da leitura visual não seria diferente. É fundamental que o indivíduo tenha esse desenvolvimento para compreender os significados e sentidos que constituem a imagem e essas competências e habilidades são adquiridas a partir do exercício da leitura da linguagem imagética, que se inicia com o processo de um simples olhar em busca de seu entendimento e decodificação. Nunes sintetiza como ocorre o processo da leitura da imagem relatando que:

Primeiro olhamos, somos capturados pelo que vemos, para então nos deixarmos apreender pelo texto e suas qualidades sensíveis as quais procuramos identificar de modo a compreendê-las e sermos capazes de com elas produzirmos sentido para aquilo que ao final estamos lendo. O processo da leitura da imagem, portanto, inicia com um simples olhar e busca a complexificação do ver que lê a imagem, compreende o seu modo de constituição e produz sentido. (NUNES, 2012, p.8)

Ao compreender que a prática do educar o olhar não se limite em dizer o que vê, mas que buscar sentido e entender o que se vê, a partir de referências e habilidades próprias é caminhar em direção do letramento visual, para Nunes (2012) à medida em que o sujeito tomar consciência de como as formas de expressões gráficas e plásticas fazem parte do espaço gráfico da imagem agindo e interagindo com suas cores e formas, ele estará desenvolvendo habilidades para ler o texto imagético produzindo e percebendo os sentidos dessas leituras. Assumir essa posição de ver a imagem como promotora de significados, levando em consideração os elementos e as ferramentas que as constroem, é perceber os componentes que nos ajudam a compreender o texto imagético. Assim, Nunes ressalta que:

Em outras palavras, trata-se de reconhecer os componentes sensíveis que nos permitem ver o texto imagético: tamanho, formato, forma, cor, textura, composição, enfim, tudo que constitui e estabelece relação na imagem, possibilitando a sua capacidade comunicativa e, não apenas, ornamental. O letramento visual, portanto, passa por uma prática que não exige a produção de uma imagem valendo-se das ferramentas da linguagem plástica, mas sim a percepção sensível desses elementos plásticos de modo que se compreendam as suas possibilidades produtoras de sentido na constituição de uma imagem. (NUNES, 2012, p.4)

Nesse sentido, é fundamental que o indivíduo leve em consideração as formas, cores e texturas que foram utilizadas na produção para compreender como esses elementos produzem sentido na constituição dessa imagem, não levando em consideração apenas as suas características estéticas, mas interagindo com elas, e compreendendo que as imagens

carregam consigo expressões comunicativas e o entendimento destas expressões depende da reflexão e interação com o observador.

Ao longo do texto utilizamos dois termos para nos referirmos à necessidade dos indivíduos desenvolverem habilidades que os permitam ler e interpretar as linguagens imagéticas, sendo eles o “letramento” e a “alfabetização” visual. Desta forma, é necessário que realizemos uma discussão sobre os termos para ficar claro o que estamos discutindo e/ou provocando pensamentos. E também para o entendimento do porque passaremos a utilizar o termo alfabetizar letrando visualmente, e o que esse conceito abarca.

É válido salientar que os termos letramento e alfabetização são processos distintos, porém indissociáveis e interdependentes. De acordo com a Filgueiras (2004), as atividades referentes ao processo de alfabetização referem-se à aquisição do código da escrita e da leitura, em suma, podemos dizer que alfabetizar é aprender a ler e escrever. Já o termo letramento é o uso das práticas sociais da leitura e da escrita, ou seja, as atividades de letramento são aquelas onde existe uma interação com o material escrito, lendo e escrevendo diferentes gêneros em variados suportes, para diferentes interlocutores, isto é, uma preocupação com os usos sociais da leitura e da escrita. (FILGUEIRAS, 2004).

O termo Letramento surgiu devido à necessidade de nomear comportamentos e práticas sociais no desenvolvimento do processo da leitura e da escrita que ultrapassam o domínio do nível da aprendizagem da língua escrita no processo de alfabetização. Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário que os educandos irem além da alfabetização funcional⁶, sendo importante que eles façam o uso e se envolvam nas atividades de leitura e escrita. Para entrar no universo do letramento, o aluno precisa apropriar-se do hábito de ler jornais, revistas, livros e entre outros; com esse convívio efetivo com a leitura, ele irá apropriar-se da escrita. O letramento pode ser definido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais. Frente a este contexto, destacamos que é necessário alfabetizar letrando os educandos, ou seja, ensinar a criança a ler e escrever por meio das práticas sociais da leitura e da escrita (SOARES, 2004).

Nesta perspectiva de alfabetizar letrando, aproximamos os termos alfabetização e letramento visual. Partindo do entendimento de que as novas práticas de leitura e de

⁶ Denominação dada àquelas pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer o uso da leitura. A Alfabetização funcional indica que além de possuir habilidades de leitura e escrita, a pessoa deve saber utilizá-las, processando diferentes textos em diferentes contextos e situações comunicativas. (RIBEIRO, 2006)

compreensão das diversas linguagens presentes no mundo contemporâneo, como as linguagens imagéticas, que veem exigindo dos indivíduos além das habilidades de ler e escrever, que desenvolvam habilidades para compreender a informação visual, presente nas linguagens imagéticas que permeiam seu cotidiano e as práticas sociais, torna-se de fundamental importância o desenvolvimento dessas habilidades, assim como ocorre na alfabetização e domínio dos códigos da linguagem verbal, por meio do processo de alfabetização e letramento da escrita.

Tendo em vista que a imagem é um código, e sendo o processo de alfabetização do código verbal o que permite aos indivíduos compreenderem as mensagens presentes nos códigos verbais, estendemos o campo da alfabetização também para o campo imagético, porque a imagem como código também comunica informações como as letras e necessitam ser interpretadas, permitindo aos indivíduos verem nas imagens além do que elas apresentam em um primeiro olhar, percebendo e entendendo suas nuances, cores, texturas, cenários e intencionalidades.

No que se refere ao letramento, como no campo do código verbal, das práticas de uso social da leitura e da escrita, no campo imagético ele também está presente, sendo a leitura competente de imagens nas práticas sociais (SILVINO 2012 *apud* ROCHA, 2008). O letramento visual é a capacidade de ver, ler e interpretar as informações apresentadas nas imagens. O indivíduo letrado visualmente olha, analisa cuidadosamente e percebe a intencionalidade da imagem. Neste processo ele reúne informações contidas nas imagens colocando-as no seu contexto e determinando se elas são ou não importantes para a construção do seu significado (SILVINO, 2012).

Portanto, como apontado em relação ao processo de alfabetização e letramento do código verbal, esses dois termos devam caminhar juntos, no campo imagético isto também deve ocorrer. Destacamos, então, que deva ocorrer a alfabetização e letramento visual para que os indivíduos sejam capazes ler e entender que as imagens também comunicam informações, sendo marcadas ideologicamente tanto para o bem quanto para o mal, fazendo-se necessário a sua decodificação e entendimento, pois atualmente não basta somente a leitura da palavra, mas também o domínio da leitura imagética.

Estando diante de uma era caracterizada pela cultura visual, estamos sujeitos a sermos manipulados pelas imagens; isto porque não estamos preparados para entendê-las no seu sentido e significado, e assim, acabamos por reproduzir concepções homogêneas, pois

somos influenciados a pensar como a maioria. E este é grande desafio que a sociedade contemporânea tem à sua frente, o de ser alfabetizado e letrado visualmente nas diversas linguagens visuais.

Neste contexto, destacamos a importância da alfabetização e letramento visual para a compreensão e decodificação da linguagem fotográfica⁷, tendo em vista que ela é tida como a verdadeira reprodução da realidade, e sem saber ler a imagem fotográfica, os indivíduos, muitas vezes, acabam disseminando e reproduzindo estereótipos.

Na sequência, refletiremos sobre as potencialidades de construção de conhecimento presentes na linguagem fotográfica.

1.2 A fotografia e suas potencialidades na educação do olhar

Na contemporaneidade a difusão da fotografia é praticamente instantânea; ela faz parte do cotidiano da maioria da população mundial, estando sempre ao alcance dos olhos e das mãos, através da publicação simultânea nos diversos meios de comunicação, seja *online* ou impressos.

As temáticas que envolvem as potencialidades da linguagem imagética, em especial a fotográfica, estão ganhando cada vez mais notoriedade na sociedade como uma linguagem repleta de conteúdos significativos para a compreensão do mundo.

A história da fotografia, de acordo com Maya (2008), está ligada à busca do homem em eternizar os momentos da vida, ou seja, congelar o tempo por meio de representações.

As fotografias do passado ou objetos-imagens se tornaram documentos visuais para a ciência e a arte, representando um testemunho material da atuação do fotógrafo, como indivíduo e componente de uma sociedade. Assim, o passado aparece como um composto de imagens fotográficas, na forma de lembranças, guardando a realidade. O observador percebe a presença fixa de uma realidade que se foi, e só existe, no presente, como um simulacro. (MAYA, 2008, p. 107)

Notamos, assim, que a fotografia propicia ao observador uma viagem ao passado, com representações eternizadas em suas imagens; elas se apresentam como documentos

⁷ Vale ressaltar que, quando falamos em linguagem fotográfica estamos nos referindo à foto, a imagem fotográfica especificamente. E quando falamos em linguagem imagética, estamos nos referindo a todas as comunicações feitas através das imagens, sejam elas cinematográficas, pictóricas, fotográficas e entre outras que apresentem um potencial comunicativo.

visuais possibilitando aos sujeitos a visualização de realidades de uma época que já não existe mais, portanto, a fotografia é uma fonte histórica (KOSOY, 2002).

Apesar de ter surgido no século XIX, a fotografia começou a ser inventada ainda na Antiguidade. Quando se descobriu o princípio mais importante para a sua invenção e o princípio básico das câmeras fotográficas, o advento da câmera escura⁸, a fotografia não tem apenas um inventor, pois ela é a composição de várias observações e invenções que aconteceram em momentos distintos (FREEMAN, 1988).

De acordo com Maya (2008) os primeiros registros da invenção fotográfica surgiram na França em 1839 e em seguida na Inglaterra, e foram os avanços tecnológicos que criaram espaços para a inserção de novos estudos e pesquisas, e que permitiram que o francês Louis Daguerre e o inglês Henry Talbot, desenvolvessem estudos em busca de deter as imagens de objetos nos materiais fotossensíveis dentro da câmara escura.

A fotografia inaugurou o processo da produção de imagens fotoquímicas, rompendo com as tradições pictóricas do desenho, da pintura e da gravura, também chamadas pré-fotográficas, pela maneira de olhar, de entender a obra de arte e o mundo. Determinou, assim, um novo código visual, a partir do momento em que passou a ser vista como objeto antropológicamente novo. (MAYA, 2008, p.104)

Nesta linha, Maya salienta que a imagem artesanal foi aos poucos sendo substituída pela imagem fotográfica, concretizando que a nova invenção veio para ficar, e, desde então, após o surgimento da fotografia, a cada dia que passa surgem mais e mais equipamentos de produção de imagens fotográficas, tornando-as popularizadas nas diversas camadas sociais: “a fotografia representou um novo e importante salto em termos de multiplicação e difusão da informação, além de abrir novos campos nas representações visuais” (MAYA, 2008, p.104).

No início, logo após a sua invenção, a imagem fotográfica era utilizada com um intuito de perpetuar a imagem do homem ao longo do tempo, o que já era feito através dos costumes de eternizar paisagens e retratos de famílias pela linguagem pictórica, só que com um diferencial, agora esses retratos passaram a ter um grau a mais de realidade através das fotografias.

A análise dos primeiros ensaios fotográficos mostrou que, desde o início, esse novo invento se pautou, sobretudo, num repertório derivado da tradição pictórica (retratos, paisagens, naturezas-mortas). Assim, o retrato

⁸ Esta câmera era um quarto estanque à luz, possuía um orifício de um lado e a parede à sua frente pintada de branco. Quando um objeto era posto diante do orifício, do lado de fora do compartimento, a sua imagem era projetada invertida sobre a parede branca. (FREEMAN, 1988, p.2)

fotográfico, que, sob diferentes sistemas e segundo a tecnologia de cada época, já havia então se tornado uma necessidade, mostrou ao homem uma nova possibilidade de perpetuação de sua própria imagem. (MAYA, 2008, p.108)

De acordo com Maya, a fotografia passou a ter uma nova função social quando transformou em imagem o que a sociedade vivia, registrando os acontecimentos e momentos que só existiam até então na lembrança; fotografar se tornou moda em todos os momentos da vida, proporcionando o surgimento dos álbuns fotográficos.

Com o passar do tempo e ao se perceber nas fotografias a capacidade e o potencial de disseminar informações, as imagens fotográficas foram sendo utilizadas para dar maior visibilidade às notícias veiculadas nos jornais e revistas. A introdução dessa linguagem nos meios de informação despertou a atenção dos leitores que acabavam lendo a notícia, à medida que as imagens chamassem sua atenção e/ou curiosidade. Com o desenvolvimento das tecnologias, e a criação e adventos de produção e reprodução de imagens fotográficas, os meios de comunicação passaram a se utilizar cada vez mais dessa linguagem, e hoje quase não vemos uma notícia onde quer que seja que não tenha acompanhada a ela uma imagem fotográfica.

Tendo realizado essa revisão bibliográfica sobre o surgimento da fotografia, podemos, então, refletir sobre a importância da linguagem fotográfica na atualidade nos perguntando o que seria dos livros, revistas, jornais, propagandas e a publicidade em geral sem a presença da linguagem fotográfica? Percebemos que seriam muito monótonos, pois compartilhamos da ideia do ditado popular “uma imagem vale mais que mil palavras”, e em muitos casos ela nos revela até mais do que o próprio texto verbal. E em outros campos, como o da ciência, a imagem fotográfica faria uma falta enorme, pois quase todos os campos de estudos científicos recorrem à fotografia como apoio a suas pesquisas e investigação empírica. Diante deste contexto, percebemos que a fotografia se faz presente em quase todas as atividades do homem, sendo consumidor ou produtor delas, o homem está em constante contato com elas.

Cabe ressaltar que as fotografias desde o seu surgimento até nos dias atuais onde quer que apareçam, apresentam-se como uma representação de algo realmente existente, e é aceita e utilizada como “prova definitiva, “testemunho da verdade” do fato ou dos fatos” (KOSSOY, 2002, p.19). Em outras palavras, podemos dizer que as fotografias são aceitas

como a pura reprodução da realidade, sempre se tem nelas uma grande credibilidade, conforme nos aponta Kossoy (2002, p. 19):

Graças a sua natureza fisicoquímica e hoje eletrônica de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes fatos se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade. Se, por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de sua ação sobre os outros homens e sobre a natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre se prestará aos mais diferentes e interesseiros usos dirigidos.

O autor salienta que a fotografia tem o *status* de credibilidade junto às pessoas, e se de um lado registra e eterniza diversas atividades humanas, do outro lado é utilizada para os diferentes fins e interesses. De acordo com Kossoy, é devido ao alto grau de confiança que a sociedade tem nas imagens fotográficas que acaba propiciando que elas sejam veiculadas com a intenção de manipular a opinião pública, criando e reproduzindo preconceitos, intolerâncias religiosas, e etc., pois com a grande velocidade da veiculação de informações, observamos que frequentemente utilizam-se das imagens fotográficas para manipular a sociedade, podendo exercer o papel de alienação nos indivíduos.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação. (KOSSOY, 2002, p. 20)

Notamos, assim, a partir das contribuições de Kossoy que essa manipulação só é possível por causa da confiança que as pessoas têm nas informações contidas nas imagens fotográficas. Por se tratarem de um recorte espacial feito em um determinado momento, as fotografias funcionam como uma imagem congelada do passado, seus conteúdos são aceitos como expressão da verdade.

Diante deste entendimento, Kossoy afirma que as imagens devem ser sempre consideradas como fontes históricas de abrangência multidisciplinar, e que devemos sempre ver as imagens fotográficas como um ponto de partida para desvendar o passado, e não como verdadeira reprodução dele; as fotografias são documentos que necessitam decifrar conceitos, atitudes e omissões pensadas, deve-se explorar o potencial documental da imagem.

As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos

desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (KOSSOY, 2002, p. 21)

Neste sentido, o autor defende que a decifração das imagens vai além das aparências, e que sua realidade interior deve ser desvendada segundo métodos adequados de análise e interpretação, pois, se não ocorrer desta forma, permaneceremos na superfície das imagens, iconografias ilustrativas sem densidade histórica. Nesta abordagem, Kossoy afirma que o potencial informativo da imagem fotográfica poderá ser alcançado conforme os seus fragmentos forem contextualizados nos múltiplos desdobramentos da trama histórica, sendo eles sociais, políticos, econômicos, culturais e entre outros, presentes no tempo e no espaço no momento do registro, “caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações “artísticas” do passado” (KOSSOY, 2002, p. 22).

Com base nas contribuições de Kossoy, de que é grande o teor de credibilidade que a fotografia tem junto à sociedade, devido ao entendimento de que as imagens fotográficas apresentam uma reprodução ao menos visualmente muito semelhante ao objeto fotografado, difundiu-se a ideia de que a foto é a representação fiel do real. Neste contexto, para o referido autor, as fotografias são documentos cheios de ambiguidades e de intencionalidades, portanto, a criação da foto sempre será precedida de uma intenção, do que se quer eternizar e focar, a imagem fotográfica nunca será, então, a representação fiel do real, mas sim, uma mensagem modificada e manipulada, pois é produzida conforme interesses particulares e de limitações decorrentes dos processos de captura das imagens, que determinam o que será registrado e o que será eliminado da foto (VOTRE, 2013).

Além desses aspectos, há outros fatores que contribuem para o entendimento de que a fotografia não deve ser tratada com tanta credibilidade, pois, na atualidade a velocidade com que surgem novos artefatos tecnológicos também deve ser levada em consideração no que se refere à imagem fotográfica, principalmente os relacionados à manipulação digital, facilitada pela criação e difusão de *software* e aplicativos de edição de imagem, os quais possibilitam a criação, modificação e manipulação digital dessas imagens. Essa manipulação digital pode ser observada nas imagens amplamente divulgadas por muitos veículos midiáticos, principalmente em propagandas, que buscam a todo o momento, passar a ideia de consumismo, utilizando das imagens para transmitir essas mensagens.

O fotógrafo motivado por objetivos sejam eles profissionais e/ou financeiros, irá buscar capturar a foto de acordo com esses interesses, e nesse processo os comportamentos dos grupos sociais também serão determinantes, tendo em vista que serão esses indivíduos que irão visualizar e consumir essas imagens. Então, buscar os melhores ângulos, enquadramentos e foco, passa a ser a preocupação no momento de captura da foto.

Os fotógrafos buscam, na cena, a melhor maneira de apresentar a marca. Quando o registro original não expressa o padrão de beleza desejado, os recursos digitais entram em ação para “corrigir as falhas naturais do objeto”. Frente a esse contexto, fotógrafos, empresas e fabricantes dos aparelhos encontram no sistema publicitário condições para experimentar, e aprimorar, as novas tecnologias de manipulação da imagem. (CARDOSO, p. 150, 2013)

Partindo desta premissa, percebemos que, na maioria das vezes, as fotografias que entramos em contato através das mídias, já são o resultado de alguma manipulação, seja ela feita durante a sua criação através da busca de melhores enquadramentos e foco ou após a sua captura feita através de softwares de edição. Os novos recursos digitais colaboraram também, para o maior controle do fotógrafo sobre a foto, por exemplo: a facilidade de visualizar a foto logo após a sua captura permite ao fotógrafo excluí-la se não lhe agrada e captar outra em seu lugar. Além desta facilidade, os softwares também possibilitam a “correções” das fotos, pois quando entendido que a original não ficou de acordo com o padrão que se desejava, utiliza-se dos softwares de edição para corrigir suas falhas, dar maior foco a um aspecto ou desfocar outro, através de opções de mudar cores, nitidez, luminosidade, enquadramentos, inserir ou retirar elementos e entre outras várias opções que esses aplicativos oferecem tudo com o intuito de aprimorar a imagem de acordo com os interesses dos indivíduos (CARDOSO, 2013).

Nesse sentido, o que é evidenciado na foto, é exatamente o que se quer que receba maior atenção por parte dos visualizadores, a manipulação digital então, altera e modifica os processos de significação da imagem, atribuindo a ela novos sentidos, pautadas por intencionalidades e ambiguidades que envolvem todas as etapas do seu processo de produção.

Frente a essas discussões e das constatações de que é inegável a imensa gama de imagens presentes em nosso dia a dia, percebemos a latente necessidade de estarmos atentos a elas, para não sermos reprodutores de ideologias. Diante deste contexto, podemos nos questionar: como entender uma imagem? Como retirar dela a mensagem visual que ela nos quer passar? Como decodificamos seus códigos, e construímos significados para eles ao

observarmos uma imagem? E é em busca de responder, ou de talvez de saciar, ao menos parte destas indagações, que recorreremos aos fundamentos teóricos propostos pela semiótica, ciência que ajuda a interpretar a imagem e entender como ela transmite mensagens.

Segundo Miez e Silva (2013, p.46):

A semiótica possibilita analisar as relações entre uma coisa e seu significado. Essa ciência tem como objetivo, o estudo de diversos fenômenos que geram significações distintas, de acordo com cada momento histórico e social, ligados a todas as formas de expressão, enquanto linguagem. A semiótica está presente no nosso dia a dia, sem que necessariamente tome-se consciência disso. É base para uma série de conjecturas sobre o mundo que nos rodeia.

Como expõem Miez e Silva, a semiótica⁹ estuda qualquer sistema sógnico, e para esta ciência é possível analisar semioticamente tudo o que está ao nosso redor, pois tudo possui um significado e é passível de ser interpretado.

A linguagem fotográfica, como toda expressão humana, apresenta um conteúdo semiótico; a imagem é um signo e por isso necessita ser lida, decodificada e entendida para construir sentidos ao que se visualiza. As imagens são carregadas de signos que revelam e colaboram para a compreensão de culturas e valores sociais, são fontes históricas e produtoras de conhecimentos significativos.

A partir destas considerações, podemos complementar utilizando das contribuições de Persichetti (2011) para o qual há muito tempo a semiótica tem nos ajudado a compreender as imagens e, em especial, nesta nossa abordagem, a significação das mensagens fotográficas que é culturalmente determinada. Nesse sentido, a sua recepção necessita de códigos de leitura, devemos compreender e analisar a fotografia dentro de um contexto histórico de sua criação.

Colaborando com esta ideia, Kossoy (2002) salienta que o nosso imaginário reage ao receber as imagens fotográficas de acordo com nossas experiências de vida, situações socioeconômicas, ideologias e pré-conceitos, sendo exatamente por isso que ela propicia leituras distintas entre os diferentes visualizadores.

⁹ Charles Sanders Peirce é o criador da semiótica e formulador da teoria geral dos signos, e “o signo é na Semiótica o ente fundamental. Ele foi idealizado por Peirce como o elemento por meio do qual a mente de um intérprete pode conhecer, modificar ou ampliar o entendimento de algo” (MUCELIN e BELLINI, 2013, p.62). A semiótica faz parte do nosso dia a dia, e sem perceber utilizamos dela para decodificar e entender os códigos de linguagens que estamos constantemente em contato, é através dela que analisamos os fenômenos e retiramos deles informações e entendimentos sobre o mundo que nos rodeia.

O exercício de interpretação é atribuir e retirar sentido do que se analisa, e a produção de sentido acontece da relação de diferentes fatores, como vivências, memórias e contexto social, cultural e histórico de cada observador. Em concordância com July (2007) nenhuma mensagem, seja ela qual for, pode se arrogar uma interpretação inequívoca, pois, como existem diversos tipos de imagens, existem inevitavelmente diversos tipos de interpretações.

A partir do momento em que a imagem passa a ter significado para o observador, ele consegue entender seus conteúdos e suas mensagens, essa mesma imagem poderá ser sempre relida, e nesse exercício o observador poderá retirar mais e mais significantes dela, contribuindo para afirmar seu entendimento inicial ou chegando a conclusões contrárias às primeiras, levando-o a repensar suas interpretações. Baseado neste entendimento, Kossoy salienta que “é justamente nas impossibilidades que a imagem oferece a pesquisa, a descoberta e as múltiplas interpretações que reside o seu fascínio” (2002, p.143), para o referido autor:

A realidade da fotografia não corresponde (necessariamente) a verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência. A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes “leituras” que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações. (KOSSOY, 2002, p.38)

Vale destacar que visualidade colabora com a compreensão e percepção do tempo histórico e as fotografias por serem carregadas de signos revelam características e representações sociais e culturais de cada época. Cabe, então, ao observador aprender a olhar, analisar e entender seus significados. “Podemos dizer, a grosso modo, que a mensagem decorrente desta linguagem consiste em revelar, por meio da expressão (significante), um conteúdo (significado), como pode ser constatado na semiótica pierceana” (MIEZ e SILVA, 2013, p.43).

Dando sequência ao exposto, os autores colocam que a linguagem fotográfica propicia diferentes leituras e os códigos abertos e contínuos na fotografia proporcionam à imagem a transmissão e reconhecimento de conteúdos e significados implícitos e/ou ocultos (MIEZ e SILVA, 2013). Nesse contexto, as experiências de vida e os referenciais que cada sujeito carrega consigo acabam influenciando a leitura das imagens e consequentemente a geração de sentidos, por esse motivo a imagem fotográfica não se esgota em leituras únicas, ela poderá ser sempre relida e reconstruída. As imagens “carregam uma significação cultural,

com marcas geográficas, afetivas, religiosas etc., o que permite ao leitor leituras também múltiplas e relacionamentos intertextuais infinitos” (WALTY *et al.* 2006, p.114).

A partir destas considerações sobre a decodificação dos códigos da linguagem imagética e da percepção da marcante presença que esta linguagem tem ganhado em sua trajetória até os dias atuais, no campo acadêmico ela não iria passar por despercebida. Nota-se que a fotografia tem tornando-se objeto de estudo de vários campos da ciência, que buscam explorar o seu potencial comunicativo, capaz de estimular a criatividade e o desenvolvimento do espírito crítico dos sujeitos. Uma mesma imagem possui conteúdos e elementos icônicos que fornecem uma série de informações para diversas áreas de conhecimento; as imagens fotográficas sempre fornecem análises e interpretações multidisciplinares (KOSSOY, 2002).

Destacamos, nesse contexto, a utilização da linguagem imagética pela ciência geográfica, pois a observação de representações geográficas como mapas, fotos, imagens de satélite, vídeos e paisagens é essencial para esta ciência. É fundamental que os sujeitos sejam capazes de ler o mundo através dos olhos, do que está representado nas linguagens visuais e neste contexto a utilização da imagem fotográfica possibilita o desenvolvimento de noções e conceitos sobre a relação homem/natureza e sobre o espaço geográfico.

A fotografia permite ao homem compreender as dinâmicas do mundo por meio da observação e assimilação com o seu dia a dia. Para Dantas e Morais “a geografia possui um conjunto de ideias e conceitos que podem ser apreendidos, dentre outras formas, através da imagem, onde as informações estão potencializadas exigindo do leitor saber olhar e encontrar os temas/conteúdos que contem” (2007, p.7). As fotografias são imagens congeladas, e se apresentam como uma representação de algo existente é a “persistência do passado que atravessa o ritmo do presente, sendo o encontro dos tempos o campo de experimentação do geógrafo” (DANTAS e MORAIS, 2007, p.4).

As imagens nas aprendizagens geográficas abrem possibilidades de como pensar e analisar tudo o que nos rodeia. Concordamos com Carvalho (2013) a respeito do fato de que é inegável a presença das imagens nos mais diversos discursos e práticas culturais contemporâneas, e diante deste fato a educação nas suas diversas estratégias não pode mais ignorar este aspecto que perpassa essas culturas; “há uma semiótica infográfica ou pós-infográfica que insiste em comunicar direta ou indiretamente uma série de conteúdos simbólicos e representacionais aos sujeitos históricos e sociais” (CARVALHO, 2013, p.598).

A partir do entendimento de que as imagens fotográficas carregam consigo conteúdos que são adquiridos através do desenvolvimento de habilidades de observação, e diante do fato de que estamos vivendo uma intensa era visual, torna-se visível a latente necessidade da leitura visual para a compreensão do mundo atual. Utilizar-se da linguagem imagética para o processo de conhecimento do mundo, é articular e estabelecer relações entre o que se vê com o que se vive, e assim produzir sentido no que se observa e analisa.

Concordamos com Miez e Silva quando dizem que:

Como produtores, leitores e estudiosos de imagens, nosso interesse reside na identificação dos modos de produzir sentido. É a partir da produção desse sentido que a análise, ou simples apreciação de uma fotografia torna-se mais estimulante, provocando reflexões e reações, construindo a significação. (MIEZ e SILVA, 2013, p.51)

Nessa abordagem, percebemos que o fascínio da análise da imagem fotográfica ocorre no momento em que construímos sentido a ela, e essa construção se dá através de nossas vivências e percepções individuais. As imagens proporcionam o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo em suas análises, seja na utilização delas como objeto de estudo em pesquisas científicas ou em um simples olhar de observação em jornais e revistas, *sites* ou onde quer que elas se apresentem.

Para não receber as imagens como meras ilustrações de textos verbais, devemos explorar o seu potencial comunicativo, pois em muitos casos retiramos mais informações observando a linguagem imagética do que lendo o texto verbal que a acompanha. Neste sentido, a fotografia possibilita a inserção do homem no mundo das visibilidades e o desenvolvimento de habilidades de percepções, observações e reflexões, levando-o ao atribuir e produzir sentidos nas imagens.

Neste contexto, percebendo o domínio que as imagens provocam na contemporaneidade, os diversos processos educativos não podem dar as costas para esse fato, é principalmente nestes campos da sociedade que se deve dar uma atenção especial para esta linguagem, inserindo e desenvolvendo estratégias de ensino que colaborem para a compreensão delas, ampliando nosso olhar e expandindo a nossa capacidade de entender as mensagens visuais (DONDIS, 2003).

Os indivíduos como integrantes ativos no mundo precisam desenvolver habilidades para o olhar, para o exercício de observação, um leitor visual preparado para ser um cidadão crítico e participante ativamente de nossa sociedade deve ser capaz de construir

conhecimentos a partir das informações presentes nas imagens, e assim ao articular e integrar essas informações com seu conhecimento prévio ele irá construir seus conhecimentos e utilizá-los de modo criativo e reflexivo. Ressaltamos que para ser um indivíduo alfabetizado e capaz de entender as dinâmicas no espaço a sua volta, os indivíduos precisam saber ler e compreender além da linguagem verbal, as diversas linguagens imagéticas que compõem a sociedade contemporânea.

Diante desta reflexão sobre as influências e importância que a linguagem fotográfica tem assumido na sociedade, sendo marcante sua difusão pelas mídias e com grande agilidade por meio das mídias eletrônicas, elas acabam sendo vistas por milhares de pessoas nos mais diversos lugares do mundo, que passam a conhecer por meio das imagens fotográficas lugares nunca antes visitados pessoalmente. Nesse contexto, sabendo que as imagens fotográficas possuem potencial de educar o olhar, como já foi discutido anteriormente, cabe destacarmos, que ao passo que os indivíduos não possuem habilidades para interpretá-las e realizarem uma análise reflexiva sobre essas imagens, elas podem estar levando-os a construir ideias sobre os assuntos que são fotografados independente do ambiente escolar, pois as imagens invadem a vida cotidiana dos sujeitos que acabam construindo realidades estereotipadas sobre determinadas comunidades. Acreditamos que é o caso da fronteira entre o Brasil e o Paraguai, muito noticiada pela mídia que acaba sendo alvo de pré-conceitos construídos através de mal entendimentos e de interpretações equivocadas das imagens veiculadas pela mídia, reproduzindo assim as representações midiáticas sobre a fronteira.

Frente a este entendimento, no próximo capítulo discutiremos sobre a ideia de fronteira, suas concepções e significados e como ela é vivenciada cotidianamente por seus habitantes, para que com esse embasamento teórico possamos, no capítulo III realizar a análise e reflexão sobre as concepções sobre a fronteira que são construídas a partir de imagens veiculadas nas mídias eletrônicas e o potencial educativo de algumas delas.

CAPÍTULO II

A FRONTEIRA: ENTRE OS LIMITES E AS DIFERENÇAS

Imensas são as trocas em termos de cultura e costumes ou questões de ordem política, social e econômica que interferem na vida das populações da fronteira. Os limites visíveis e invisíveis da fronteira marcam as identidades pessoais, étnicas e nacionais que são produzidas através de uma divisão de territórios, de culturas, de identidade, de nacionalidade, ordens e desordens que fazem parte dessas regiões.

Frente a este contexto das multiplicidades de relações que envolvem as áreas fronteiriças, objetivamos neste capítulo entender, discutir e problematizar algumas questões referentes a fronteira. Inicialmente, discutiremos algumas acepções referentes aos significados de fronteira, e em um segundo momento, iremos apresentar discussões acerca de olhares sobre a fronteira, por meio de duas perspectivas diferentes. A primeira é aquela vista e sentida por aqueles que lançam olhares de fora sobre a fronteira, ou seja, por aqueles que não moram nos espaços fronteiriços. A segunda perspectiva é aquela vista e sentida por aqueles que moram em áreas fronteiriças, os quais vivenciam e fazem parte cotidianamente das relações estabelecidas nesses espaços.

2.1 Algumas considerações sobre fronteira

Ao refletir sobre a palavra fronteira, o primeiro pensamento que nos vem em mente é o de limite e separação entre países, estados ou cidades. O significado de fronteira, de acordo com os dicionários, é o que delimita ou separa os lugares, territórios e paisagens, é a linha divisória entre dois países ou regiões. Essa separação pode ser por meio de acidentes naturais como rios e montanhas, ou separadas apenas por uma rua, como é o caso da fronteira seca entre Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY).

Sejam construções naturais ou não, os limites territoriais foram estabelecidos historicamente por meio de tratados e acordos entre dois ou mais países para determinar os territórios de cada Estado-Nação, ou seja, determinar até onde se estende a jurisdição de cada país. Tal ideia simplista de fronteira tida hoje é produto da formação dos Estados-Nação, com suas delimitações precisas para atender às necessidades de gerenciamento do seu território.

No entanto, as fronteiras apresentam um significado muito mais amplo do que o de simples linhas de separação entre países. A fronteira não se reduz a determinação física, e pensá-la apenas como limite político-administrativo é um pensamento simplista e pobre, que não abarca a complexidade e multiplicidade de significações que o termo carrega. Raffestin (2005) critica a noção que a cultura ocidental tem sobre a fronteira, relatando que tal noção é de uma pobreza absoluta, por reduzir a dimensão de fronteira a limites meramente territoriais e cartográficos. Para ele “a fronteira vai muito mais além do fato geográfico que ela realmente é, pois ela não é só isso” (RAFFESTIN, 2005, p.10).

Segundo Raffestin, a fronteira não se reduz a determinação física, pois:

[...] a fronteira não é uma linha, a fronteira é um dos elementos da comunicação biossocial que assume uma função reguladora. Ela é a expressão de um equilíbrio dinâmico que não se encontra somente no sistema territorial, mas em todos os sistemas biossociais. (RAFFESTIN, 2005, p.13)

Portanto, as fronteiras, muito mais que um marco de limite e de divisão territorial ao separar dois Estados-Nação e de administração política, de onde começa e acaba o domínio de determinados Estados, elas envolvem construções simbólicas de pertencimento, de mestiçagem, de intercâmbio cultural e de relações sociais; são nelas que ocorrem cotidianamente o choque, trocas e mobilidades de pessoas, culturas, línguas e crenças que no contato com o diferente se multiplicam e dão vida às dinâmicas dos espaços fronteiriços.

Para Albuquerque (2010, p.34):

(...) As fronteiras não são somente marcos de delimitação fixados no território físico. Elas representam o fim e o início da jurisdição estatal, os limites da cidadania e dos símbolos oficiais da pátria. Muitas vezes significam zonas de hibridismo entre línguas nacionais, meios de comunicação e outros símbolos culturais. As fronteiras nacionais são lugares de controle e de travessia, lugares de movimento de pessoas que cruzam os limites territoriais e configuram outras fronteiras.

Desta forma, para além da definição de separar dois Estados-Nação, a fronteira é espaço onde ocorrem as relações de contatos entre as pessoas, sejam eles harmoniosos ou conflituosos, envolvendo complexas questões sociais e políticas que fazem parte do cotidiano dos espaços fronteiriços. E se, por um lado as fronteiras são elementos de separação, por outro elas se apresentam como a mistura de povos e culturas e a união de nações vizinhas.

Muitas vezes vemos o conceito de fronteira ser utilizado como sinônimo de limite, porém, existem diferenças específicas entre esses conceitos. A fronteira, de acordo com Albuquerque (2010, p.35) é:

(...) vista geralmente como zona, uma faixa ou região entre dois países, é um espaço mais amplo de relações sociais de um lado e outro do limite político. Não tem extensão precisa e varia em cada situação singular. Mas, muitas vezes, os Estados nacionais definem juridicamente uma faixa de fronteira como área de segurança nacional.

Podemos dizer, então, que a ideia de fronteira é mais adequada para se referir a uma faixa do território que se estende ao longo da linha limite entre os países, é o espaço onde ocorrem a integração e o contato entre os dois lados da fronteira que extrapolam os limites estabelecidos do Estado-nação. Enquanto o limite pode ser definido como:

(...) o limite internacional é denominado de linha de fronteira. O limite é abstrato e invisível, fruto de um tratado jurídico internacional ou delimitação. A divisa representa a visibilidade na paisagem geográfica deste limite invisível. Ele é percebido através da construção de marcos visíveis (a demarcação) e da criação de controles alfandegários e de instituições militares que fiscalizam a saída e entrada de mercadorias e pessoas (MARTIN,1998; GOLIN, 2002 *apud* ALBUQUERQUE, 2010, p.35)

Portanto, limite é o que se estabelece por meio de acordos ou tratados entre os países, sendo uma linha imaginária definida por características naturais ou artificiais. Yamashita (2013) também relata que a fronteira está em uma condição diferente de limite, pois limite se refere a um referencial fixo, estabelecido por relações de ordem e poder, diferentemente da concepção de fronteira que pode ser entendida como móvel, e é exatamente por não respeitar os limites pré-estabelecidos, que a fronteira se encontra em uma condição diferente da de limite, que tende a ser fixo.

A mobilidade da fronteira se reflete no seu cotidiano, pois são constantes as trocas, mesclas e hibridizações, sejam de ordem cultural, social, política e econômica que ultrapassam os limites territoriais impostos, e que não podem ser delimitados, pois são fluxos permanentes que fazem parte do vai e vem dos espaços fronteiriços.

Partindo da concepção de que a fronteira não é fixa, compartilhamos da ideia de que elas estão sendo cotidianamente produzidas (em aproximação a GOETTERT, 2008), por meio das relações sociais de seus cidadãos, são fluxos e mobilidades de culturas, de nacionalidade, ordens e desordens que se chocam e transitam nessas regiões.

Nesse contexto, em relação às identidades nacionais, Hall (2006) destaca que estas também não são fixas, não são coisas com as quais nascemos, elas são formadas e transformadas no interior das representações, e, por isso, não devemos pensá-las como prontas e acabadas, elas se encontram em uma permanente construção, tendo em vista que são construídas no dia a dia através das relações e das experiências sociais. Assim, em se tratando especificamente dos indivíduos que vivem em zona de fronteira¹⁰ por estarem a todo o momento vivenciando e entrando em contato com o diferente, eles se encontram em um constante processo de construção de suas identidades nacionais.

Segundo Albuquerque (2010, p.235):

As identidades são pensadas a partir das diferenças. A relação tensa entre identidade e alteridade permite a compreensão da identificação nacional como algo relacional, situacional, móvel e instável. Não existem identidades fixas, consolidadas, essenciais e eternamente dadas. As identidades nacionais, étnicas, regionais e locais são reelaboradas, redefinidas, contestadas com outras identidades a partir dos confrontos políticos, econômicos, culturais e simbólicos do tempo presente. (ALBUQUERQUE, 2010, p.235)

Nesta perspectiva, reafirmamos que as identidades nacionais não são fixas nem consolidadas, mas se encontram em um processo permanente de construção. Para Albuquerque (2010) as identidades são relacionais e instáveis e são sempre redefinidas conforme o jogo de interesses e de visões de mundo. O autor exemplifica tal ideia relatando que nas áreas de fronteira entre o Brasil e o Paraguai “não existe um “Paraguaio eterno” ou um “Brasileiro definitivo”, pois, até mesmo as nações são mutáveis e modificadas, seja nos discursos religiosos, políticos ou midiáticos, e assim, os limites visíveis e invisíveis da fronteira marcam as identidades pessoais, étnicas e nacionais que são cotidianamente produzidas.

São nos espaços fronteiriços que acontecem os contatos com o outro. Sendo espaços de relações marcadas por constantes jogos de negociação, elas possibilitam o contato com o diferente e a partir das trocas e das hibridizações possibilitam o surgimento do novo. Assim, por serem locais que permitem o encontro, choque e troca de relações e culturas diferentes, as

¹⁰ Enquanto a faixa de fronteira constitui uma expressão *de jure*, associada aos limites territoriais do poder do Estado, o conceito de zona de fronteira aponta para um espaço de interação, uma paisagem específica, um espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças, cuja territorialidade mais evoluída é a das cidades-gêmeas. (OLIVEIRA, 2005, p.95)

fronteiras se refletem em um lugar de especificidades, e se caracterizam como espaços únicos e ao mesmo tempo também são múltiplos, considerando as multiplicidades e simultaneidades de relações e situações que ocorrem neles.

Nesse contexto, atribuímos a essa nossa reflexão sobre o espaço, as abordagens do espaço como sendo múltiplo nos termos de Doreen Massey (2008), para quem o espaço é visto como “pluralidade de trajetórias, uma simultaneidade de histórias-até-agora” (p.33). Para a referida autora, o espaço é múltiplo, ele é uma simultaneidade de histórias, porque as histórias que acontecem nele vão entrar em contato com outras, fazendo surgir outras histórias que não estão dissociadas umas das outras, pois fazem parte de um constante processo de continuidades, e o lugar é o aqui-agora onde se encontram diversas trajetórias, ele é uma eventualidade de coisas que acontecem nele, e ele está sempre aberto a novas conexões e desconexões.

Há também que se considerar que o espaço é o encontro de múltiplas trajetórias, e se encontra em processo, em aberto “conceituar o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política” (MASSEY, 2008, p. 95). O lugar também seria uma eventualidade, sempre aberto, um aqui-agora em que sempre se encontram diversas trajetórias. É também no espaço que há o encontro, o diálogo com suas diferenças, produzindo, ali, naquela estória, uma identidade, e essa identidade perpassa a noção de fixação, pois ela faz parte de um devir constante (MASSEY, 2008). Desta forma, são essas multiplicidades que dão vida e sentido a toda dinâmica dos espaços fronteiros, onde as vidas dos dois lados da fronteira se cruzam e entrecruzam cotidianamente, são múltiplas, contínuas e simultâneas histórias que acontecem neles a todo momento.

Compreendendo que a fronteira também é um espaço múltiplo e fluido, pois ela é um lugar de transição, de contato, mobilidade e movimento entre pessoas, culturas, crenças e valores, caracterizando-se como um lugar diverso, podemos pensá-la, então, como sendo um terceiro espaço, denominado por alguns autores de “entre-lugar”.

O conceito de entre-lugar para Ferraz (2010) refere-se a um determinado arranjo espacial que se caracteriza por ser fronteira, é o lugar onde ao mesmo tempo que limita e separa, permite o contato e a aproximação, “é local daqueles que estão de passagem e em movimento buscando os afetos e as razões para se enraizar e permanecer. É lugar de estranhamento e ao mesmo tempo potencializador de identidades (FERRAZ, 2010, p.30). É

no entre-lugar, que ocorrem os encontros culturais em que duas ou mais culturas se chocam, é um lugar de contato de diferenças e de troca não só entre um país e o outro, mas dentro das próprias condições de vida das pessoas, entre grupos marginais e outros de classe média, exclusão e violência no cotidiano das fronteiras, nos movimentos de ida e vinda de costumes, culturas e crenças que extrapolam os limites estabelecidos dando vida a situações singulares que ocorrem na fronteira.

É importante ressaltarmos que a partir das contribuições de Martins (1997), entendemos que a fronteira nasce da diferença, pois, é através do contato, do conflito e das diferentes relações que ocorrem entre ‘eu’ e o “outro” nesses espaços fronteiriços que permitem a identificação de diferentes concepções de vida e visões de mundo. O referido autor relata que “a Fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e imortal dá lugar à alteridade política, quando o *outro* se torna parte antagônica de *nós*.”(1997, p.151). Segundo o autor, é onde a diferença se faz ausente que há violência, pois não é a diferença, mas a falta dela que causa confusão e que leva a violência.

Para Martins (1997), as áreas fronteiriças envolvem relações de contato e de alteridade entre diferentes indivíduos, elas são lugares do encontro de diferentes, e esse encontro é marcado por relações de conflito e de embates, situações que fazem da fronteira um lugar de descoberta do outro e também do desencontro.

À primeira vista, é o lugar do encontro dos que, por diferentes razões, são diferentes entre si, como os índios de um lado e os civilizados do outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja, essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro (MARTINS, 1997, p.150).

Continuando nesta linha, Martins (1997) salienta que a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade, lugar de encontro entre os diferentes, um lugar de descoberta do outro e do desencontro, não só de diferentes concepções de vida e visões de mundo, mas também do desencontro de temporalidades históricas, de conflitos e é isso que faz das fronteiras uma realidade singular.

É sabido que o ser humano não vive só no mundo, pois somos rodeados por outros indivíduos e, estamos a todo o momento nos relacionando com outras pessoas, promovendo encontros e desencontros. A imagem que fazemos de nós é fruto dessa relação com o outro; a

alteridade é, então, o caráter do que é o outro, é a diferença. A alteridade se refere à aceitação das diferenças e, o aprender com os diferentes, aceitando e repetindo em suas diferenças, pois todos os seres humanos são diferentes um dos outros.

Para Gonçalves (2011) é a alteridade que permite a identificação “seguida do processo de diferenciação, que se estabelecem diferenças entre o “eu” e o “outro”, e essas não são apenas de concepções de vida, mas também de diferentes historicidades em diferentes tempos”; essa relação contribui para a formação de “novas” identidades. Nesse sentido, as relações entre os habitantes das fronteiras contribuem para a construção e reconstrução de suas identidades, contribuindo também para as relações de alteridade, ou seja, da diferenciação diante do outro.

Neste contexto, percebemos que o processo de diferenciação por definir quem é o “outro” é o responsável por construir e reproduzir a alteridade, ao separar, dividir e classificar a diferenciação resulta na hierarquização das identidades e das diferenças, que tem como uma de suas formas mais privilegiadas a instauração de uma determinada identidade como sendo a normatizada, e sobre a qual se atribui todas as características positivas possíveis, fazendo com que as outras identidades em relação a suas características sejam avaliadas de forma negativa. Então, percebe-se que nesse processo existe a necessidade da negatividade em torno da diferença, para poder haver a afirmação e a positividade da identidade posta como normalidade. Para Cuche (2002, p.187) “a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais”. Nesse contexto, a marcação da diferença se torna o componente elementar na classificação que vise definir quem é a identidade e quem é a diferença (PACHECO, 2004).

De acordo com Hall (2011) as identidades são formadas em comparação com outras identidades, são construídas por meio da diferença, “isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo [...]” (HALL, 2011, p. 110), a identificação dos sujeitos então, é construída na interação entre o eu e a sociedade. É válido falarmos, então, que o ‘eu’ só tem plena existência em diálogo e em relação ao ‘outro’ (BARZZOTO, 2010).

Frente a essa discussão, percebemos que é a partir do contato com o outro que a identificação se constrói, o que acarreta falarmos em múltiplas identidades, em processo

constante de transculturação. Pensando então, nas áreas em situação de fronteira, ressaltamos que o indivíduo estabelece relação de aproximação e entra em contato com outras culturas, enunciando a existência de múltiplas identidades culturais.

Ressaltamos que as áreas fronteiriças onde as diferenças culturais, ideários e nacionalidades se chocam com maior frequência, são marcadas por relações distintas entre os sujeitos, de construções simbólicas, multiplicidade de crenças e de visões de mundo. São nesses espaços que as diferenças afloram com maior frequência, é o lugar de alteridade, pois é onde diferentes identidades se encontram e afirmam a diferenciação entre o “eu” e o “outro”, e nessas relações os sujeitos acabam sempre construindo suas identidades voltadas para o outro, fazendo com que a identidade e alteridade definam e influenciem as relações que são estabelecidas nesses espaços (GONÇALVES, 2011).

Diante do exposto, procuramos até aqui fazer um panorama sobre algumas concepções de fronteira, com base nos referenciais teóricos destacados. Na sequência, iremos apresentar, por meio de duas perspectivas, como a fronteira é vista e sentida por aqueles que não a vivenciam cotidianamente, e que criam sobre a fronteira conceitos e pré-conceitos, construídos, principalmente, por meio de noticiários veiculados pelas mídias, e depois, a partir do ponto de vista de moradores da fronteira iremos discutir como ela é vivida e sentida no dia a dia de seus cidadãos.

2.2 Fronteira: olhares de fora

Ao perguntarmos o que é fronteira para um indivíduo qualquer que não reside e que nunca morou em um lugar em situação de fronteira, é certo que iremos nos deparar com respostas muito parecidas com as de a fronteira ser um lugar perigoso e violento, onde acontecem muitas mortes, roubos, contrabandos e tráfico, ou como sendo rota de fuga de marginais, entre outras concepções que se restringem ao mesmo círculo vicioso da fronteira sendo atrelada e restrita a contextos conflitantes, ou em outros casos, podemos ouvir também a concepção de fronteira apenas como sendo marcada por relações comerciais, de consumo de produtos importados, referindo-se principalmente ao comércio na fronteira seca, como nas cidades de Ponta Porã (MS, Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai).

No mundo contemporâneo é cada vez maior a quantidade de informações que transitam e atingem as pessoas, principalmente por meio das mídias. Entendemos que tais

noções sobre a fronteira, devem-se, em grande parte, ao fato de que as regiões fronteiriças nas representações sociais sempre estão vinculadas a temas como “terra sem lei”, e as mídias têm sido forte fonte de alimentação dos mais diversos estereótipos sociais, exercendo um poderoso papel de fusão e difusão de estigmas e preconceitos, tendo um poder imenso na construção de realidades entre as pessoas.

Frente a esse contexto, as mídias têm sido forte fonte de alimentação dos mais diversos estereótipos sociais; o cotidiano das fronteiras internacionais do Brasil constantemente é vinculado a um imaginário vicioso de situações relacionadas à ausência de leis e violência. A partir desses estereótipos são construídos e manifestados vários fatores de alteridade, etnocentrismo, discriminação e inferiorização em relação às áreas fronteiriças, estabelecendo laços de conflitos e resistência na busca de auto-identificação étnica ou nacional¹¹.

Considerando a grande velocidade e quantidade de informações que veiculam pela sociedade nos dias atuais, acreditamos que a construção de realidades pela mídia tem um poder imenso. A respeito disto, concordamos com Bourdieu (1997) ao destacar que esse poder apenas se iguala ao das representações políticas, especialmente aquelas referentes a populações categorizadas em algum momento como “problemas” ou a lugares “ditos difíceis”.

É válido salientar que os elementos destacados nas imagens e nos noticiários veiculados pelas mídias nos mostram como elas podem criar realidades sobre as áreas fronteiriças. Uma pessoa que nunca esteve em áreas de fronteira, que não conhece a realidade e o cotidiano da vida nessas áreas, ao entrar em contato com tais imagens que são veiculadas com grande difusão pelas mídias que atualmente atingem a áreas mais remotas do país e do mundo, pode construir um entendimento ou concepção simplificada sobre a realidade dessas áreas. Isso contribui para que muitos desenvolvam o sentimento de medo de ir ou viver nessas áreas, e acabem vendo a fronteira de forma estereotipada e preconceituosa como “fim do mundo”, “faroeste” ou “terra sem lei”.

Diante deste contexto, vão se construído e reproduzindo várias concepções estereotipadas sobre a nação paraguaia, por exemplo. Quem nunca ouvir dizer que o povo paraguaio é um povo preguiçoso? Muitas dessas associações vêm do fato de eles serem vistos como sendo descendentes de indígenas, que também são povos vistos como preguiçosos.

¹¹ Salientamos que iremos aprofundar a discussão sobre a mídia no Capítulo III deste trabalho.

Sobre esse assunto, Albuquerque (2010, p.173 *apud* Vera, 1996; Cardozo 1996) relata que: “Algumas explicações sobre a formação da sociedade paraguaia enfatizam a mestiçagem física e cultural entre índios e espanhóis desde o período colonial”, assim, de acordo com Albuquerque, a partir dessas associações são construídos estigmas em relação aos índios no Brasil que são direcionados aos paraguaios de uma maneira genérica; para Albuquerque os brasileiros têm uma visão cristalizada dos habitantes dos países vizinhos.

As associações da nação paraguaia com a nação indígena ocorrem principalmente porque o povo paraguaio fala predominantemente o guarani, a língua oficial indígena, e também por muitos camponeses paraguaios cultivarem a agricultura de matriz indígena. E assim, vão se criando estereótipos sobre a comunidade paraguaia, como já foi mencionado, o fato de serem vistos por alguns brasileiros como “povo preguiçoso” e que não gosta de trabalhar, não levando em consideração que a cultura, a tradição e as vivências deles são diferentes das nossas, não evidenciando que são povos preguiçosos, mas que são portadores de outra noção de tempo de trabalho e de costumes, que não é porque é diferente da dos brasileiros ou de outras nacionalidades, devem ser estereotipados como preguiçosos.

Com base nas discussões feitas por Albuquerque (2010) há sempre algumas distinções presentes em questões relacionados à fronteira como dos “bons” e “ruins”, “o de cá é bom o de lá é ruim”, esses são exemplos de disputas simbólicas, que se contradizem em alguns momentos. Os brasileiros já se adaptaram a cultura de tomar tereré, mas continuam associando-o a “preguiça paraguaia”, desta forma, por um lado a cultura sul-matogrossense, por exemplo, incorpora a cultura do país vizinho, como o hábito de tomar tereré, mas paradoxalmente vêem os paraguaios como preguiçosos porque param durante o dia de serviço para tomar o tereré, que é um hábito cultural de seu país; isso revela-nos um contexto de superioridade que os brasileiros criam sobre o povo paraguaio.

Contrapondo a essas situações questionadas acima, em outros momentos, o tereré é o meio de vínculo e união dos dois povos, pois nas rodas de tereré não se separa o brasileiro do paraguaio ou o migrante, ele se torna instrumento de junção das fronteiras existentes dentro dos preconceitos. Por isto, ele é em unanimidade citado tanto por brasileiros (seja os moradores nas áreas de fronteira ou não), ou por paraguaios, quanto se pergunta em qual imagem ou objeto os indivíduos pensam e relacionam com a fronteira. Na fronteira nos deparamos muito com imagens de produtos e situações relacionados a este componente tão importante da cultura paraguaia e também sul-matogrossense.

Portanto, seja na história, ou no dia a dia, o tereré sempre está presente na fronteira, e é algo que mesmo neste contexto visto de fora, une os dois povos, sendo associado às coisas boas da fronteira, é um objeto que lembra a fronteira, e ele se faz presente nas diversas relações nas áreas fronteiriças, sejam elas históricas, sociais, comerciais e/ou identitárias.

2.3 Fronteiras: olhares de dentro

Neste tópico iremos apresentar por meio de uma discussão teórica e empírica, dados coletados em entrevistas realizadas com moradores em áreas fronteiriças¹², e diferentemente das concepções apresentadas no tópico anterior sobre os olhares dos que veem a fronteira de fora, para os habitantes da fronteira, ela é totalmente sentida e vivida de outra forma. As identidades desses indivíduos são construídas no dia-a-dia através da convivência e das relações sociais, que ultrapassam os limites geográficos impostos, pois, para eles, a fronteira não existe como limite físico, ela representa a união de dois povos com suas culturas e histórias diferentes, mas que ao entrarem em contato se mesclam e dão vida a algo novo e único.

Nesse sentido, na realidade do cotidiano da vida na fronteira, ela não é enxergada como uma linha divisória entre dois países, pois eles vivem em uma só realidade, com situações de fluxos contínuos de pessoas, informações, mercadorias, culturas, costumes, crenças e ideias, que juntas representam uma realidade única para seus cidadãos. Podemos constatar que a fronteira não é enxergada como limite por seus cidadãos nas falas de moradores da fronteira ao dizerem que:

A fronteira pra mim é a união de povos, igual a nossa fronteira é divida apenas por uma rua então é muito unida pra nós, não temos a ideia de divisão. (Entrevista realizada com uma moradora em Ponta Porã¹³, em agosto de 2013, concedida a Ana Gláucia Seccatto).

Para mim a fronteira não existe, os dois lados é tudo uma só cidade, sou vendedor de sorvetes e se eu quiser saber se estou no Brasil ou no Paraguai só sei identificar através do nome das ruas, ou dos locais como essa praça, só

¹² Trata-se de dados coletados durante a realização de uma aula de campo que teve como tema: “*Territórios, Fronteiras, Culturas e Migrações*”, ocorrida entre os dias 07 e 09 de agosto 2013, fazendo parte das atividades da disciplina *Fronteira, território e migração*, ministrada pelo Dr. Jones Dari Goettert, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

¹³ Moradora na cidade de Ponta-Porã-MS, brasileira, 33 anos, comerciante.

sei que é no Paraguai por causa dos nomes nas placas. (Entrevista realizada com um morador de Pedro Juan Caballero¹⁴, em agosto de 2013, concedida a Ana Gláucia Seccatto).



Figura 2- Placa na Plaza Pedro Juan Caballero, mencionado pelo morador.
Fonte: SECCATTO, Ana G. Agosto/2013

Percebemos nas falas desses cidadãos da fronteira, que ela, de fato, parece não ser percebida no seu dia a dia; ela significa para eles a junção dos povos e não separação e limite, caracterizando-se como um entre-lugar, permitindo o contato e a aproximação. Tal situação de não existência dos limites da fronteira fica ainda mais visível quando o morador diz que só sabe sua localização, se está no Brasil ou no Paraguai, através do nome das ruas ou praças. São situações que se fazem presentes na vida dos cidadãos da fronteira, situações essas que são únicas e que não serão encontradas em nenhum outro lugar.

A fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, por ter como limite político-administrativo apenas uma rua, permite que os indivíduos circulem livremente, podendo ir a outro bairro que ultrapasse os limites de seu país para visitar amigos e familiares, para fazer compras, almoçar, frequentar festas ou igrejas sem serem barrados ou fiscalizados. Percebemos, através das falas dos moradores, que tais situações vividas na fronteira são únicas, pois muitos moradores, principalmente os paraguaios, relatam que no dia a dia, às vezes só se dão conta que moram na fronteira devido à burocracia que encontram ao buscarem

¹⁴ Morador na cidade de Pedro Juan Caballero-PY, paraguaio, 55 anos, vendedor ambulante de sorvetes.

atendimento a saúde ou para matricularem seus filhos em escolas do lado brasileiro, pois é exigida documentação brasileira para se ter acesso a essas políticas públicas.

As irmandades com o país vizinho se refletem nas comidas e costumes que já foram introduzidas e tornadas constituintes da cultura sul-matogrossense, como o consumo da sopa paraguaia, da chipa; na dança, influências da polca paraguaia e o hábito de tomar o tereré. Além disso, a religiosidade também aproxima ainda mais os dois povos; nas falas de um morador da fronteira transparece que não há fronteira também na fé, ele relata que frequenta igrejas dos dois lados da fronteira, porque a palavra é a mesma:

Não há fronteira também na fé, a minha bíblia sagrada é a mesma do brasileiro então estamos unidos também na palavra. (Entrevista realizada com um morador de Pedro Juan Caballero¹⁵, em agosto de 2013, concedida a Ana Gláucia Seccatto).

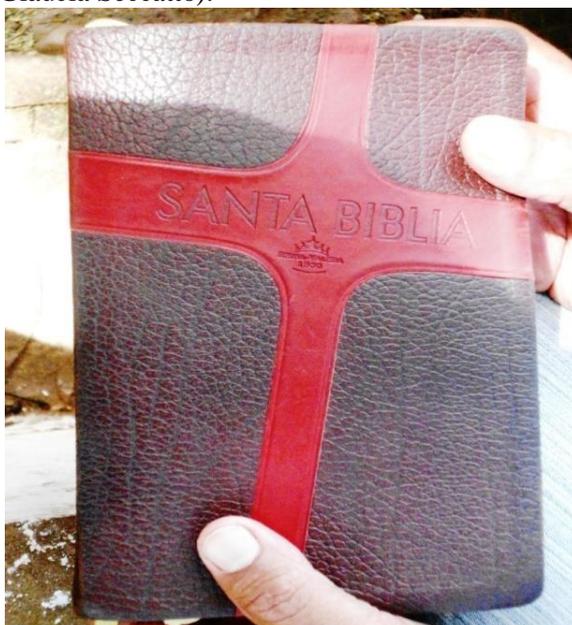


Figura 3- Bíblia Sagrada em mãos de um morador de Pedro Juan Caballero
Fonte: SECCATTO, Ana G. Agosto/2013

Porém, mesmo que seus habitantes reconheçam que na fronteira há uma irmandade com o povo paraguaio, eles demonstram em algumas falas que temos que nos atentar para as relações que estamos tendo com os nossos vizinhos, como ficou claro nas várias respostas de moradores entrevistados na fronteira, que existem vários problemas de preconceito contra os paraguaios, como a estereotipação de “povo preguiçoso”, “terra sem lei” ou “faroeste”.

¹⁵ Morador em Pedro Juan Caballero-PY, paraguaio, 48 anos, pedreiro.

Alguns moradores atribuem a culpa da criação dessas ideias sobre o Paraguai às mídias e também pelo fato de muitos brasileiros terem com o Paraguai apenas relações comerciais, ou seja, vão ao país vizinho apenas para comprar, e conhecem bem pouco das cidades paraguaias, ficando restritos como, por exemplo, na cidade de Pedro Juan Caballero, à primeira e à segunda rua onde o comércio mais se concentra e evitam, seja por medo ou desconfiança, conhecer mais o país vizinho. Desta forma, por não adentrarem mais a fronteira e por não conhecerem o cotidiano da população local, vendo que o Paraguai tem um povo receptivo, e que como em quaisquer outros lugares sentam nas calçadas para jogar conversa fora e tomar seu tereré, compartilhando suas vivências, suas culturas e crenças, muitos indivíduos acabam lançando olhares estereotipados sobre a nação paraguaia, de serem povos preguiçosos e terem cidades feias, sujas, violentas e sem leis.

Em muitas falas de moradores da fronteira, percebemos que eles têm consciência de que o povo paraguaio não deve ser estereotipado como preguiçosos só porque eles não trabalham no mesmo tempo e ritmo dos brasileiros, como por exemplo:

Muita gente fala que os paraguaios não gostam de trabalhar, eu não vejo eles como preguiçosos, mas para mim eles são mais felizes porque não ficam se matando a vida toda pensando só em trabalho. (Entrevista realizada com um morador de Pedro Juan Caballero¹⁶, em agosto de 2013, concedida a Ana Gláucia Seccatto).

Na fala destacada acima, percebemos que para o morador, o povo paraguaio é mais feliz do que o brasileiro e não preguiçoso, deixando transparecer o desejo de que os brasileiros tivessem relações com o trabalho iguais as que os paraguaios têm, porque assim, teriam mais tempo de viver a vida. Em contraposição às ideias de a fronteira se restringir a situações de lugar violento e caótico, os moradores da fronteira relatam que a violência que há em cidades fronteiriças existe em todo lugar, em muitas vezes são em percentuais bem maiores do que ocorre nas áreas de fronteira, e muitos deles atribuem também à mídia a grande responsabilidade por esses fatos, por divulgarem e criarem estereótipos sobre a fronteira.

Os habitantes da fronteira admitem que muitas pessoas buscam essas áreas para praticar atos ilícitos, como para o tráfico de drogas, devido à falta de fiscalização na fronteira entre Ponta-Porã e Pedro Juan Caballero que fazem divisa seca, e também pelo fato de o

¹⁶ Morador na cidade de Pedro Juan Caballero, brasileiro, 24 anos, estudante.

Paraguai ser grande produtor de maconha, mas salientam que os olhares sobre a fronteira não devem se pautar apenas a essas situações conflitantes, pois para além dessas situações a fronteira é habitada por cidadãos que vivem em sociedade como em todo lugar, e que compartilham sim de vivências peculiares, mas que não são tão caóticas como eles vêem a mídia focar e reproduzir.

Ressaltamos que a ideia de fronteira como limite no cotidiano de seus habitantes é ausente, pois elas são espaços onde os limites internacionais não se fazem presentes (a não ser para seus governantes, que necessitam dos limites físicos para o gerenciamento de seus territórios); as fronteiras vividas cotidianamente são espaço sem limites, fazendo-se presentes, em muitos casos, em apenas datas especiais ou comemorativas (como dia da pátria ou em jogos de futebol) e nos outros dias passa despercebida entre seus cidadãos que vão e vem sem se darem conta que estão cruzando em territórios diferentes, cruzando fronteiras.

É válido salientarmos que mesmo que as situações de conflito não tenham sido observadas com frequência nas falas dos moradores da fronteira, elas não são eliminadas das realidades dessas áreas; tendo em vista as relações complexas que envolvem as áreas fronteiriças, pois, elas são espaços de trânsito e de choque de culturas e línguas diferentes, são nesses espaços em que ocorrem as construções simbólicas de pertencimento, da identidade nacional e da própria identidade dos indivíduos que estão em constante processo de construção. E também, o fato de elas acabarem servindo como um atrativo para diversos indivíduos que buscam essas áreas para praticarem atos ilícitos, principalmente nas fronteiras secas, como é o caso de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. Portanto, acreditamos que a cordialidade nas falas dos moradores pode ter sobressaído devido ao questionário que foi aplicado junto aos moradores da fronteira, o qual continha questões que deram maior foco às situações de convivência e relações sociais existente nessas áreas; como já relatamos, o questionário foi aplicado durante trabalho de campo realizado em uma disciplina cursada ao longo do curso de mestrado.

2.4 Olhares sobre a Fronteira

A vida fronteiriça possui uma dinâmica própria e todos esses elementos referentes à fronteira apresentam a complexidade de relações que se fazem presentes nessas áreas, são relações de contato e de trocas que acontecem nos espaços fronteiriços. As fronteiras são

realidades vivenciadas culturalmente pelos sujeitos no interior de diferentes culturas e identidades e podem apresentar uma dupla função: separar e ao mesmo tempo unir.

Para Costa e Oliveira (2012) a vida na fronteira afronta a ordem nacional e suas organizações de controle e vigilância transcendendo o dogma da soberania.

Por outro lado, é justamente pelo contato com o “outro”, com o estrangeiro fronteiriço, que se forja e reafirma fronteiriços a construção do sentimento de pertencer à nação, por parte dos moradores, diferentemente de outras áreas centrais do Estado. Sendo assim, entendemos que existe uma peculiaridade na vida fronteiriça. (COSTA & OLIVEIRA, 2012, p. 31)

Nesse sentido, podemos perceber as peculiaridades das populações fronteiriças nas falas dos moradores da fronteira a partir do ponto de vista de cada um deles sobre suas vivências na fronteira. Ficando visível o entendimento de que para além de ser um marco de limite e de divisão territorial de separar dois Estados-nação, e de administração política, os espaços de fronteiras envolvem dialéticas relações sociais e construções simbólicas de pertencimento, de mestiçagem, e de intercâmbio cultural. Albuquerque complementa tal pensamento afirmando que:

As fronteiras nacionais são fenômenos bem mais complexos, não se resumem a limites, divisas, tratados diplomáticos, nem podem ser simplificados como lugar do narcotráfico e do contrabando. Não existe a fronteira em abstrato, o que existem são situações sociais e singulares de fronteiras. Alguns fenômenos podem ser generalizados para outros contextos fronteiriços e outros são específicos de uma dada configuração social. (ALBUQUERQUE, 2010, p.42)

São nesses espaços que se fundem línguas, valores e costumes variados dando vida às peculiaridades de situações que só se encontram na fronteira. É evidente que a fronteira é um território marcado por situações conflitantes, mas existem outras fronteiras com as quais suas qualidades se sobrepõem a quaisquer situações de conflitos. Pesavento (2002, p.35) relata que:

Como realidade transcendente, a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além. É conceito impregnado de mobilidade, princípio este tão caro à história. Se a fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e ética.

Como relatou Pesavento, a fronteira não é fixa, ela é móvel, lugar de trocas e de mobilidades, “a fronteira é um limite sem limites”, os fluxos contínuos sejam de pessoas, informações, mercadorias, ideias, culturas e etc., contribuem para que as áreas fronteiriças e principalmente para os indivíduos que nela habitam vivenciem uma realidade única, onde os limites internacionais não impedem o livre fluxo e mobilidades entre os dois países.

Embasados pelas contribuições de Raffestin (2005), refletimos que a maioria da população apresenta uma visão simplista sobre o que é a fronteira, tratando-a apenas como limite político administrativo e, ignorando as multiplicidades de relações que existem entre os habitantes da fronteira. Essas relações, tanto sociais, como de culturas ou de línguas ultrapassam os limites da fronteira, fazendo uma mistura de costumes, identidades e idiomas. As fronteiras são territórios marcados pelo confronto de etnias e nacionalidades, sendo onde ocorrem complexas relações sociais e culturais, “são relações diferentes que se unem e se dividem demonstrando a dialética da fronteira: a vida (entre) o lado de cá e o lado de lá” (MONDARDO, 2009, p. 01).

É válido ressaltar que as identidades na fronteira estão em permanente construção e reconstrução, e que esse movimento de vai-e-vem da fronteira, se reflete nas culturas, línguas, costumes e crenças que se fundem e se multiplicam nessas áreas fronteiriças, pois a fronteira é fluida, ela tem vida própria. Compartilhamos da ideia de que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas como os gregos reconheceram, (...) é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente” (Martin Heidegger, “Building, Dwelling, Thinking” *apud* Bhabha, 1998, p.19). Reconhecemos que a convivência na fronteira é em alguns momentos harmônica, e em outros conflituosos, principalmente, quando os assuntos são relacionados à política, futebol ou datas comemorativas, a fronteira se separa, pois cada país tem o seu representante político, a sua seleção e comemorações patrióticas, mas na maior parte do cotidiano de seus habitantes, devido à praticidade e facilidade de andar de um país para outro, é comum muitos cidadãos da fronteira dizerem que em seu dia a dia a fronteira como limite não se faz presente, pois cotidianamente são fluxos de pessoas, mercadorias e relações sociais que fazem parte do vai e vem e que dão vida aos espaços fronteiriços.

Ressaltamos, também, que muitos indivíduos que não moram em áreas de fronteira apresentam outra visão sobre ela; visão esta que pode estar sendo construída por meio do que os veículos midiáticos divulgam sobre a fronteira, conforme constatamos na discussão sobre os olhares que as pessoas que não moram em áreas fronteiriças têm sobre a fronteira.

Nesse sentido, destacamos a importância que as imagens vêm assumindo no mundo contemporâneo e a sua potencialidade comunicativa, como uma linguagem portadora de mensagens e significados. E desde o momento em que se percebeu a potencialidade comunicativa presente nas imagens fotográficas elas passaram a ser cada vez mais utilizadas pelos veículos midiáticos buscando chamar a atenção dos seus leitores e visualizadores e, servindo, em muitos casos como prova do real acontecimento do fato, devido principalmente à credibilidade que a população tem sobre as imagens fotográficas. E é essa situação de credibilidade que pode estar levando os indivíduos a criarem realidades sobre determinados assuntos ou lugares do mundo e, tornando-os também, reprodutores de estereótipos e preconceitos.

Frente a essas discussões e, tendo em vista que muitas imagens fotográficas sobre a fronteira Brasil-Paraguai circulam nos veículos midiáticos do estado de Mato Grosso do Sul, devido principalmente ao fato do estado ter várias cidades nessas áreas de fronteira, faz sentido então, refletimos no capítulo seguinte, sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea, assim como, os olhares sobre a fronteira Brasil-Paraguai que estão sendo construídos por meio das imagens fotográficas veiculadas pelas mídias eletrônicas.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DO OLHAR SOBRE A FRONTEIRA A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS PRESENTES NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS

Diante do fato de que o estado de Mato Grosso do Sul tem significativa extensão de seu território em área de fronteira, muitas das imagens que circulam nas mídias eletrônicas são referentes a essas áreas. Pensando neste contexto e com o intuito de atingirmos os objetivos propostos neste trabalho, no presente capítulo realizaremos em um primeiro momento a discussão acerca do papel que a mídia exerce nos tempos atuais sobre a sociedade e a sua relação com a fronteira.

No segundo item do capítulo, realizamos a análise das imagens fotográficas, refletindo sobre os elementos presentes nas mesmas no sentido de seu potencial educativo e construtor de determinadas concepções sobre a fronteira. As imagens apresentadas foram retiradas de mídias eletrônicas através do levantamento e seleção de *sites* de notícias de âmbito local, regional e nacional que abordavam a fronteira Brasil-Paraguai.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa envolveu da seleção de *sites* que divulgaram notícias sobre a fronteira Brasil-Paraguai, no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2014¹⁷. Em um primeiro momento, foi feita a seleção de três *sites* de notícias de cidades fronteiriças de Mato Grosso do Sul, os quais foram: (www.frenteiranews.com) de Bela Vista (MS), (www.pontapora.com e www.pontaporainforma.com.br) de Ponta Porã (MS) e (www.radialistapauloescobar.blogspot.com.br (CoronelSapucaia.com)) de Coronel Sapucaia (MS). Depois, foi selecionado um jornal eletrônico regional da cidade de Dourados (MS), sendo o *site* de notícias (www.douradosnews.com.br). Por fim, escolhemos um jornal eletrônico de abrangência nacional, que foi o UOL Notícias (www.noticias.uol.com.br).

Após a seleção dos *sites*, foi realizada, com a ajuda do campo de busca que cada *site* possui a captura das notícias com imagens sobre a fronteira. Essa busca se deu a partir da palavra “Fronteira”; assim, foram selecionadas todas as notícias que continham uma imagem fotográfica a acompanhando e que foram divulgadas entre o período de janeiro de 2013 a dezembro de 2014¹⁸.

¹⁷ Período da realização dos estudos do mestrado.

¹⁸ A metodologia utilizada para a seleção dos *sites* já foi detalhada por completo na introdução do trabalho.

3.1 O poder da mídia na sociedade contemporânea

No mundo contemporâneo, não há como negar a grande influência que as mídias exercem sobre a população. As mídias influenciam as pessoas em seu modo de agir e pensar, são lançadoras de moda, criam costumes, impõem padrões de beleza, comportamentos, tendências a serem seguidas e hábitos à sociedade. Somos, a todo o momento, bombardeados por diversos instrumentos midiáticos que possuem em comum o mesmo propósito, o de vender alguma coisa ou ideia.

O aprimoramento e surgimento de novos artefatos midiáticos possibilitaram a circulação de informações de forma rápida e o alcance no campo de acesso às informações em escalas mundiais. O que antes era divulgado e atingia pequenos grupos de indivíduos, hoje quase que simultaneamente atinge grandes grupos, e pode ser lido por várias pessoas em qualquer parte do mundo. Nesse contexto, as chamadas mídias de massa são um meio disseminador de informações de grandes proporções, diante do entendimento que elas atingem de forma ampla seu público (BALDANZA & ABREU, 2010).

Na análise de Milton Santos (2008) as novas condições técnicas da informação deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, da sociedade que o habita e dos homens em sua realidade intrínseca, no entanto, o que se percebe na atualidade é que as técnicas de informação são principalmente utilizadas por grupos em função de objetivos particulares, como por alguns Estados e empresas, aprofundando, assim, os processos de criação de desigualdades: “o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível” (SANTOS, 2008, p.39).

Não se pode negar que na atualidade os conglomerados empresariais, ou seja, instituições poderosas, que movimentam enorme quantidade de capital e que detêm e controlam os veículos midiáticos (no caso brasileiro podemos citar as organizações Globo) influenciam comportamentos individuais e coletivos e agem politicamente, defendendo seus próprios interesses e os interesses da sociedade capitalista de modo geral. E esse é um ponto debatido também por Milton Santos que salienta que na sociedade globalizada, a circulação da informação é manipulada pela mídia como parte dos grandes conglomerados. A mídia é a criadora dos mitos e dos símbolos da base da globalização e tudo funciona de acordo com as

regras do mercado. A propaganda trabalha para eliminar a esperança de mudança e, cada vez mais, induz ao consumismo. Na sociedade atual propaga-se tudo, e a política é, em grande parte, subordinada às suas regras (SANTOS, 2008).

Para Santos (2008) a informação atual tem duas caras, uma pela qual busca instruir e a outra pela qual busca o convencimento. As informações geralmente funcionam controladas e pautadas por interesses ocultos. Nesse contexto, Santos salienta que quando as notícias chegam às pessoas, elas já são o resultado de uma manipulação, a qual é exercida em grande parte por empresas e instituições hegemônicas, e essa informação se apresenta como ideologia¹⁹. Para o referido autor, os eventos veiculados nas mídias, não são propriamente o fato, mas sim uma interpretação sobre determinados acontecimentos (interpretação esta interessada e/ou interesseira dos fatos), e isto é a notícia, o fato já é entregue maquiado ao leitor e/ou ouvinte, e é por isso que se constrói no mundo hoje fábulas e mitos²⁰, “numa sociedade complexa como a nossa, somente vamos saber o que houve na rua ao lado dois dias depois, mediante uma interpretação marcada pelos humores, visões, preconceitos e interesses das agências” (SANTOS, 2008, p. 20).

Frente a essas contribuições de Santos, destacamos o poder que as mídias têm em criar realidades para a sociedade, pois possuem um poderoso papel no cotidiano das pessoas. Sendo detentoras de uma grande arma, a de manipular e de construir a visão dos indivíduos sobre determinados assuntos, pois boa parte do que é visto e lido nas notícias midiáticas é tido como verdade absoluta, e sendo algo que não precise ser pesquisado e analisado ao fato que se está sendo veiculado pela mídia, já lhe atribui um grau de verdade.

Para Santos & Silva (2009) a mídia é uma poderosa arma vertical ao passo que “concentrada nas mãos daqueles que controlam o fluxo de informações, “os detentores do saber”; como agente formador de opiniões e criador-reprodutor de cultura, a mídia interfere, forma e transforma a realidade, as motivações, os modos de pensar e de agir do homem” (p. 03). Atrelada a seus interesses e com o intuito de fabricar representações sociais mais convincentes, reunidas de uma condição valorativa, a mídia posiciona-se de maneira ideológica, tomando partido daquilo que lhe mais chama a atenção em termos lucrativos, em

¹⁹ Neste caso, ideologia seria o emprego de configurações simbólicas para criar ou sustentar relações hierárquicas, de dominação. Já a manipulação brota como sinônimo de controle, indução, coagida ou sugerida, através da razão ou dos afetos (SANTOS & SILVA, 2009).

²⁰ Milton Santos realiza em seu livro “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” uma discussão sobre fábula e mito que são criados pela globalização; ele salienta que em uma de suas faces a globalização é uma **fábula**, na medida em que fantasia-se acerca de **mitos** como a comunicação universal, o fim do Estado e a aldeia global.

outras palavras, o que é veiculado e mantido em circulação na mídia, é o que aos seus olhos aparece mais interessante e lucrativo (SANTOS & SILVA, 2009).

No processo de recebimento da informação, o indivíduo acaba por aceitar e reproduzir os fatos que são vistos nos veículos midiáticos tendo-os como verdades absolutas, sem levar em consideração que tais fatos transformam-se em notícias nas mídias, muitas vezes distorcidas para o “bem” ou para o “mal”. São situações nas quais nem tudo é exposto, com informações controladas e cheias de interesses.

No momento em que o sujeito assume o que vê ou lê na mídia como verdade, a sua realidade pode acabar sendo interpretada e construída por meio das informações veiculadas pelas mídias, o que, como já foi criticado por Milton Santos é uma interpretação do fato, e não o fato propriamente dito.

A força midiática é notória naquilo que divulga e no que silencia. Sua eficácia também é vista no serviço de ‘inculcar idéias’, com o utilitário de fazer com que o mundo pareça ser o que vemos nas capas das revistas, telas da televisão ou do computador. Tal dominação se dá por meio de um sistema de linguagens verbais e não-verbais, composta de símbolos e signos. (SANTOS & SILVA, 2009, p.03)

Nesse sentido, os meios midiáticos anunciam suas notícias de acordo com o que querem mostrar, é um jogo político no qual só o que é de interesse dos grupos dominantes é o que será difundido. O papel dominante que a mídia adquire hoje na sociedade faz com que os indivíduos passem a enxergar o mundo através das lentes das mídias, ou seja, o que é visto na mídia é aceito e reproduzido como verídico. Diante deste contexto, percebemos que as mídias detém hoje um poder de criar verdades, gerando comportamentos e atitudes, modificando e influenciando grupos sociais.

Em tempos de imersão da tecnologia, é evidente a força do poder simbólico, principalmente da mídia. O poder simbólico é o poder de constituir o dado ou uma ideia, pela enunciação, o poder de manipulação, de influência, que leva a crer e fazer, confirmar ou de transformar a visão de mundo (BOURDIEU, 1989), é o poder de conduzir indiretamente a sociedade configurando no que podemos chamar hoje de “Quarto Poder²¹”, exatamente pela sua capacidade de exercer influências na sociedade.

²¹ A ideia de Quarto Poder vem à tona como a de um poder fiscalizador dos outros três poderes e, ao mesmo tempo, como um poder que influencia os demais poderes de modo a veicular aspirações da sociedade civil. O Quarto Poder surge como uma instância de debates dos setores articulados da cidadania, de expressão de sua

Em sua obra “O poder simbólico” (1989), Bourdieu nos traz relevantes discussões que se fazem importantes serem mencionadas por nós no que se refere ao poder simbólico que as mídias detêm. Bourdieu (1989) aponta que esse poder é quase “mágico” e que permite o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, mas, ele só exerce essa força quando é reconhecido, ou seja, quando ele é ignorado como arbitrário.

Para Bourdieu “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 1989. p. 8). O poder simbólico tem uma força enorme na sociedade e por isso o autor considera que a mídia é detentora de poder, podendo transformar a visão de mundo dos sujeitos.

O poder simbólico não consiste em “sistemas simbólicos” em forma de uma “*illocutionary force*”, mas, que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. (BOURDIEU, 1989, p. 14). O poder simbólico não se forma automaticamente nas relações sociais, ele é desenvolvido, intencionado e controlado por uma minoria com interesses. Esse poder simbólico, que na maioria das sociedades era diferente do poder político ou econômico, hoje está concentrado nas mãos das mesmas pessoas, que detêm o controle dos grandes grupos de comunicação, ou seja, do conjunto dos instrumentos de produção e de difusão dos bens culturais (BOURDIEU, 1989). No entanto, mesmo havendo críticas aos que percebem o poder de persuasão que as mídias concentram nos tempos atuais, o seu poder não diminui, ao contrário, parece que a cada dia aumenta mais. O poder simbólico tem a força de construir realidades, que tende a estabelecer sentido que supõe uma concepção homogênea de mundo.

É válido salientar que a mídia é considerada o “Quarto Poder”, sendo o quarto maior segmento econômico do mundo e a maior fonte de informação e entretenimento que a população possui na sociedade brasileira, pois tem um poder simbolicamente enorme que às vezes pode até superar os outros três poderes (executivo, legislativo e judiciário), em relação a

opinião. [...] Segundo o sociólogo português Nelson Traquina, o termo Quarto Poder foi criado pelo inglês Lord Macaulay, em 1828. A imprensa desempenharia um papel dual. Em primeiro lugar, seria uma guardiã dos cidadãos, “protegendo-os do abuso de poder por governantes que até então tinham mostrado apenas a face da tirania”. Ao mesmo tempo, a imprensa deveria ser “um veículo de informação para equipar os cidadãos com ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos, e uma voz dos cidadãos na expressão das suas preocupações, da sua ira, e, se for preciso, da sua revolta” (BETIATI & DITTRICH 2010, p.5 *apud* IANONI 2003).

sua força de influencia na mentalidade e imaginário social da maioria da população. Para Silva & Santos (2009, p.2):

O poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria. Subliminarmente, através da televisão, das novelas, jornais e internet, é transmitido um discurso ideológico, criando modelos a serem seguidos e homogeneizando estilos de vida.

Diante desta premissa percebemos como a sociedade acaba por aceitar e reproduzir os ideários que são passados e sustentados por este Quarto Poder, na medida em que são incapazes de fundamentar suas próprias opiniões, assumem o discurso ideológico midiático, os defendem e os divulgam, fazendo com que por meio deste processo a mídia crie novos estilos de vida, novos conhecimentos, culturas e representações. A sociedade de consumo é influenciada e formada por informação, propaganda e publicidade, constituindo, assim, o modelo de vida contemporânea e ditando os padrões a serem seguidos.

O público é colocado diariamente frente às notícias midiáticas, e de uma realidade artificial que é criada por elas, exercendo a manipulação da realidade. No entanto, salientamos que nem tudo que é veiculado na mídia é material manipulado, pois se isso ocorresse, a mídia perderia sua credibilidade junto aos indivíduos, e ela não teria a importância que assume hoje na sociedade. Mas, de fato, essa manipulação também não acontece esporadicamente, pois, tudo é realizado sob a análise de objetivos, intencionalidades e interesses, as informações midiáticas são rodeadas de interesses. As mídias inquestionavelmente exercem papel fundamental na sociedade contemporânea devido ao seu poder de penetração material e simbólico no cotidiano das pessoas, tornando-se a instituição social mais poderosa nos tempos atuais.

Diante desta discussão sobre mídia é válido destacarmos o papel que as imagens desenvolvem neste cenário midiático, pois, o poder que as mesmas têm na sociedade contemporânea também é enorme. Como discutimos sobre o indivíduo ver os fatos pelas lentes da mídia apoiados principalmente pelas contribuições de SANTOS & SILVA (2009), no contexto das imagens, tal situação também ocorre da mesma forma. Acabamos por interpretar nossa realidade por meio das informações fornecidas nas linguagens visuais que

são veiculadas nas mídias, e ao invés das imagens representarem²² o mundo em que vivemos, elas acabam por reconstruir uma nova realidade; que não existe, ou que é compreendida com distorções e descontextualizações.

Nos tempos modernos, grande parte dos fenômenos que ocorrem, transformam-se em notícias e se propagam com grande velocidade pela sociedade; alguns recebem maiores ênfases de sensacionalismo e com difusões excessivas. Percebemos que estamos vivendo em uma sociedade do espetáculo²³ onde os fatos que apresentem algum interesse às organizações e mídias em geral recebem maior a atenção da indústria midiática e ocorre em torno deles uma espetacularização midiática e sensacionalismo, sendo difundidos e veiculados com grandes ênfases seja elas rodeados de argumentos apreciativos ou carregados de argumentos depreciativos, como forma de chamar a atenção do público, com o intuito de promover o íbope e audiência das fontes de informação.

Para de Guy Debord (1997), a espetacularização da informação está relacionada com a busca do capital e do lucro, e esse é o grande interesse do sensacionalismo que se faz em volta das notícias; tudo para chamar a atenção e entrar na disputa com a concorrência por cada vez mais leitores e visualizadores. Nesse contexto, é válido salientarmos que as imagens são muito usadas pelos diversos meios de comunicação para aguçar curiosidades e atenção do público, principalmente a imagem fotográfica, porque fornece a sensação de verdade dos fatos.

Existe a utilização das imagens como meio de se sustentar instrumentos de exercício de poder social. Principalmente quando se trata da imagem fotográfica, o domínio social é ainda maior, devido ao realismo que rodeia essa imagem, como já salientado no capítulo I deste trabalho. Cabe dizermos que há uma produção e valorização das linguagens imagéticas pelos meios de comunicação como instrumento de persuasão e de poder social, de forma que

²² Baseado na teoria semiótica de Charles S. Peirce, entendemos o conceito de representação como sinônimo de signo, contudo, não em seu sentido amplo, mas sim em um sentido restrito: "um retrato representa a pessoa para quem dirige a concepção de reconhecimento" (Peirce *apud* Santaella; Nõth, 2005, p. 17). A representação, sob essa ótica, se baseia em uma relação de semelhança que o signo estabelece com o objeto que representa. Fazendo uso das palavras de Scheerer, Santaella e Nõth (2005, p.20) escrevem: "'apresentação' é utilizada tendencialmente para a presença direta de um conteúdo na mente, enquanto 'representação' é reservada para casos de consciência de um conteúdo, nos quais um momento de redação, reprodução e duplicação está em jogo" (CARDOSO, 2013, p.13).

²³ Termo originalmente utilizado com a finalidade de descrever a espetacularização de fatos pela mídia descrito na obra *A Sociedade do Espetáculo*, de Guy Debord; obra originalmente publicada na França em 1967 com o título *La Société du Spectacle* para.

somente aquela imagem que irá reafirmar a informação que a mídia quer passar, vai ser a que vai ser publicada e difundida.

É fato que para prender a atenção do leitor na linguagem verbal, é preciso chamar a atenção do público para aquela notícia e as estratégias mais utilizadas pela mídia centram-se na imagem, sendo em sua maioria as fotografias que aparecem sempre para provocar a curiosidade do leitor, gerando comoção e indignação, sendo apelativas e com situações inesperadas.

Diante deste entendimento, não há como negar que as imagens veiculadas pelas mídias são meios eficazes de entendimento da cultura e da sociedade brasileira. A mídia é e sempre foi um instrumento de forte influência na vida das pessoas, ela é capaz de criar um imaginário social.

Destacamos o caso de lugares que apresentam alguma especificidade como as fronteiras internacionais. O fenômeno fronteira atrai os meios de comunicação, sobretudo em se tratando de fronteiras internacionais com a presença de cidades gêmeas.

É sabido que as discussões sobre as temáticas referentes à fronteira tendem a remeter a contextos conflitantes, como sendo áreas marcadas pelo tráfico, assassinatos, contrabando e comércio ilegal. As regiões fronteiriças, além de apresentarem características semelhantes a outros espaços, também apresentam elementos peculiares e situações próprias; é uma realidade única, com as relações de povos de nacionalidades, leis, normas e culturas diferentes, são áreas que representam o início ou o fim de um território nacional, e por conter essas características, acabam atraindo maior interesse da mídia e sendo alvo e fontes para os mais diversos veículos de informação, tendo repercussões nacionais e internacionais. Porém, as regiões fronteiriças não se resumem simplesmente aos contextos cotidianamente veiculados pelas mídias, que em suma se restringem a contextos conflitantes. Elas, de fato, envolvem complexas questões sociais e políticas, mas também, são cenários de fluxos, choques, misturas, integrações e mobilidades de pessoas, culturas, línguas e crenças que no contato com o diferente se multiplicam e dão vida às dinâmicas dos espaços fronteiriços, conforme já discutimos no capítulo II deste trabalho.

Não podemos subestimar o poder da influência da mídia na vida das pessoas e também não podemos ignorar a importância que elas exercem na sociedade quando são utilizadas pautadas no compromisso com a ética e com a circulação de informações verídicas. Podemos citar como um exemplo da grande importância que a mídia tem na sociedade quando vemos

intenções de mobilizar a sociedade em prol de campanhas contra a dengue, epidemias, vacinações, campanhas de doação de sangue e muitas outras coisas, que quando são divulgadas pela mídia ganham enormes proporções; destacamos então, que as mídias podem então, tanto ser usados para o bem quanto também para o mal. É válido ressaltarmos que em muitos momentos as mídias exercem uma função primordial, contribuindo para a valorização da diversidade cultural, da promoção dos direitos humanos, no combate aos diversos tipos de violência, no acesso à informação, entre outros. Nesse contexto, o público é que tem que ser crítico ao receber todo tipo de informação que é veiculada na mídia e analisar, pesquisar o que realmente é verídico ou não, ele tem que ser capaz de formular sua própria ideia e opinião e não ser um espelho da mídia e aceitar tudo como uma verdade absoluta e incontestável.

Considerando as questões até aqui abordadas, no item a seguir, analisaremos a partir de uma amostragem, como a mídia eletrônica em escala local, regional e nacional veicula temas relacionados às áreas de fronteira internacional entre Brasil e Paraguai tendo como foco a linguagem fotográfica.

3.2 Olhares sobre a fronteira a partir de imagens fotográficas presentes nas mídias eletrônicas

O avanço tecnológico possibilitou a ampliação das instituições midiáticas como também intensificou o grande número de imagens fotográficas que são veiculadas por elas, devido ao surgimento de vários artefatos de captura de imagens. Levando em consideração o fato da sensação de realidade que é transmitida pelas imagens fotográficas, fica fácil entendermos os porquês de sermos constantemente bombardeados por explosões de imagens, em mensagens publicitárias, *outdoors*, revistas, jornais impressos, digitais e entre outros, tudo com o intuito de se passar a ideia de verdade dos fatos.

Esse grande *boom* de utilização das imagens fotográficas e das múltiplas possibilidades de interpretações e intenções que elas carregam, nos coloca diante de uma necessidade latente, a de buscar refletir sobre qual está sendo o papel das imagens fotográficas que são difundidas em grandes escalas pela mídia eletrônica diante de seus visualizadores, ou seja, do público que consome destas notícias e imagens, para que diante desta compreensão possamos analisar e refletir sobre até que ponto elas estão sendo responsáveis por certas realidades e concepções que circulam no imaginário social.

Concordamos com a perspectiva de Costa & Benites (2009) de que as imagens fotográficas nos possibilitam o desenvolvimento de noções e conceitos sobre o espaço geográfico, atribuindo a esse processo significações que nos levam a um exercício de reflexão e entendimento sobre o mundo a nossa volta. Destacamos as possibilidades interpretativas e de produção do conhecimento propiciadas pelas fotografias, tendo em vista que:

(...) tanto como técnica ou como arte, a fotografia, desde sua origem tem sido um instrumento utilizado por diversas áreas do conhecimento, revelando-se assim seu caráter interdisciplinar. Isso permite que a Geografia explore essa forma de linguagem como possibilidade de compreensão do espaço. De maneira que, sempre se mantenha como prioridade a observação dos fenômenos, de tal modo que a localização desses estejam relacionados diretamente com o processo de significação dada pelos sujeitos inseridos no seu ambiente de vivência (COSTA & BENITES, 2009, p. 2).

Nesse sentido, buscamos aqui argumentar sobre como a linguagem imagética amplia nossos conhecimentos e potencializa nosso diálogo e discussão sobre questões fronteiriças e nos fornece outras possibilidades de pensamento. Para tal discussão, iremos utilizar imagens fotográficas retiradas dos *sites* selecionados e, partir delas, apresentaremos uma discussão sobre como muitas dessas imagens podem estar de alguma forma criando e levando à reprodução de estereótipos sobre a fronteira. Contrapondo a este contexto, a partir de outras imagens, iremos discutir as contribuições importantes que elas nos apresentam para dialogarmos sobre as vivências na fronteira, imagens estas que quando utilizadas em sala de aula podem ajudar os professores, ao trabalharem com temas referentes à fronteira, tendo em vista que, principalmente em áreas de fronteira há limitações apresentadas pelos materiais didáticos utilizados na maioria das escolas que não abordam a fronteira de forma mais ampla, fato que já foi constatado em várias pesquisas científicas.

Tomamos como exemplo as contribuições de Terenciani (2011) que relata que geralmente os professores têm grandes dificuldades quando vão trabalhar sobre estes temas e “muitas vezes ficando restritos a datas comemorativas e festas folclóricas, como se fossem parte de uma realidade paralela, que só se manifesta em determinados contextos específicos e/ou históricos” (2011, p.190). Nesse sentido, percebemos como geralmente as questões referentes às fronteiras são trabalhadas em sala de aula, ficando clara a deficiência e a dificuldade encontrada pelos professores, ao se defrontarem com esses temas.

É observável como a mídia, quando aborda a fronteira, pauta-se em noticiários que se restringem a alguns elementos recorrentes como falsificação, contrabando, roubo, fraude, fuga de suspeitos ou tráfico. Se fizermos uma busca simples em *sites* de pesquisas na internet sobre a fronteira Brasil-Paraguai, iremos nos deparar com a maioria de imagens referentes a assassinatos, narcotráfico, prisões, contrabandos ou apreensão de produtos ilícitos, acompanhando textos que se remetem ao que acontece na fronteira, e em um número bem reduzido, encontraremos imagens que se referem a outros assuntos como a cultura ou o lazer.

Apresentamos a seguir algumas imagens fotográficas retiradas dos *sites* de notícias selecionados, as quais se relacionam ao que classificamos aqui para teor de análise como sendo assuntos relacionados a situações de conflito, que envolvem fatos relacionados à: apreensão e tráfico de drogas, prisões de criminosos, assassinatos, registro e recuperação de carros e motos roubados, apreensão de armas e munições, operações policiais, acidentes, contrabandos e assaltos.



Figura 4- Em 15 dias de ação, Fronteira Integrada apreende 23 ton. de maconha e 520 kg de cocaína e crack em MS (CoronelSapucaia.com, 09 de agosto de 2013)



Figura 5 - PF apreende 66 quilos de cocaína na fronteira com o Paraguai
(DouradosNews, 03 de setembro de 2013)



Figura 6- Adolescente capota carro com droga na fronteira
(DouradosNews, 05 de dezembro de 2013)



Figura 7 - Carga de maconha que saiu da fronteira é apreendida pelo DOF
(PontaPorainforma.com, 10 de dezembro de 2014)



Figura 8- Operação Brasil Integrado Fronteira prende 28 e apreende 4,7 toneladas de drogas no MS
(FronteiraNews.com, 06 de novembro de 2014)



Figura 9- Veículos roubados são recuperados pelo DOF na fronteira
(DouradosNews, 22 de Junho de 2014)



Figura 10- Quadrilha paraguaia explode torres de energia na fronteira
(DouradosNews, 07 de julho de 2014)



Figura 11 - Batalhão da Fronteira apreende CDs e DVDs contrabandeados do Paraguai (UOL, 25 de janeiro de 2013)



Figura 12- Jornalista brasileiro é assassinado na fronteira (DouradosNews, 22 de junho 2014)



Figura 13- Radialista é executado quando chegava em casa na fronteira
(DouradosNews, 16 de maio de 2014)

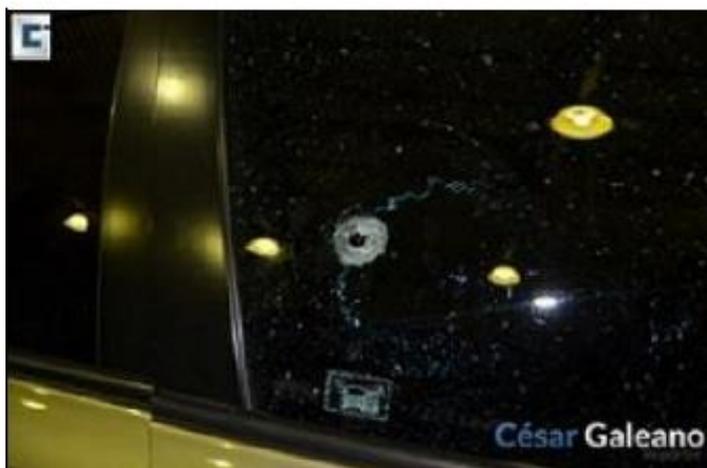


Figura 14- Assaltantes agem na Fronteira atacando veículos
(FronteiraNews.com, 16 de novembro de 2013)



Figura 15 - Suspeito armado e com certa quantia em dinheiro é preso na fronteira
(PontaPorainforma.com, 23 de abril de 2014)



Figura 16 - Exército fecha a fronteira contra o narcotráfico em MS
(FronteiraNews.com, 21 de maio de 2013)

As imagens apresentadas acima foram selecionadas em meio a muitas outras que circulam nas mídias eletrônicas e que em suma retratam as mesmas situações de contextos conflitantes envolvendo as áreas de fronteira: de apreensão de drogas (Figuras 4, 5, 6, 7 e 8), marginalidade e prisões (Figura 10, 14 e 15), produtos contrabandeados (Figura 11), assassinatos (Figura 12 e 13), roubo e contrabando de veículos (Figura 9) e operações policiais, como a contra o narcotráfico mostrado na figura 16. Essas imagens mostram o círculo vicioso envolvendo as temáticas recorrentes sobre a fronteira, as quais tendem a suscitar ideias que remetem à condição e contextos conflitantes, de ilegalidade e violências. De acordo Silveira (2007, p.11):

A análise da cobertura da mídia impressa no tema das fronteiras internacionais brasileiras reitera o condicionamento da atitude profissional que reproduz um noticiário viciado em torno de alguns elementos recorrentes: *violência urbana e rural* (assaltos, assassinatos, perseguição política a cidadãos de países vizinhos em território brasileiro); *terrorismo* (vínculos com grupos terroristas muçulmanos e colombianos); *exclusão social* (imigrantes e trabalhadores estrangeiros sem documentos e/ou direitos legais, clandestinidade, pobreza) e *contravenções legais* (contrabando de sementes transgênicas, alimentos, roupas e eletro-eletrônicos, abigeato, tráfico sexual e de drogas).

Nesse sentido, em concordância com Silveira, percebemos como a mídia ao falar sobre a fronteira é pautada por noticiários viciados em torno de alguns elementos recorrentes como falsificação, contrabando, roubo, fraude, fuga de suspeitos ou tráfico. Isso também pode ser observado nas imagens que acompanham essas notícias e a sociedade pode estar sofrendo influências midiáticas, criando e reproduzindo conceitos e preconceitos sobre o Paraguai e sobre a fronteira pautados, em grande medida, pelas notícias e sobretudo pelas fotografias que as acompanham.

Diante desta constatação, observamos que a mídia contribui para a construção e reprodução de preconceitos sobre a fronteira não só por meio das notícias que circulam em torno das mesmas temáticas recorrentes, mas também quando se refere aos produtos paraguaios como sendo falsificados ou de qualidade inferior, representadas por frases como “*made in Paraguai*”, e não só nos meios jornalísticos digitais, mas também na mídia televisiva quando retratam que uma pessoa fez algo de errado e fugiu para Paraguai, acabam criando e alimentando essas ideias de ver o país vizinho como um lugar facilitador de contrabando, narcotráfico, violência e “terra sem lei”; essas situações contribuem para a criação desses estereótipos e marginalização da comunidade paraguaia.

Destacamos neste contexto, a realização do “II Encontro Internacional de Jornalistas na Fronteira”, evento ocorrido em Corumbá (MS) que faz fronteira com a Bolívia, que reuniu 50 profissionais do jornalismo em 29 de novembro de 2011, como sendo uma perspectiva de mudanças no olhar vicioso que a mídia apresenta quando publica notícias sobre a fronteira. Nesta ocasião, os profissionais debateram propostas contra o preconceito nas áreas de fronteira, mostrando que os próprios jornalistas já perceberam que a maioria tem um olhar vicioso sobre as mesmas temáticas ao publicar notícias sobre a fronteira. De acordo com o

Prof. Dr. Marcelo Vicente Cancio Soares²⁴, o evento reforçou conclusões levantadas durante a primeira edição que ocorreu em maio do mesmo ano em Ponta Porã, fronteira com o Paraguai, de que “existe um preconceito regional e nacional no tratamento das pautas jornalísticas para a fronteira e a mídia se restringe a dar destaque ao tráfico de drogas e ao contrabando” (SOARES, 2011).

Para Soares, as fronteiras são regiões de conflito sim, mas o que não podemos fazer é acirrar conflitos e a rivalidade com os nossos vizinhos; uma das missões do jornalismo na fronteira deveria ser contribuir para evitar ações de rivalidade exagerada ou que exacerbem valores estereotipados sobre as duas comunidades, para que assim procurassem eliminar os entendimentos que criam preconceitos sobre essas áreas e que não contribuem para integrar as duas nações. O autor complementa que quem faz jornalismo fronteiro precisa ter consciência destas particularidades, e que devemos buscar formas de integração, e respeitar e valorizar as características de cada lugar e de seu povo.

Os avanços tecnológicos facilitaram a comunicação e circulação de notícias pela sociedade; a mídia eletrônica possibilitou que as notícias circulem com grande velocidade e com amplo alcance global. Antes da disponibilização na *internet* as notícias circulavam com menor intensidade, com pequena abrangência sobre a sociedade, eram transmitidas através dos jornais impressos e/ou nos programas de rádio com alcance regional, e com um alcance nacional por meio dos telejornais. A mídia digital com seus *sites* e portais de notícias permitiram que os leitores de qualquer parte do mundo acessem as informações publicadas sobre qualquer lugar. Atualmente, as notícias circulam em tempo real e com grande velocidade e de certa forma, passamos a conhecer lugares sem ter estado pessoalmente neles através das linguagens imagéticas presentes nas mídias digitais.

Frente a este contexto e do entendimento de que as imagens veiculadas nas mídias acabam construindo imagens sobre o lugar, salientamos, a partir das situações retratadas nas imagens retiradas da mídia eletrônica, que uma pessoa que nunca foi em áreas de fronteira, que não conhece a realidade e o cotidiano da vida nessas regiões, ao entrar em contato com as imagens fotográficas referentes a questões fronteiriças e que são veiculadas com grande difusão pelas mídias e que atualmente atingem a áreas mais remotas do país e do mundo, pode criar realidades que não existem ou que são mal interpretadas e compreendidas, e desta forma muitos indivíduos criam o sentimento de medo de ir ou viver nessas regiões, e acabem vendo

²⁴ O Professor Marcelo Vicente Cancio Soares é do Departamento de Jornalismo da UFMS, Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e realizou pesquisas sobre a mídia e a fronteira.

a fronteira de forma estereotipada e preconceituosa como “fim do mundo”, “faroeste” ou “terra sem lei”. Neste sentido, compreendemos que as mídias podem estar exercendo o papel de criar realidades sobre as áreas fronteiriças.

Os indivíduos, ao entrarem em contato com as imagens veiculadas pela mídia devem ter em mente que não se pode aceitar as fotografias como real reprodução do presente, elas agem como fontes de informações históricas e devem ser decodificadas e contextualizadas levando em consideração os múltiplos desdobramentos políticos, sociais, econômicos e culturais realizados na sociedade no espaço de tempo em que elas foram eternizadas e tornadas como documento pelo fotógrafo, até o momento em que ocorre sua análise, para assim, se chegar à construção do conhecimento mediado pelas fotografias. Porém, sem o desenvolvimento de habilidades de compreensão crítica e reflexiva, a maioria da população não consegue interpretar as realidades relatadas nas fotografias, e acaba por reproduzir os estereótipos criados pelas representações midiáticas sobre a fronteira.

Sendo assim, temos que pensar que as imagens reproduzidas, especialmente pelas mídias eletrônicas, podem alienar os indivíduos, mas também podem educá-los; aí se faz necessário o papel de fundamental importância do professor de preparar os alunos para o exercício da cidadania, para que eles, de forma crítica, interpretem as diversas linguagens imagéticas veiculadas por esses meios de comunicação que muitas das vezes reproduzem os interesses das classes dominantes, para que no processo de ensino/aprendizagem os indivíduos sejam participantes ativos na construção de seus conhecimentos.

Na era da globalização, em que as informações chegam de forma muito rápida por meio de televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador, o trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todos esses recursos para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo em que vive. (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2007, p. 263)

Partindo do pressuposto acima, percebemos o quanto é necessária a alfabetização visual na educação escolar; o aluno deve estar apto para interpretar as diversas imagens que são veiculadas na sociedade. Tendo em vista que os avanços tecnológicos colocam um desafio para o ensino nas mais diferentes áreas, ressaltamos a importância da Geografia ser auxiliada pela linguagem fotográfica, pois ela proporciona aos alunos o desenvolvimento de capacidades de compreender e articular os conceitos do espaço geográfico em suas múltiplas escalas, estimulando o desenvolvimento de habilidades e competências no processo de

ensino/aprendizagem, e o espírito crítico de visão de mundo, indicando maneiras pelas quais os alunos podem olhar a paisagem desbravando o mundo além da sala de aula, transformando a imagem fotográfica numa aliada da educação.

Neste contexto, destacamos que em meio a e tantas imagens veiculadas pelas mídias, as quais muitas constroem preconceitos sobre as áreas de fronteira, há também sendo veiculadas nas mídias outras imagens que podem servir de instrumentos potencializadores dentro das salas de aula, mas para isso é necessário que os educadores assumam a responsabilidade de desenvolver também a alfabetização visual em seus alunos.

Por meio da análise das imagens que selecionamos observamos que os jornais apresentam as notícias, muitas vezes, com imagens fortíssimas, que retratam a realidade em determinados momentos na fronteira, conforme podemos observar nas Figuras 12 e 13 que mostram assassinatos. Sabemos que o papel dos *sites* de notícias é mostrar a realidade, e temos ciência do fato que a fronteira do Mato Grosso do Sul com o Paraguai é violenta, principalmente devido às facilidades que a fronteira seca oferece, podendo servir de rota de fuga para criminosos e porta de entrada de armas e drogas para nosso país. Fato que contribui para que as maiores apreensões de drogas e produtos ilícitos sejam feitas em operações realizadas nessas áreas. No entanto, acreditamos que além da denúncia e dos noticiários viciosos, os jornais também podem publicar reportagens fazendo abordagens no sentido de integração que gerem uma ideia positiva sobre a fronteira, e os professores podem se utilizar dessas imagens para a construção de outros conhecimentos que já se fazem presentes nas mídias, porque os alunos já carregam consigo uma noção prévia de como é a vida na fronteira. Essas construções, em sua maioria, podem ter sido realizadas através do que a mídia, não só a eletrônica, mas toda ela, principalmente a televisiva provoca nos indivíduos e influencia na construção dessas concepções.

Apresentaremos a seguir algumas imagens fotográficas também retiradas dos *sites* selecionados que propiciam discussões e olhares diferentes sobre a fronteira; tais imagens ao serem trabalhadas em sala de aula, possibilitam que o professor leve seus alunos a uma discussão sobre a fronteira e sobre a realidade das vivências nessas regiões, trilhando caminhos que desconstruam os preconceitos sobre essas áreas a partir do olhar da fotografia.



Figura 17 - Pedro Juan Caballero o 'novo' eldorado para futuros médicos brasileiros (Ponta Porã, 25 de abril de 2013)



Figura 18- 2ª Black Friday começa com menores filas que no ano passado (DouradosNews, 21 de setembro de 2013)



Figura 19- Black Friday de 5 a 7 de setembro volta a movimentar a fronteira
(FronteiraNews.com, 15 de agosto de 2014)



Figura 20- Parceria garante disseminação da produção sustentável na fronteira
(PontaPorainforma.com, 10 de abril de 2014)

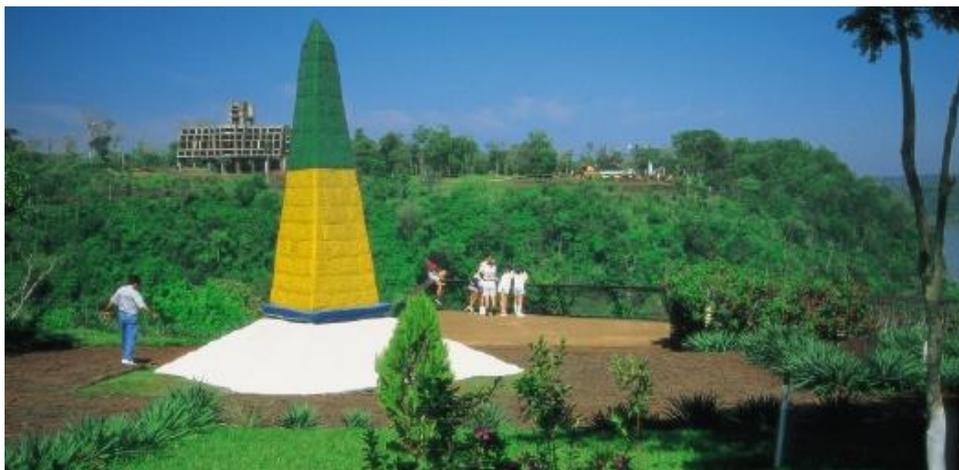


Figura 21- Fronteiras brasileiras: Os limites do nosso território
(Uol.com, 23 de janeiro de 2013)



Figura 22- Dólar encosta em R\$ 2,72 na fronteira Brasil/Paraguai
(PontaPorainforma.com, 12 de dezembro de 2014)



Figura 23- Ponte da Amizade que liga Brasil e Paraguai
(UOL, 21 de agosto de 2014)

Diante destas imagens sobre a fronteira veiculadas nas mídias eletrônicas, o professor pode incentivar e evidenciar os mais diversos aspectos característicos dessa região,

trazendo para a realidade do aluno os conceitos estudados no livro didático, que em sua maioria trabalham a ideia de fronteira apenas como limite territorial²⁵ e dessa forma, pode enriquecer a discussão, indo além do entendimento de fronteira como limite, mostrando relações e situações que acontecem no cotidiano das áreas de fronteira que podem ser semelhantes a que acontece também no dia a dia dos alunos.

A imagem apresentada na Figura 17 está acompanhando a notícia de que Pedro Juan Caballero é o “novo” eldorado²⁶ para os brasileiros que pretendem cursar medicina, pois no Brasil o acesso é difícil, seja pelos altos preços dos cursos nas universidades particulares ou pela alta concorrência por uma vaga nos vestibulares das universidades públicas. Sendo assim, o Paraguai, pelas facilidades que oferece atrai muitos brasileiros de todas as idades para estudar em seu território. Os brasileiros são seduzidos pelos preços baixos e as vagas ilimitadas, e passam a ver o Paraguai como um “novo” eldorado para estudar em cursos de medicina em suas universidades particulares. Além desse entendimento, percebemos outras possibilidades de discussões sobre a fronteira que a imagem permite realizar. A imagem apresenta em primeiro plano um símbolo da cidade de Ponta Porã, uma cuia de chimarrão e outra de tereré, que representa duas culturas que se tornam apenas uma, tendo em vista que Ponta Porã faz fronteira seca com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, capital do departamento de Amambay (PY). No fundo da imagem visualizamos a bandeira do Paraguai que deixa mais evidente o sentido de integração que a foto nos apresenta, e percebemos que talvez seja com esse intuito de mostrar a integração entre dois povos que a imagem tenha sido eternizada, e esse entendimento possibilitaria discussões sobre a realidade da vida na fronteira, as relações entre as pessoas que convivem diariamente com culturas, línguas e costumes diferentes, e que participam de situações peculiares que acontecem nessas regiões.

As Figuras 18 e 19 mostram imagens de lojas e filas de consumidores durante a realização da 2ª *Black Friday*, que é um evento que ocorre em Pedro Juan Caballero quando o comércio oferece grandes descontos e, com isso, muitas lojas de Ponta Porã também aderem à proposta. Tal evento atrai milhares de consumidores de toda a região que vão à busca de comprar produtos importados com descontos, movimentando a economia nas duas cidades fronteiriças.

²⁵ Discussão que aprofundaremos mais adiante no texto.

²⁶ O Eldorado (ou akator em maia) é uma antiga lenda narrada pelos índios aos espanhóis na época da colonização das Américas. Falava de uma cidade cujas construções seriam todas feitas de ouro maciço e cujos tesouros existiriam em quantidades inimagináveis.

A partir desse entendimento percebemos como a imagem possibilita discussões sobre a fronteira; nesse caso, poderiam ser mediadas pelo exercício da reflexão as causas dos produtos vendidos no Paraguai serem muito mais baratos do que no Brasil. Essa argumentação poderia ser feita a partir da reflexão de que não é só por causa da qualidade, pois de fato existem produtos que são inferiores a outros, mas há lojas no Paraguai que vendem produtos originais e também tem os preços menores do que os mesmos no Brasil, isto porque, os grandes motivos da baixa de preço no país vizinho são os impostos cobrados no Brasil e a margem de lucro tida pelos comerciantes paraguaios que têm o intuito de vender mais barato para vender mais e, assim, promover a circulação de dinheiro no comércio. Essa reflexão possibilitaria um gancho para discussões sobre os motivos de haver tanto contrabando de produtos paraguaios, fato que vemos com frequência sendo publicado nas mídias, com o intuito de desconstruir preconceitos sobre essas regiões. A imagem permite várias discussões sobre a economia e também sobre a integração entre os dois países.

Quando se vê essa imagem logo vem à mente a ideia do comércio na fronteira, por ser algo que é mais evidente para as pessoas. Só que a fronteira vai muito além do comércio, há as relações de amizade entre essa população de fronteira, muitos casam com pessoas paraguaias, há relação de parentesco, os filhos vêm estudar no Brasil, os brasileiros naturalizados paraguaios vão morar no Paraguai pelo custo de vida, por a terra ser mais acessível, as relações sociais estão muito fortes na fronteira.

A figura 20 mostra uma plantação de alface enfocando o assunto da produção sustentável na fronteira; a imagem poderia ser usada quando fossem discutidos vários temas, como por exemplo, os sobre meio ambiente, tendo em vista que o termo sustentabilidade se encontra em visibilidade na sociedade. A imagem, por apresentar uma cultura sustentável disseminada na fronteira, potencializaria a discussão que na fronteira como outro local qualquer se preocupa com estas questões sustentáveis, e que esses fatos também são notícia, mas que por serem talvez assuntos que não interesse a um grande grupo de pessoas, acabam sendo deixados de lado e não tendo tanta visibilidade como outros temas têm em meio à sociedade.

As fotografias das figuras 21, 22 e 23, apesar de diferentes, apresentam em sua constituição, estruturas fixas sobre e nas fronteiras. Podemos dizer que, em síntese, passam a ideia da irmandade existente em torno das cidades fronteiriças. Na figura 21 temos o marco da tríplice fronteira, em suas respectivas cores nacionais, Brasil, Argentina e Paraguai. O marco

situa-se às margens dos Rios Iguaçu e Rio Paraná e, é considerado um ponto turístico. A figura 22 apresenta um monumento nas cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, e a figura 23 apresenta a Ponte de Amizade que liga Brasil e Paraguai. As três imagens, em síntese, nos trazem a ideia de união entre as nações, seja na do marco da tríplice fronteira que tem como finalidade representar a igualdade e o respeito entre as nações, seja no monumento apresentado na figura 22 na cidade de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero que também mostra a união das duas cidades gêmeas, contexto que é bem representado no monumento exposto na foto que representa dois sujeitos ligados a apenas uma base.

A figura 23 também não fica de fora dessa discussão, pois também se encaixa nesse diálogo, do vínculo existente na fronteira, ligação entre os dois países e, passagem de pessoas e veículos. É importante que o professor também se atente a discutir com os alunos que devido à falta de controle e de políticas públicas dos dois governos com o intuito de fiscalizar o que entra e sai dos países pela ponte, ela acaba servindo também, como local de passagem de contrabando de mercadorias e produtos ilícitos do Paraguai para o Brasil. E nessa perspectiva, poderia também estabelecer um diálogo pautado pela discussão sobre as facilidades que essas áreas apresentam para marginais, principalmente devido à falta de fiscalizações frequentes, atraem e são propícias para a criminalidade.

Nessa discussão, torna-se fundamental relacionar esses acontecimentos com o que é veiculado pelas mídias, mostrando aos alunos, que na fronteira acontecem sim relações de conflito, e como discutimos anteriormente, são essas notícias que oferecem maiores lucratividade aos portais de notícias e, são elas que recebem maiores destaques nas mídias, não caracterizando assim, a única realidade dessas áreas.

Destacamos, por meio dessa discussão sobre as imagens fotográficas veiculadas nas mídias eletrônicas, que quando são trabalhadas em sala de aula no exercício de reflexão crítica dos alunos podem desenvolver ideias que extrapolem as concepções restritas sobre as áreas de fronteira.

Para ensinar com imagens, o professor deve ter em mente que a fotografia funciona como um mediador, ela atua na interação entre conhecimentos prévios e novos conhecimentos. Esta interação ocorre de forma dialógica, na qual está presente a ideia de múltiplas vozes, ou seja, os significados das imagens podem variar de acordo com cada indivíduo que faz a leitura. Sendo assim, caberá o professor fazer a mediação para o entendimento do seu significado para se construir um novo conhecimento. (SECCATTO & NUNES, 2013, p. 339)

Nesse sentido, cabe ao professor realizar atividades com as imagens, exercitando o raciocínio de análises dos alunos, e é evidente que se pegarmos essas mesmas imagens e trabalharmos com variados alunos, cada uma vai ter uma interpretação diferente, e é justamente nesse ponto, de acordo com Kossoy (2002) que há o fascínio da imagem fotográfica, a possibilidades de múltiplas interpretações, de olhares, de ver algo que ainda não foi visto.

Salientamos que mesmo diante dessas imagens retiradas das mídias eletrônicas e expostas aqui que nos permitem outros olhares sobre a fronteira e o reconhecimento das relações que nelas estão implicadas, a mídia se restringe a dar destaque ao tráfico de drogas, assassinatos e ao contrabando, não dando a essas regiões um olhar atencioso às situações que fazem parte do seu dia a dia, passando para a população o entendimento de que essas áreas são regiões somente conflituosas. Não podemos negar que tais aspectos estão presentes na fronteira, mas que não se restringem apenas a violência e comércio ilegal; as áreas fronteiriças reúnem e são espaços também de choque e intercâmbio de culturas, valores e povos diferentes. Assim, ao invés de acirrar os conflitos e a rivalidade com os nossos vizinhos, devemos buscar formas de integração entre os dois países.

Os assuntos relacionados à criminalidade e violência sempre tiveram de maior destaque nas mídias, mas parece que na atualidade eles têm ganhado ainda mais espaço. No entanto, ressaltamos que tal impressão possa ser atribuída em grande parte a velocidade que essas notícias são difundidas e, atrelados também, ao aumento da sua escala de alcance, de um público cada vez maior, promovidos pelos adventos tecnológicos.

Para Bernardes:

Nessa diapasão de entendimento, a imprensa alcançou destaque nessas abordagens não somente pela construção do crime como espetáculo, mas como responsável também, “pela tarefa de omissão de problemas e violência perpetradas contra o cidadão na falta de concretização de seu direitos”.
(BERNARDES, 2010, p. 276)

Frente a esta premissa e, diante do fato de que a violência tem sido diariamente retratada nos portais de notícias, sendo destacados os altos índices de criminalidade, podemos realizar associação que tal obsessão se apresenta como forma estratégica de desviar a atenção dos problemas que realmente mereçam maior atenção e preocupação social, como saúde e educação.

A análise das imagens fotográficas veiculadas juntamente com assuntos relacionadas à fronteira no período janeiro de 2013 a dezembro de 2014 nos *sites* selecionados revelou que foram veiculadas 281 notícias com imagens relacionadas à fronteira. Verificou-se que 44,5% delas tratavam de temas relacionados a situações de conflito na fronteira; 23,5% abordavam assuntos que levam a outras discussões sobre a fronteira, como por exemplo: utilidade pública, relações comerciais, promoções ligadas principalmente a *Black Friday*, relações cambiais e, entre outros; 32% tratavam de eventos e reuniões que aconteceram na fronteira ou que trataram sobre a fronteira. É o que podemos observar na Tabela 1 a seguir:

Tabela 1- Número de notícias sobre a fronteira com imagens nos *sites* pesquisados

SITES	Assuntos relacionados a situações de conflito	Assuntos que levam a outras discussões sobre a Fronteira	Registros de eventos ocorridos na/ou/sobre a Fronteira	Total de notícias com imagens sobre a Fronteira
PontaPora.com e PontaPora Informa.com	37	26	30	93
Fronteiranews.com	33	22	44	99
CoronelSapucaia.com	6	1	5	12
DouradosNews.com	41	15	11	67
UOL	8	2	0	10
Total	125 (44,5%)	66 (23,5%)	90 (32%)	281

Organização: Ana Gláucia Seccatto (2015)

Diante da constatação de que a maioria das imagens fotográficas presentes nas notícias veiculadas e analisadas são referentes às situações de conflito na fronteira, organizamos a Tabela 2 que demonstra os assuntos predominantes quando a notícia refere-se a situações de conflito.

Tabela 2 - Número de notícias sobre situações de conflito nos *sites* pesquisados

Especificação das situações de conflito noticiadas	Sites	Pontapora.com e Pontaporainforma.com	Fronteiraneews.com	CoronelSapucaia.com	DouradosNews.com	UOL	Total
Assassinatos		14	12	3	3	0	32
Apreensões e tráfico de drogas		8	8	2	10	1	29
Operações policiais		4	5	0	12	0	21
Prisões realizadas		4	3	1	4	4	16
Acidentes		4	2	0	2	2	10
Registro e recuperação de carros e motos roubados		1	2	0	5	0	8
Apreensão de armas e munições		1	1	0	4	0	6
Contrabando		0	0	0	1	1	2
Assaltos		1	0	0	0	0	1

Organização: Ana Gláucia Seccatto (2015)

A partir dos dados apresentados na Tabela 2, percebemos que os assuntos mais comuns encontrados nos *sites* de notícias sobre situações de conflito são, em sua maioria, relacionados a assassinatos e tráfico de drogas. Observamos o quanto são apelativas as imagens fotográficas que acompanham tais noticiários; basta observarmos as fotografias das figuras 4, 5, 6, 7 e 8 que apresentam grandes pilhas de drogas apreendidas, e nas figuras 12 e 13 que mostram cenas de assassinatos, sendo essas as menos apelativas²⁷ que encontramos dentre as muitas que tratam sobre esses assuntos.

Por meio da análise das imagens veiculadas nos *sites* de noticiais, foi possível perceber que os *sites* selecionados de cidades fronteiriças como é o caso do *site* de Bela Vista e o da cidade de Coronel Sapucaia, buscam dar maior foco a notícias de integração com o país vizinho, noticiando coisas boas ou positivas sobre essa fronteira; claro que encontramos sim

²⁷ Optamos em apresentar as imagens que não mostrassem a face das pessoas assassinadas como forma de respeito aos familiares e também com os leitores, pois encontramos algumas imagens muito fortes relacionadas a esse assunto.

notícias ruins sobre a fronteira como nos outros *sites*, mas não com tanta frequência como o observado nos demais. Os *sites* de notícias das cidades fronteiriças buscam dar maior enfoque às convivências de irmandade com o país vizinho, através do reconhecimento de suas identidades e de suas culturas, divulgando suas músicas, costumes e eventos dos dois lados da fronteira.

Nesse sentido, constatamos que a mídias eletrônicas locais de cidades fronteiriças buscam traçar laços de paz com a comunidade vizinha dando enfoques a outros assuntos e não só os que retratam a contexto de violência na fronteira. Mas, contrapondo a este contexto, ao valorizar o local, as mídias estão contribuindo para aproximar povos das duas nações, ampliando a visão de fronteira e de culturas para além das fronteiras geopolíticas.

Outra situação observada é que o *site* que mais veicula notícias sobre tráfico, assassinatos e outros contextos conflitantes sobre a fronteira é o DouradosNews, mesmo que apresente uma diferença relativamente pequena no número dessas notícias em relação aos demais sites pesquisados, é um fator que merece nossa atenção e deve ser refletido, tendo em vista principalmente que Dourados não é uma cidade de fronteira, mas por estar muito próximo à fronteira veicula muitas notícias sobre ela (principalmente sobre a fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero), e estas, em sua maioria, são sobre contextos conflitantes e em números bem menores sobre outras situações que ocorrem na fronteira.

Podemos associar que tal situação ocorra devido ao entendimento de que há uma demanda pelas informações que envolvam essas situações de conflito, como nos salientou o especialista em teorias da educação o professor Luiz R. Saviani Rey. De acordo com ele, há sobre esses assuntos uma procura e interesse maior pela sociedade, e essa demanda irá gerar mais retorno lucrativo para os portais de notícias. Salientamos, a partir dessas contribuições, que as mídias são movidas pelo objetivo de se obter cada vez mais lucros, e desta forma elas vão se adaptando conforme as necessidades que cada sociedade apresenta. É evidente que o que prevalece nas mídias são os fatos de violência e criminalidade, mas também são encontradas notícias referentes à educação, saúde e lazer, no entanto, em menor quantidade.

Nesse contexto, é possível deduzir que o *site* douradense veicula mais notícias de situações conflituosas sobre a fronteira porque são essas que serão mais acessadas e lidas, ao passo que a publicação de notícias envolvendo outras situações na fronteira não terem demanda de interesse, pelo menos de uma grande parte da sociedade, que se preocupa mais em saber como andam as relações de bem-estar no seu próprio bairro ou cidade. Esse é outro

ponto que merece destaque, tendo em vista que foi constatado que os *sites* de notícias de Bela Vista, Coronel Sapucaia e Ponta Porã terem apresentados juntos 74,2 % do total das imagens que levam a outros pensares sobre a fronteira, acreditamos que isso se deve justamente pelo fato de que por serem *sites* das cidades de fronteira, são onde as pessoas se interessam também por essas notícias, por se tratarem de questões do seu dia a dia, gerando uma demanda pela divulgação desses assuntos.

Em relação ao *site* de âmbito nacional (UOL), percebemos que veicula muitas notícias sobre a fronteira Brasil-Paraguai, mas em sua maioria sem fotografias, sendo constituídas apenas por texto verbal escrito. No período analisado constatamos apenas dez notícias sobre a fronteira que continham imagens fotográficas. Foi possível perceber na análise das imagens presentes nessas notícias que a maioria (oito) referem-se a contextos de conflito na fronteira e, apenas duas levam a outros pensamentos como o exposto na figura 23, da Ponte da Amizade. Acreditamos que tal constatação também se relacione à questão dos rendimentos lucrativos que determinadas notícias geram como fator determinante para serem divulgadas pela mídia. O *site* UOL, por ser de âmbito nacional e, devido ao entendimento que as outras situações na fronteira não tenham tanta repercussão pelo país e pelo mundo, veicula em grande parte, apenas situações de conflito na fronteira.

É importante ressaltarmos que muitas das imagens encontradas nos *sites* de notícias analisados são de autoria do Departamento de Operações de Fronteira (DOF). Então, é necessário termos em mente que muitas das imagens que acompanham as notícias podem não ser referentes àquela notícia ou até mesmo o local a que a notícia está se referindo (podemos observar esse fato principalmente quando se refere à ocorrência de contrabando e apreensões de produtos ilícitos). Nesse sentido, a foto pode ser o registro da ocorrência de outra situação e foi retirada de *sites* como da DOF, entre outros, com o intuito que a imagem dê maior visualidade à notícia ou ao fato.

Ressaltamos que temos ciência de que os *sites* noticiam fatos e situações realmente ocorridas, pois seu papel é informar a população sobre os acontecimentos. No entanto, temos que ter a ciência também, que quando essas notícias chegam à população, já sofreram alguma distorção, pois como vimos, de acordo com Santos (2008), é a interpretação que a mídia tem sobre os fatos que é difundida e noticiada por ela. Há que se considerar também nessa análise, que existe uma supervalorização em veicular temas que fazem parte da grade policial, situações de conflito, que fogem do que temos como norma, pois são os que mais chamam a

atenção; são mais visualizados e lidos e, em consequência, geram mais lucro. E é a partir dessas considerações que o sujeito precisa formular sua opinião e entendimento sobre os fatos e não reproduzindo os discursos midiáticos como verdades absolutas.

Diante das discussões realizadas sobre o poder de influência que a mídia exerce na sociedade, principalmente utilizando-se das imagens fotográficas que podem construir realidades sobre determinados locais, como no caso das áreas de fronteira, acreditamos que é no âmbito do ensino, das práticas escolares, e principalmente no ensino de Geografia que deva haver maior atenção por parte dos educadores quando forem trabalhar com temas relacionados à fronteira.

Nesse sentido, no próximo capítulo, procuraremos demonstrar como as questões discutidas sobre a fronteira e a mídia podem influenciar o ensino de Geografia, destacando as potencialidades da imagem fotográfica na construção de ideários sobre a fronteira no interior da escola.

CAPÍTULO IV

OLHARES SOBRE A FRONTEIRA DE “DENTRO DA ESCOLA”

Entendemos, a partir das discussões realizadas sobre o potencial da fotografia em construir concepções sobre fronteira, que a escola e, principalmente a Geografia escolar que trabalha com esse conceito deve estar atenta para isso. Tem-se notado a crescente necessidade de os alunos decodificarem a linguagem imagética, principalmente presente na mídia para entenderem os conteúdos das mensagens e os interesses e propósitos dos atores que as produzem, para que de forma crítica e reflexiva as interpretem e não sejam reprodutores de interesses e de ideologias de dominação e legitimação do poder.

Se a leitura do mundo implica um processo permanente de decodificação de mensagens, de articulação/contextualização das informações, cabe à escola ensinar o aluno a lê-lo também, por meio de outras linguagens e saber lidar com os novos instrumentos para essa leitura. (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2007, p. 262)

A Geografia como disciplina integrante do currículo escolar, deve propiciar aos alunos o desenvolvimento de habilidades e competências para que os mesmos interpretem as linguagens visuais cotidianamente veiculadas pelas mídias. Neste sentido, entendemos que a linguagem fotográfica potencializa as aprendizagens dos alunos na medida em que possibilita o desenvolvimento de habilidades próprias do processo de alfabetização geográfica como: observar, descrever, representar, comparar e analisar, conceitos e fatos de forma fundamentada e crítica da realidade em estudo.

O aluno tem que ser alfabetizado para realizar a leitura crítica das mais diversas imagens fotográficas veiculadas pelas mídias. Segundo Freire (1985, p.26) “a alfabetização pressupõe muito mais do que o ato de ler e escrever, ou no contexto da alfabetização digital, é mais do que conhecer linguagens de programação, instalar ou utilizar um sistema operacional, um aplicativo, corresponder-se eletronicamente ou navegar na rede”, ou seja, o aluno tem que ser alfabetizado nas diferentes linguagens e não apenas na verbal, ele deve estar apto para ler e interpretar tanto linguagens verbais como as visuais.

O professor de Geografia deve ter como prática constante desenvolver nos alunos as habilidades críticas, tornando possível que as aulas possam ser trabalhadas de forma dialogada e interativa, caracterizada por uma constante troca de experiências. Ao professor cabe o papel de seguir os conteúdos indicados pelos referenciais curriculares, mas ele é livre

na escolha de quais práticas pedagógicas irá adotar para potencializar o processo de alfabetização geográfica de seus alunos. Cabe a ele possibilitar que os limites da escola possam ser extrapolados e que os alunos se tornem capazes de adquirir uma postura crítica em relação às questões referentes à fronteira, destacando que a fronteira não se restringe a um limite político-administrativo simplesmente, mas é um espaço marcado por “realidades dinâmicas que representam um campo de práticas e interações sociais, políticas, econômicas e culturais que evocam conflitos e tensões que são inerentes aos sujeitos que nela residem”. (TERENCIANI, 2011, p.114)

Num momento de grande disseminação dos meios de comunicação, acreditamos que as imagens fotográficas que são veiculadas pelas mídias eletrônicas e que geralmente aparecem acompanhando textos verbais ou substituindo-os, “são capazes de veicular conceitos, gerar reflexão e didatizar o conhecimento” (MARTINS, 2002, p.137). Podem também construir estereótipos preconceituosos acerca de determinadas comunidades, como sobre as áreas de fronteira.

Kossoy (2002) afirma que os vários equívocos se encontram pela desinformação conceitual sobre as interpretações das fotografias, resultantes do desconhecimento e despreparo para a utilização das representações fotográficas, o emprego das imagens fotográficas do passado ou do presente são tidas apenas como “ilustração” dos textos escritos. De acordo com Silveira (2007, p.11):

Através da fotografia temos não só uma via de conhecimento além do texto escrito, como também a construção do real. O texto fotográfico como evento noticioso busca remeter a uma verdade, e sua direção de leitura está condicionada ao universo particular de um destinatário, pois ele pode se apropriar do texto visual a sua maneira. É fato, também, que não podemos analisar as fotografias de uma reportagem sem levar em conta os elementos e técnicas de que o enunciador se usa para atingir seu objetivo e propor a construção de uma idéia.

Assim, acreditamos que a utilização da fotografia potencializa as aprendizagens dos alunos. O professor pode utilizar-se das fotografias contidas nos livros didáticos ou presentes em notícias de jornais, revistas ou nas mídias eletrônicas, buscando desenvolver habilidades críticas de análise e observação dos alunos.

(...) uma fotografia bem trabalhada pode levar o aluno a refletir sobre suas atitudes e a realidade em que está vivendo, possibilitando o interesse em estar descobrindo e entendendo mais profundamente a imagem fotográfica,

observando, e, conseqüentemente tomar posturas e atitudes diferentes. (SILVA, 2005, p.79)

Para Silva (2005) o trabalho com a linguagem fotográfica em sala de aula instiga os alunos em continuarem aprendendo, tomando postura crítica na análise das fotografias relacionadas com a realidade de sua vivência.

Pensando na condição de o estado do Mato Grosso do Sul possuir vários municípios fronteiriços, as imagens fotográficas das mídias eletrônicas podem estar construindo identidades e olhares estereotipados e preconceituosos acerca da fronteira, já que geralmente essas regiões são retratadas pela mídia como áreas de conflitos, de assassinatos ou de lugar de passagem do comércio ilegal, conforme demonstrado no capítulo 3 deste trabalho.

Sendo assim, salientamos que ao trabalhar com as fotografias, o professor pode trilhar caminhos em busca de desconstruir esses preconceitos, levando seus alunos a exercícios de reflexão sobre as temáticas da fronteira, mostrando que a fronteira é marcada por relações complexas devido ao choque de diferenças que ocorrem nesses espaços, mas que a vida na fronteira não se resume apenas ao que é mostrado na mídia, pois ela é um lugar de vivências cotidianas e relações entre seus habitantes, como ocorre em qualquer outro lugar. Ela possui peculiaridades como o convívio de seus cidadãos com povos de outra nacionalidade, com outras leis e dinâmicas de vida diferentes, e na impossibilidade de visitar a fronteira, as fotografias fornecem mais uma contribuição, a de conhecer lugares sem sair da sala de aula. Frente a uma fotografia somos convidados a abrir os olhos e viajar em nossos pensamentos.

Vale destacar que é necessário, ao se ensinar com imagens, que o professor tenha em mente que a fotografia funciona como um mediador, ela atua na interação entre velhos e novos conhecimentos. E esta interação ocorre de forma dialógica, em outras palavras, estamos dizendo que os significados das imagens podem variar de acordo com cada indivíduo que faz a leitura. Desta forma, caberá o professor fazer a mediação para o entendimento do seu significado para se construir um novo conhecimento.

As fotografias são repletas de elementos geográficos a serem explorados por meio de sua leitura; a imagem fotográfica deve ser lida, pois assim como outras expressões, apresenta um conteúdo semiótico, então, ela não deve ser utilizada apenas como ilustração:

O fato é que, tanto como técnica ou como arte, a fotografia, desde sua origem tem sido um instrumento utilizado por diversas áreas do conhecimento, revelando-se assim seu caráter interdisciplinar. Isso permite

que a Geografia explore essa forma de linguagem como possibilidade de compreensão do espaço. De maneira que, sempre se mantenha como prioridade a observação dos fenômenos, de tal modo que a localização desses esteja relacionada diretamente com o processo de significação dada pelos sujeitos inseridos no seu ambiente de vivência. (COSTA & BENITES, 2009, p.2)

A Geografia, enquanto disciplina integrante do currículo escolar e como área do conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível, realiza esforços no sentido de um ensino em que o aluno, ao se apropriar do conhecimento, possa ler e interpretar criticamente o espaço sem deixar de considerar a diversidade das temáticas geográficas e suas diferentes formas de abordagens. A fotografia aparece nesse contexto como uma linguagem potencializadora da leitura e compreensão do mundo.

Diante destas discussões, consideramos importante identificar quais ideias e concepções sobre a fronteira entre Brasil-Paraguai possuem os alunos na escola, pois acreditamos que as imagens veiculadas pelas mídias eletrônicas podem influenciar a construção das mesmas.

Para identificar tais ideias e concepções, realizamos uma atividade com alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Menodora Fialho de Figueiredo²⁸ situada em Dourados (MS), que participam das ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desenvolvidas por licenciandos do Curso de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

A metodologia utilizada para a realização da atividade foi a seguinte: solicitamos que os alunos trouxessem uma imagem que fosse encontrada nas mídias eletrônicas e que representasse o que era a fronteira Brasil-Paraguai para cada um deles. O intuito era que, a partir das imagens trazidas pelos alunos identificássemos quais concepções e ideias sobre a fronteira Brasil-Paraguai os mesmos possuem.

Apresentaremos, a seguir, as imagens de 7 alunos que participaram da atividade. Cada imagem traz a especificação (título) que os próprios alunos atribuíram a elas.

²⁸ A escola em questão foi selecionada devido à inserção da mesma no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) do qual participamos como bolsista do subprojeto de Geografia durante o período da Graduação.



Figura 24- Fronteira da Jordânia e Israel (Limite entre dois países)

Fonte: <http://www.joaoleitao.com>



Figura 25 - Contrabando de Produtos importados por serem mais baratos

Fonte: <http://info.abril.com.br/>



Figura 26- Livre comércio
Fonte: <http://old.hagah.com.br>



Figura 27 - Ponte da amizade
Fonte: <http://www.paranhosms.com>

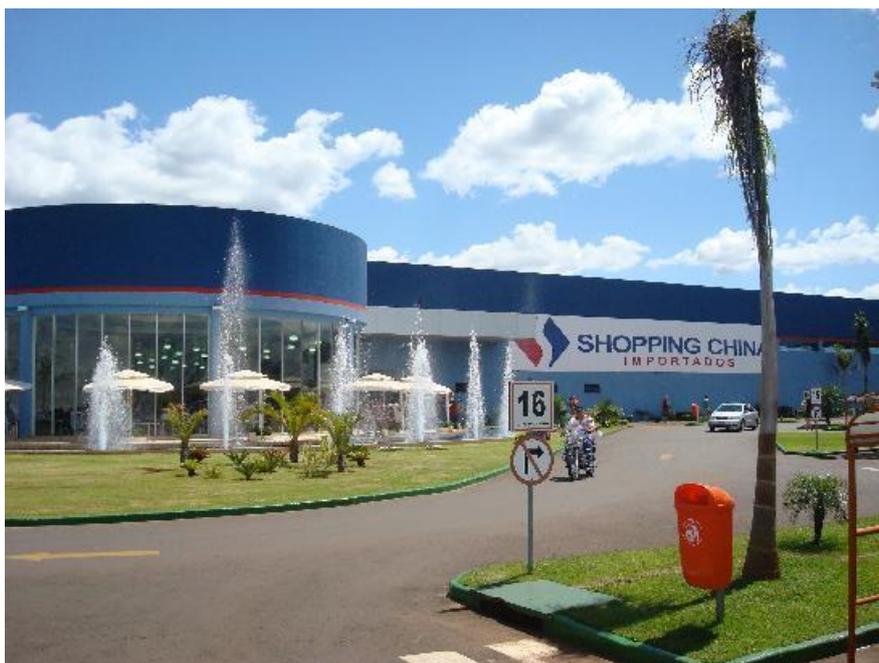


Figura 28 - Shopping China Importados
Fonte: <http://www.tripadvisor.com.br>



Figura 29 - Tráfico de drogas
Fonte: <http://g1.globo.com>



Figura 30 – Contrabando

Fonte: <http://acoesdareceita.receita.fazenda.gov.br>

É válido ressaltarmos que mesmo especificando que as imagens que os alunos deveriam trazer teriam que relacionar o que era fronteira Brasil-Paraguai para eles, tivemos o caso de uma aluna que trouxe uma imagem da fronteira entre Jordânia e Israel (Figura 24) e, quando questionada sobre o porquê dessa atitude, ou se ela não havia entendido a proposta da atividade, ela relatou que havia entendido sim, e que trouxe a imagem propositivamente, pois para ela, fronteira é o limite entre dois países, ao passo que a fronteira que ela conhece entre Brasil-Paraguai não tem esses postos de fiscalização controlando a entrada e saída de pessoas dos países, assim, não encontrou uma imagem de limite referindo-se a fronteira Brasil-Paraguai. Percebemos que mesmo não apresentando uma imagem sobre a fronteira Brasil-Paraguai, a aluna deixou claro que a imagem que veicula na mídia e que representa a fronteira para ela é a de limite entre dois países.

Em outras imagens trazidas pelos alunos é observado que dois deles se referem a relações comerciais na fronteira, como o que é apresentado na figura 26 de livre comércio, e na figura 28 a do Shopping China. Outro aluno apresentou a imagem da figura 27 referente a Ponte da Amizade e relatou que a fronteira para ele, mesmo se estabelecendo enquanto limite, por não ter barreiras que impeçam as pessoas de ir e vir, as pessoas vivem como amigos, vizinhos, então, a ideia de fronteira Brasil-Paraguai que ele tem é essa de amizade entre os dois lados. Os alunos que apresentaram essas imagens, em síntese, querem mostrar que a imagem de fronteira Brasil-Paraguai que eles têm é a relacionada a relações comerciais, de produtos mais baratos, lucratividade e, no que se refere ao Shopping China para eles é um lazer; o aluno disse que vê o shopping como um atrativo turístico, lugar de passeio.

As outras três imagens apresentadas pelos alunos são relacionadas a situações de conflito na fronteira; as figuras 25, 29 e 30, mostram apreensões de produtos contrabandeados e de drogas. Quando questionados sobre o porquê dessas imagens, os alunos relataram que a ideia de fronteira que eles têm é essa de facilidades para se praticar criminalidades, por não ter um controle rígido do que sai ou entra no país pela fronteira, o que acaba atraindo os bandidos e contrabandistas por venderem produtos importados mais baratos.

Frente a estas abordagens que os alunos apresentaram ter sobre a fronteira a partir das imagens veiculadas nas mídias eletrônicas, percebemos que, em alguns momentos o que prevalece é a ideia como lugar de criminalidade, pelas facilidades que oferecem aos marginais, por falta de controle de uma fiscalização constante, é uma área propícia para se cometer crimes. Em outros momentos, a fronteira é vista como área voltada a relações de consumo, um atrativo “turístico” para se fazer compras.

Um fato interessante é que dois alunos apresentaram imagens referentes a limites (figura 24 e 27) para mostrarem duas perspectivas diferentes, um com o intuito de mostrar a fronteira como limite que separa, como o visto na Figura 24 do limite entre Jordânia com Israel, e outro apresentando a figura 27 da Ponte da Amizade para mostrar uma fronteira que une seus habitantes, que para referido aluno vivem como vizinhos.

Analisando os dados, percebemos que o que prevalece nas mídias é a ideia de fronteira enquanto lugar em que se estabelecem relações comerciais e área que oferece facilidades para atos criminosos. Essa constatação reafirma o que já vimos quanto ao alto número de assuntos veiculados pelas mídias que se referem a situações de conflitos ser superior aos que noticiam outras temáticas. O levantamento feito nas notícias das mídias eletrônicas revelou que do ponto de vista das imagens fotográficas, sobressaiu-se a ideia de fronteira enquanto contrabando, violência, etc., então, de certa forma, as mídias contribuem muito para a construção da ideia de fronteira nesses termos.

Diante deste cenário, o aluno quando chega à escola, já teve ou tem contato com essas ideias formuladas pela mídia, inclusive vários deles, mesmo já estando no final do Ensino Médio, reproduzem essas ideias, situação que ficou clara quando vemos que eles também trouxeram imagens referentes a estes termos. Acreditamos que tal situação, pode se dever ao fato de que nas próprias aulas de Geografia, que é a disciplina que trabalha esse conceito, trata-se a fronteira de forma simplificada; a respeito disto, é importante termos em

mente o que os livros didáticos apresentam como imagens fotográficas quando relacionados ao termo fronteira.

Para realizarmos esse levantamento analisamos os livros didáticos utilizados no Ensino Médio da Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo, sendo o livro da coleção “Geografia: o mundo em transição”. Devido a não termos tido acesso ao livro do Ensino Fundamental em uso na escola, utilizamos das contribuições da pesquisa desenvolvida na monografia de Vanderléia Fernandes Pereira²⁹, a qual realizou um estudo que envolveu análises dos livros didáticos do Ensino Fundamental, sobre questões ligadas a áreas de fronteira e que atende as necessidades de análise que pretendemos desenvolver, o livro analisado pela autora foi o “Projeto Araribá”, que também é o mesmo utilizado na Escola Menodora Fialho de Figueiredo.

Em relação ao livro do Ensino Fundamental, Pereira (2014) constatou que o volume do 7^a ano, nas unidades 1 e 2 que trata respectivamente sobre a “Formação do território brasileiro e A formação da população brasileira” apresenta discussões sobre Fronteira e limite territoriais, apresentando a imagem a seguir:

²⁹ Tal trabalho intitulado “Ensino de geografia em áreas de fronteira: uma análise por meio dos livros didáticos utilizados nas escolas de Ponta Porã, Amambai e Coronel Sapucaia e Mato Grosso do Sul” teve como objetivo identificar e analisar os livros didáticos utilizados pelos professores de Geografia das escolas dos municípios de Ponta Porã, Amambaí e Coronel Sapucaia (MS) para abordar e desenvolver temas e questões que envolvam os conceitos de território, lugar e fronteira tendo em vista as especificidades desses municípios no que diz respeito ao contexto sociocultural das áreas de fronteira (PEREIRA, 2014).

Saiba mais 

Limite e fronteira

“[...] o ‘limite’ é reconhecido como *linha*, e não pode, portanto, ser habitada, ao contrário da ‘fronteira’ que, ocupando uma *faixa*, constitui uma zona, muitas vezes bastante povoada, onde os habitantes de Estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio, em particular sob a forma de contrabando.”

MARTIN, André Roberto. *Fronteiras e nações*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 47.




Fonte: FERREIRA, Graça M. L. *Moderno atlas geográfico*. São Paulo: Moderna, 2003. p. 33.

Na imagem de satélite vemos as cidades de Foz do Iguaçu (Brasil) — à direita, em cima —, Puerto Iguazú (Argentina) — à direita, embaixo — e Ciudad del Este (Paraguai) à esquerda, — na zona de triplíce fronteira entre os três países. Os rios da região foram usados como referência na demarcação dos territórios, por isso os limites territoriais entre Brasil, Paraguai e Argentina acompanham o curso dos rios Paraná e Iguaçu.

1. Identifique o limite do território brasileiro na imagem de satélite.
2. Que elementos da imagem de satélite permitem afirmar que se trata de uma zona de fronteira?
3. Explique a diferença entre limite e fronteira.
4. Relacione os países da América do Sul com os quais o Brasil se limita.
5. Em equipe, pesquisem em jornais, revistas ou na internet problemas que ocorrem na delimitação das fronteiras de um país. Depois, apresentem o resultado de sua pesquisa para seus colegas e o professor.

21

Figura 31 – Texto, imagem e atividade do livro didático referente à fronteira.

Fonte: Projeto Araribá, 2007, p. 21.

No que concerne à imagem, observamos que é uma imagem de satélite que mostra o

contexto da tríplice fronteira, entre a cidade de Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazú (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai) e mostra a fronteira entre os três países que acompanham o curso dos rios Paraná e Iguaçu. Para tratar de assuntos referentes a limites e fronteira, segundo Pereira (2014, p.22) “o livro define “limite” como sendo uma linha de separação entre dois países e “fronteira” como uma faixa de ocupação, constituindo uma zona, muitas vezes bastante povoada, onde os habitantes de Estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio, em especial o chamado contrabando”.

Através da análise da imagem presente no livro didático, percebemos como o livro trabalha as temáticas relacionadas à fronteira de forma simplificada, o que pode ser observado pela forma como aborda o conceito, o que nos faz voltar às críticas de Raffestin (2005) quanto ao entendimento de fronteira apenas como limite territorial, de limite de Estado Nação. Outra situação que torna claro o entendimento da forma simplista da ideia de fronteira presente no livro é observada na própria citação que aparece na imagem presente no livro didático, que reafirma a ideia que mídia nos passa quando fala das fronteiras internacionais e a sua relação com a o contrabando.

Ainda segundo o estudo de Pereira (2014), foram encontradas também no volume do 8º ano, temáticas relacionadas à fronteira; na Unidade 7 que trata da América Platina abordando os aspectos gerais da América Platina. No tocante a imagens fotográficas, a que a aparece é a apresentada na figura 32.

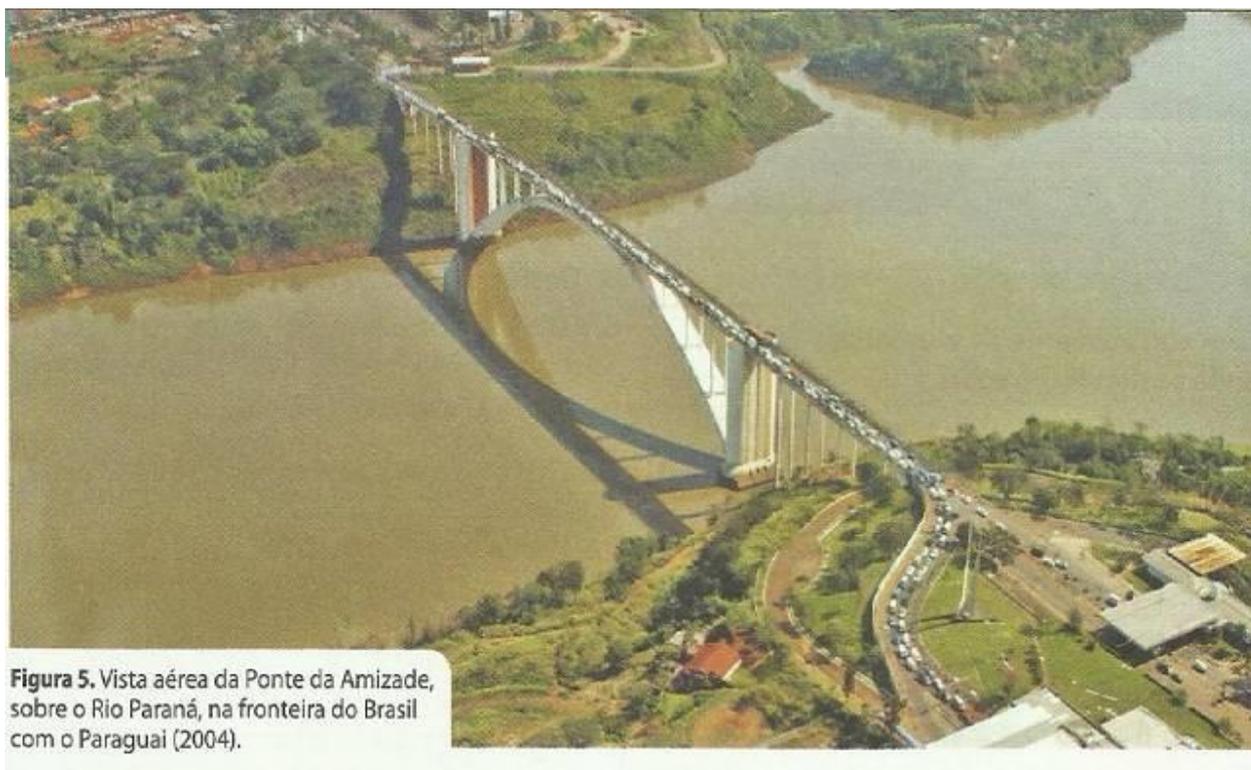


Figura 5. Vista aérea da Ponte da Amizade, sobre o Rio Paraná, na fronteira do Brasil com o Paraguai (2004).

Figura 32: Imagem da Ponte da Amizade na fronteira Brasil-Paraguai presente no livro didático
Fonte: Projeto Araribá, 2007, p. 179.

A imagem mostra a Ponte da Amizade sobre o Rio Paraná na fronteira do Brasil com o Paraguai; relembramos que um dos alunos também trouxe a imagem fotográfica da ponte como sendo a representação da união entre os dois países. No caso do livro didático, Pereira (2014) salienta que ela foi trazida para “fundamentar o discurso a respeito das relações econômicas entre Brasil e Paraguai. No entanto, ela pode ser usada também, para discutir conceitos como: fronteira, território, espaço, lugar, nação, etc” (ibid, 2014, p.). Concordamos com a autora, que a imagem abre um leque para muitas discussões relacionadas à fronteira, das relações entre dois povos, culturas e costumes diferentes, que há situações que os unem, e que também há situações nas quais as diferenças provocam conflitos, que os separam, porque como nos salientou Martins (1997) é na diferença que nasce a fronteira.

Nos livros didáticos do Ensino Médio, constatamos que apenas o do 3º ano na unidade 1 sobre “Brasil: formação territorial e geoeconômica” há temas relacionados à fronteira, mas se referindo a ela também, apenas como limite territorial. O livro não apresenta nenhuma imagem fotográfica nesta unidade, tendo como imagem a pictórica para fundamentar sua discussão sobre os limites territoriais brasileiros.

Considerando esta análise dos livros didáticos em uso no Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas do Estado do Mato Grosso do Sul que tem significativa área em situação de fronteira, percebemos a fragilidade das discussões em torno das temáticas relacionadas à fronteira em seus conteúdos. Nesse sentido, se o professor fica preso ao livro é essa visão de fronteira apenas como limite territorial entre países que irá permanecer para os alunos, inclusive, aliada ao ideário construído pelas imagens fotográficas presentes nas mídias eletrônicas que os atingem dentro e fora dos ambientes escolares.

Acreditamos que o aluno quando chega à escola, já teve ou tem contato com essas ideias formuladas pela mídia, inclusive vários deles, mesmo já estando no final do Ensino Médio, reproduzem essas ideias, situação que ficou clara quando também trouxeram imagens referentes a estes termos sobre a fronteira. Neste contexto, destacamos o papel significativo e potencial das imagens fotográficas como linguagem comunicativa, e que quando atrelada ao ensino pode oferecer potencialidades ao processo de ensino/aprendizado dos alunos. As imagens fotográficas possibilitam a valorização de outros olhares, propiciando a ampliação de pensamentos sobre os temas estudados, como os relacionados à fronteira, de forma que o educador pode mesmo em locais mais distantes da fronteira apresentar em fotos a reflexão da vida e dinâmica das áreas fronteiriças, ultrapassando as discussões que são tão presentes na mídia.

O educador pode usar a imagem fotográfica como uma aliada na desconstrução das realidades que se referem à fronteira como área de criminalidade e violência, e pode fazer uso dos próprios conhecimentos dos alunos para essa discussão, tendo em vista que muitos deles já apresentam outra ideia de fronteira que não foi a que prevaleceu nas imagens das mídias pesquisadas, apresentando a fronteira como lugar de lazer e passeio que são ideias construídas através das suas vivências com a fronteira, como o fato de um dos alunos terem apresentado a imagem do Shopping China como representante da ideia de fronteira para ele.

Neste contexto, é importante que na relação professor-aluno, o docente desenvolva atividades que permitam o aprender com outras linguagens e não somente a verbal, possibilitando ao aluno estabelecer e desenvolver articulações para integrar os conceitos, conteúdos e as informações com as competências e habilidades necessárias para atingir os objetivos propostos, contribuindo para a desconstrução de ideários construídos principalmente pelo que a mídia veicula.

A utilização de fotografia nas salas de aula possibilita ao professor estabelecer ganchos com discussões que se encontram em pauta na sociedade, como em relação às áreas de fronteira; o professor pode mediar os pensamentos dos alunos em relação ao conteúdo que ele está trabalhando, e se os alunos apresentarem ideias sobre a fronteira se referindo as áreas de conflito e violência, como podemos observar nas imagens apresentadas pelos alunos, o docente pode questioná-los: se eles conhecem a fronteira porque já estiveram em cidades fronteiriças ou se conhecem por meio do que veem ser divulgado nas mídias?

A partir desta discussão o professor pode contribuir para a desconstrução de preconceitos sobre essas áreas, relatando que as situações de conflito ocorrem sim na fronteira, devido principalmente por ela ser uma área de especificidades não encontradas em todos os lugares (como a sua situação de fronteira internacional), no entanto, casos de violência ocorrem em toda parte, não sendo situações exclusivas das áreas fronteiriças, como também não são os únicos fatos que fazem parte do dia a dia de seus cidadãos, as relações sociais também existem nessas áreas com características peculiares e relações de vivências com o país vizinho.

A partir de discussões deste tipo, o professor contribui para a valorização dos povos e das culturas dos países vizinhos ao levar em consideração as relações sociais que ocorrem na fronteira, e quando nos referimos à educação escolar em cidades fronteiriças a utilização das imagens da própria fronteira em sala de aula, principalmente nas aulas de Geografia, pode ser uma nova forma de ver e trabalhar a fronteira, que não se pautem apenas em datas históricas e comemorativas. A imagem pode ser o ponto de partida para o estudo do olhar geográfico sobre a fronteira, e nesse processo as vivências dos alunos poderão aflorar em sala de aula contribuindo para a construção de aprendizagens significativas.

Salientamos que é fundamental que os alunos tenham ciência sobre a influência que as mídias têm e exercem na formação de opiniões e ideários sobre a sociedade, e que em sua maioria o que se veicula na mídia está rodeado de interesses que tornam os fatos sensacionalistas para obter maior atenção, buscando sempre ter o maior número de visualizadores e, assim, maiores lucros.

Destacamos que é importante, também, discutir com os alunos que a cada dia que passa surgem novos artefatos tecnológicos de produção e edição de imagens, então, nem tudo que vemos é realmente o registro fiel dos fatos ou ocorreu exatamente como está expresso na imagem, pois, além de envolver intencionalidades por parte do fotógrafo na parte de captação

da foto, após sua criação elas também passam por edições, feitas por meio de softwares que permitem manipulações e modificações da imagem, em muitos casos elas acabam muito diferentes da sua versão original. Outro caso que temos que ter em mente, é que muitas imagens que são veiculadas pelos meios de comunicação acompanhando as notícias não foram realmente eternizadas na ocorrência daquele fato, pois podem ter sido retiradas de outros sites como discutimos no caso do site do DOF. É importante, então, o aluno ter ciência desses fatores e levar em consideração a ocorrência deles toda vez que entrar em contato com as diversas imagens que circulam pela sociedade.

É válido ressaltar que a utilização de imagens fotográficas em sala de aula potencializa o ensino e proporciona o desenvolvimento de habilidades e raciocínios, levando os alunos a refletirem quando visualizam uma imagem, seja dentro ou fora do ambiente escolar, colaborando para que ele tenha uma leitura mais crítica das múltiplas imagens que estão presentes em seu cotidiano.

Frente a estas discussões, salientamos como já nos alertou Paulo Freire, que a leitura do mundo precede a leitura da imagem, e estamos sempre lendo o mundo por meio das imagens, e construindo nossas opiniões através deste processo; precisamos, então, saber ao menos, adquirir e consumir melhor essas imagens. A fotografia faz parte de nosso cotidiano, e atualmente qualquer pessoa pode produzir uma imagem, neste sentido, é importante então, ter em mente que elas estão dizendo alguma coisa, pois são portadoras de informações, e que através de exercícios reflexivos, de observar, descrever, interpretar e analisar pode-se chegar à construção de pensamento a partir destas reflexões, e ampliar as construções e concepções que a imagem nos apresenta. Cabe ao indivíduo decidir se o que é expresso naquela imagem irá o influenciar ou não, porque a imagem tem o poder forte de influências, que podem criar realidades, provocar emoções e reflexões e possibilitar a construção do entendimento do mundo a nossa volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das discussões realizadas e com base nas contribuições de diversos autores como Tourinho e Martins (2011), Carneiro (2005), Miez e Silva (2013), Dondis (2003) entre outros, percebemos a marcante presença da cultural visual na sociedade e as potencialidades que a linguagem fotográfica possui nos processos educativos. Identificamos também, que as imagens fotográficas, por carregarem uma carga de credibilidade por parte da sociedade podem criar realidades que não existem e/ou que estão sendo mal interpretadas, e assim levando a disseminação de estereótipos e estigmas sobre determinadas áreas e populações como as áreas fronteiriças.

O contexto conflitante envolvendo áreas de fronteira entre Brasil/Paraguai ficou evidente na análise das imagens retiradas das mídias eletrônicas, no entanto, é necessário ter em mente que a fronteira vai muito além dos fatores físicos; existe uma relação entre dois ou mais povos envolvidos, com identidades e religiões distintas, culturas, expectativas e visões de mundo diferentes. É válido ressaltarmos, que na medida em que as situações de conflito sobre fronteira são temáticas ou enfoques privilegiados pelos meios de comunicação, eles acabam alcançando um impacto potencializado sobre a sociedade, demonstrando a influência que a mídia exerce na criação de imaginários e realidades na contemporaneidade.

A bandeira que levantamos não é a de que os meios de comunicação não devam noticiar esses acontecimentos, porque, como vimos, fatos ocorridos tornam-se notícia ganhando visibilidade e disseminação nos meios de comunicação, tanto nos textos quanto nas imagens que são divulgadas. Chamamos a atenção para que os sujeitos adotem, diante deles uma postura crítica de análise; é preciso que os sujeitos busquem construir suas ideias através de análises críticas e contextualizadas sobre as informações e imagens que são difundidas pelas mídias.

É importante destacarmos que apesar de os meios de comunicação apresentarem geralmente as situações de conflito de forma sensacionalista e descontextualizada, existem exceções que buscam as raízes do problema e as possíveis soluções. A mídia tem o papel de informar e esse é o seu objetivo primordial; é claro que quando houver uma notícia ela vai informar, e isso ocorre com todas as regiões do país e do mundo. No caso das áreas de fronteira que abrangem a presente pesquisa, constatamos que há, por parte da mídia, uma supervalorização dos acontecimentos relacionados a situações de conflito e essa

supervalorização envolve diversos interesses, visando principalmente o lucro como sinalizado por Santos & Silva (2009).

Os meios midiáticos utilizam-se dos fatos como violência e criminalização como forma de ter mais acessos, e conseqüentemente mais vantagens lucrativas. No entanto, o nosso propósito não é chegar simplesmente a essa constatação, até porque vivemos em uma sociedade capitalista, onde tudo gira em torno de se obter lucro e em relação aos meios de comunicação isto não seria diferente. O nosso principal propósito é deixar claro que as imagens fotográficas que estão sendo difundidas juntamente com essas notícias por terem a condição de credibilidade junto aos indivíduos podem acabar construindo realidades e/ou distorcendo-as.

Destacamos, neste contexto, o caso das áreas fronteiriças, por estarem bastante presentes nas páginas policiais dos *sites* de notícias e as fotografias que as acompanham acabam por confirmar que o fato realmente aconteceu. Nesse sentido, ficam claras as intencionalidades jornalísticas na apresentação das imagens fotográficas, com o intuito de confirmação dos fatos aos olhos de seus receptores. No entanto, aceitar a fotografia como representação fiel do real é ignorar que um simples recorte ou enquadramento possa também gerar uma série de novos sentidos que não correspondem ao objeto fotografado, pois todo enquadramento, todo ângulo, todo recorte é também um tipo de discurso, e, como qualquer discurso, nunca será imparcial (CARDOSO, 2013).

Em concordância com Cardoso (2013) consideramos que o maior problema existente neste processo é que as realidades criadas por esses discursos, mesmo em fotografias não manipuladas digitalmente, podem ser adotadas em substituição aos fatos e, nesse contexto, a imagem fotográfica se apresenta como prova legítima de acontecimentos dos fatos. Como bem nos mostra Kossoy “as imagens técnicas tornam as imagens mentais reais. As fantasias da imaginação individual e do imaginário coletivo adquirem contornos nítidos e formas concretas através do chamado testemunho fotográfico” (2002, p. 140).

Salientamos a importância da alfabetização e letramento visual, para o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem aos indivíduos a análise, contextualização e interpretação da linguagem imagética, da mesma forma como ocorre na alfabetização e letramento dos códigos da escrita que possibilitam o expressar e a comunicação por meio da linguagem verbal.

Acreditamos que o professor de Geografia pode contribuir para o desenvolvimento da alfabetização e letramento visual em suas aulas, por meio de práticas e metodologias que envolvam a análise e/ou construção de imagens fotográficas. O contato do aluno com novas linguagens estimula o desenvolvimento de capacidades de compreender e articular os conceitos do espaço geográfico em suas múltiplas escalas.

O desenvolvimento de atividades e discussões mediadas pelas imagens fotográficas possibilita a construção de conhecimentos por meio dos conhecimentos prévios dos alunos e, esse procedimento em uma sociedade tecnológica com grande velocidade de circulação de informações, mostra-se como fundamental. O desenvolvimento de atividades que envolvam a linguagem imagética no processo de ensino/aprendizagem, colabora para a aproximação dos conteúdos e a construção dos conhecimentos sobre o espaço geográfico.

Considerando as dificuldades em se trabalhar com temas relacionados à fronteira, devido principalmente às deficiências que o material didático apresenta quando trata dessas áreas, como foi constatado na presente pesquisa e também por Terenciani (2011), o uso de imagens fotográficas pode ajudar o professor a desconstruir ideias sobre determinados povos e locais, refletindo que, em sua maioria, a criação de uma imagem envolve interesses e intenção por parte de seu autor, e que é necessário haver o exercício de reflexão em busca de identificar quais foram essas intenções, o que só será possível se for levado em consideração nessa análise o contexto e as causas que envolveram a produção da imagem.

Quando ressaltamos a importância da alfabetização e letramento visual, estamos nos referindo ao fato de que os sujeitos devam fazer a leitura crítica das imagens, ou seja, vê-las como forma de expressão e retirar delas mensagens e significados, e não apenas vê-las como ilustração de determinados fatos e situações. A nossa relação com a imagem fotográfica tem que ir além do entendimento de que elas apresentam apenas uma realidade existente, devemos transcender esse entendimento e discutir outras questões que elas nos apresentam.

Tomamos como exemplo as imagens que se sobressaíram no levantamento realizado neste estudo relacionado à fronteira; se ficarmos apegados ao entendimento que a maioria das imagens apresentou, caracterizando a fronteira como uma área de criminalidade, violência e contrabando exclusivamente, construiremos uma visão simplista e até mesmo estereotipada sobre as áreas de fronteira. Mas, ao transcender e ultrapassar nossa visão a partir de um exercício de reflexão sobre as vivências nessas áreas, podemos chegar a outras construções sobre a fronteira.

Outro fator importante que deve ser levado em consideração em relação à imagem fotográfica é referente às edições. Na atualidade existe uma multiplicação de softwares que possibilitam as edições de imagens; basta, por exemplo, ter um celular que aporte um aplicativo editor. Então, a manipulação digital das imagens se tornou algo muito comum e acessível, tornando cada vez mais duvidosos os conteúdos das imagens, que antes já era rodeado por interesses e intencionalidades durante sua captação, agora podem apresentar algo que não existia em sua composição ou deixar de apresentar algo que foi retirado com a ajuda destes editores de imagens, tudo com o intuito de chamar a atenção dos visualizadores para uma determinada ideia.

Nesse sentido, deve haver por parte do leitor e visualizador das imagens, a noção crítica de que em sua maioria, as imagens são criadas de acordo com interesses e objetivos do que se quer passar, da ideia que se quer transmitir. É preciso ter compreensão de que a maioria das imagens veiculadas e com as quais entramos em contato, são discursos construídos ou, em muitos casos, nem são referentes àquele fato que a mídia está veiculando, estando ali apenas para chamar a atenção do leitor; é necessário ter esse entendimento para lidar com as imagens, principalmente as imagens midiáticas que tentam a todo o momento nos induzir a uma ideia, seja ela de consumismo, de moda, padrão social, entre outras.

Nesta pesquisa também constatamos que as questões relacionadas à fronteira estão sendo trabalhadas de forma simplista nos ambientes de ensino. Isso foi observado a partir da forma como os livros didáticos abordam o conceito de fronteira referindo-a como sendo apenas um limite político-administrativo, entendimento que estabelece a imagem da fronteira como sendo limite que separa, uma linha de demarcação, e não considera as dinâmicas que fazem parte das relações estabelecidas nessas áreas, onde as pessoas se relacionam e convivem uma com as outras (PEREIRA, 2014). Os livros didáticos analisados reafirmam a ideia veiculada pela mídia sobre a fronteira relacionada a áreas de contrabando e isso também está presente no ideário dos alunos, conforme pudemos observar em algumas imagens trazidas por eles.

Contrapondo a estas concepções e entendimentos sobre a fronteira, outros alunos apresentaram imagens presentes nas mídias que problematizam e permitem ampliar as concepções sobre a fronteira, podemos citar como exemplo, a foto da Ponte da Amizade, chamando atenção para a questão da integração, das trocas, das relações de vizinhança ou mesmo pensando a fronteira enquanto lugar onde se tem atividades de lazer, perspectivas de

passeios, encontros com pessoas, diversão como na foto do Shopping China, situações que caracterizam o que é fronteira para eles através das vivências que tiveram na área de fronteira.

Diante deste contexto, o professor assume um papel fundamental no processo de desenvolvimento da alfabetização e letramento visual em seus alunos. O professor precisa estar atento não só para contribuir na decodificação das imagens trazidas pelas mídias, mas também verificar as potencialidades que se fazem ali presentes, inclusive quando apontadas pelos próprios alunos, como vimos nos exemplos de imagens apresentadas por eles que permitem a relação dos conteúdos com as vivências e experiências na e com a fronteira, que podem e devem ser levadas em consideração nas análises e discussões sobre temas e imagens relacionados à fronteira.

Admitimos que é utópico acreditarmos que a alfabetização e letramento visual irá acontecer de uma hora para outra, até porque no século XXI ainda existem pessoas analfabetos dos códigos verbais, porém acreditamos que se os professores desenvolverem a alfabetização e letramento visual com seus alunos, podemos no futuro sanar ao menos um pouco essas necessidades.

Por meio desta pesquisa, constatamos que existem dois discursos sobre a fronteira; um proferido por aqueles que vivem em lugares mais distantes dessas áreas, e, portanto, tendem a representá-las de forma estigmatizada, relacionando-as, principalmente aos altos números de situações de conflito envolvendo criminalidades e contrabando que são, em grande, parte divulgados pelos veículos midiáticos. Esta visão também se fez presente nas imagens apresentadas pelos alunos sobre a fronteira. E o outro discurso, é o que é realizado dentro das áreas de fronteira, ou em outras palavras, pelos habitantes das cidades fronteiriças, e é esse discurso que dá conta da dinamicidade das relações que ocorrem nessas áreas, justamente por vivenciarem em seu cotidiano as diferentes percepções e interpretações que estabelecem na relação com ambos os lados (GRIMBERG, 2013).

Essa realidade mostra a necessidade de haver questionamentos por parte de toda a sociedade, que tem, em geral, como maior fonte de entretenimento e informação as mídias, principalmente nos dias de hoje, as eletrônicas. Esse público necessita realizar uma reflexão e recepção mais crítica das informações que são veiculadas com grande agilidade por esses meios.

Diante do exposto, não temos o intuito de mostrar como a fronteira é violenta através dos dados apresentados, e é por isso mesmo que ressaltamos e discutimos tanto sobre como a

imprensa e a mídia podem manipular as informações e as imagens, ou como podem dar enfoques maiores sobre determinados assuntos e áreas que podem levar a outros entendimentos sobre o que são determinadas regiões. Também não estamos querendo dizer que as mídias não devem mais publicar e circular imagens sobre temáticas ligadas à violência, contrabando, tráfico ou outras situações conflitantes referentes à fronteira em suas reportagens e em seus *sites*; temos o intuito de chamar a atenção para que a sociedade perceba que as áreas fronteiriças não se resumem apenas a contextos conflitantes e que desenvolvam um olhar crítico sobre as imagens veiculadas pelas mesmas, levando em consideração o contexto e as situações em que elas foram criadas, pois tais situações de conflito (assassinatos, roubos, contrabandos e violência) ocorrem em qualquer parte do mundo, não sendo restritas apenas às áreas fronteiriças.

Pretendemos, também, que no âmbito escolar os professores se atentem e tenham consciência de que os alunos estão em contato com essas imagens cotidianamente, e então necessitam desenvolver habilidades para saber decodificá-las, para não serem manipulados, criando e reproduzindo estereótipos; despertando o olhar sobre o potencial educativo das imagens, notadamente as fotográficas como potencializadoras no processo de ensino/aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências na alfabetização geográfica, e fornecendo aos educadores novas possibilidades para o trabalho com temáticas referentes à fronteira.

Salientamos que a alfabetização e letramento visual não são o bastante para se mudar completamente as ideias e realidades estereotipadas que são construídas no imaginário social sobre determinados assuntos ou locais, em grande parte pelo que a mídia veicula, tal como discutimos sobre a fronteira. No entanto, defendemos que devido ao contexto histórico e social em que estamos inseridos, no qual percebemos o mundo cada vez mais por meio da linguagem imagética, coloca-se a necessidade de haver o desenvolvimento de competências e habilidades para a compreensão desta linguagem que se faz cada vez mais presente em nossas vidas, e esse desenvolvimento pode ser feito por meio da alfabetização e letramento visual.

Sabemos que a linguagem imagética é parte importante da elaboração do conhecimento, ela contribui para a construção do pensamento dos indivíduos, organizando e formando seus conhecimentos por meio de suas experiências. A aprendizagem da linguagem imagética não é somente um instrumento de inserção justa dos indivíduos numa cultura visual, mas também, é um instrumento de entendimento do mundo, pois a imagem apresenta

alguma informação, e essa sua natureza comunicativa que dá a ela a capacidade de abrir espaços para a elaboração do pensamento.

Partindo destes entendimentos, ressaltamos que a alfabetização e letramento visual não deve ser restrita apenas aos ambientes escolares, porque as linguagens visuais extrapolam os limites da escola, e é fora do ambiente escolar que se dá o maior contato com grande gama de imagens que circulam pela sociedade, então, o desenvolvimento de habilidades de compreensão e interpretação das linguagens imagéticas se apresenta como uma necessidade a todos os cidadãos, para o desenvolvimento de reflexões e atitudes que contribuíssem para desconstrução de determinadas ideias que são criadas e sustentadas, em grande parte, pelo despreparo e pela relação simplista com as imagens, que circulam em torno do entendimento que elas servem apenas como item de ilustração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACASO, María. La diferencia entre ver y leer. In: **Esto no son las torres gemelas: como aprender a leer la televisión y otras imágenes**. Madrid: Catarata, 2006, p. 89-91.

AGUIRRE. Imanol. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO; Irene. (Org). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011. p.69-111.

ALBUQUERQUE, José L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010, p. 33-58.

ALVES, Rubem. **A Complicada Arte de Ver**. 2005. Disponível em: www.rubemalves.com.br. Acesso em: 12 de maio de 2014.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Portaria publicada no Diário Oficial no dia 24/03/14. Brasília: 2014. Acessado em 15 de Dezembro de 2014. Disponível em <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=1&pagina=45&data=24/03/2014&captchafield=firistAccess>>

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998

BEMFICA.Vera Teresa Sperotto. AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. **A educação estética ambiental do olhar e do escutar: do estranhamento à criação**. Revbea, Rio Grande, 2012. Disponível em: www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/download/1968/1708. Acessado em: 01 de junho de 2014.

BERNARDES, Marcelo di Rezende. **A atração fatal existente entre mídia e criminalidade**. Rev. de Direito, Vol. 25, 2010. Acessado em 15/12/14
Disponível em < <http://www.pge.go.gov.br/revista/index.php/revistapge/article/view/29>>

BETIATI, Karin C.; DITTRICH, Ivo J. **A construção do ETHOS serviço da sensibilização da opinião pública em o Quarto Poder**. Ver. Travessias, vol.4, n.2, Unioste, 2010.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro / Lisboa: Bertrand Brasil / Difel, 1989.

_____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Brasília: MEC, 2006.

CARDOSO, João Batista Freitas. **Fotografia, Realismo e Ética: A Manipulação Digital no Jornalismo e na Publicidade**. *Cuad.inf.* [online]. 2013, n.33, pp. 133 144. ISSN 0719-367X.

_____. **Manipulação digital na fotografia publicitária: criatividade e ética**. Rev. Intexto, n.29, p. 147-164, dez. 2013, Porto Alegre, UFRGS.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/41349>.

Acessado em: 10 de maio de 2015.

CARNEIRO, Maria Cristina C. de A. Cidadania: a educação do olhar. Rev. **Educação do Cogeime**. Ano 14 – n. 27 –dez. 2005.

Disponível em: <http://www.cogeime.org.br/revista/27Artigo3.pdf>.

Acessado em 01 de junho de 2014.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **Educação e imagens na sociedade do espetáculo**: as pedagogias culturais em questão. Educ. Real. vol.38 n.2, Porto Alegre Apr./June, 2013.

Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-62362013000200014&script=sci_arttext. Acessado em: 12 de junho de 2014

COSTA, Cecilia A.; MORETTI, Edvaldo C. **Invenção do outro e encontro de identidades na fronteira Brasil-Paraguai**. Contribuciones a las Ciencias Sociales, Mar.2011. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/11/cm.htm>> Acessado em: 10 de julho de 2013.

COSTA, Gustavo Villela Lima da Costa; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. **Mestrado interdisciplinar em estudos fronteiriços/UFMS**: perspectivas, discussões e pesquisas. Revista NUPEM, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012. Disponível em: www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/viewFile/213/161 Acessado em: 15 de maio de 2014.

COSTA, Moisés M.; BENITES, Miguel G. **Realismo na fotografia: um ensaio sobre o estudo da linguagem fotográfica para o ensino de Geografia**. *Geografia em Atos*, n. 9, v.2. p. 01-10, UNESP, Presidente Prudente, 2009.

COUTO, Ronan Cardozo. **A escolarização da linguagem visual uma leitura dos documentos ao professor**. Belo Horizonte Faculdade de Educação da UFMG 2000 dissertação Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **O ensino de geografia e a imagem**: um universo de possibilidades. *Anais do IX Colóquio Internacional de Geocrítica*. UFRGS, Porto Alegre, 28 de mayo - 1 de junio de 2007. Disponível em: www.ub.edu/geocrit/9porto/eugenia.htm. Acessado em: 12 de junho de 2014.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DONDIS, Dondis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERRAZ, Cláudio Benito O. Entre-Lugar: apresentação. In: Revista **Entre-Lugar**. Revista do Programa de Pós-Graduação da UFGD. Ano 1, n.1, p. 15-31, 1º sem.2010.

FILGUEIRAS, Karina Fideles. **(Con)fusões entre alfabetização e letramento**: as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização numa escola pública e numa escola particular.- *Anais da 27ª Reunião Anual da ANPEd*, Caxambu-MG, 2004.

FREEMAN, Michael. **A Câmara escura: o princípio da fotografia.** In: Novo Manual de Fotografia. Editorial Presença, Lisboa-Portugal 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

GOETTERT, Jones Dari. **A fronteira como “Jogo de espelhos côncavos”:** considerações sobre a construção de representações de cá e de lá em território de fronteira. XV Encontro Nacional de Geógrafos – “O Espaço não pára. Por uma AGB em movimento”, 2008.

GONÇALVES, Karoline Batista. **A fronteira e seus paradigmas:** identidade e alteridade. Contribuciones a lãs Ciencias Sociales. EUMED, nov. 2011. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/ccss/15/kgb.html>. Acessado em: 10 de julho de 2014.

GRIMBERG, Daniela de Seixas. **Mídia localista na fronteira entre Brasil e Uruguai:** a experiência bilíngue do Jornal A Platéia. Rev. Geonorte, Ed. Especial 3, vol. 7, n.1, 2013.

HAESBAERT, Rogério da Costa. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO; Irene. (Org). **Educação da Cultura Visual:** conceitos e contextos. Santa Maria: UFSM, 2011. p.31-49.

JOLY, Martine (1994). **Introdução á análise da imagem.** Lisboa, Ed.70, 2007 – Digitalizado por SOUZA, R. Disponível em: <http://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>. Acessado em: 25 de maio de 2014.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

LIMA, Cristiane Rodrigues de. **O uso da leitura de imagens como instrumento para a alfabetização visual.** Cadernos PDE, Vol. II. Curitiba, 2008. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2008_embap_arte_md_cristiane_rodrigues_de_lima.pdf. Acessado em: 25 de maio de 2014.

MARTINS, Elaine Rosa. **A imagem no livro didático:** um estudo sobre a didatização da imagem visual. 2002. 145p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Fronteiras: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Hucitec, 1997

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAYA, Eduardo Ewald. **Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem.** Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.5, p.103-129, jul./dez. 2008. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/1928/1661. Acessado em 10 de junho de 2014.

MIEZ, Juliana Jerônimo; SILVA, Teófilo Augusto da. **O texto visual e suas mensagens: semiótica e a lingüística produzindo sentido na moda étnica.** Rev. do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, ano 3, v.3, n. 5, dez/2013. Disponível em: <file:///C:/Windows/system32/config/systemprofile/Downloads/7683-18041-1-PB.pdf>. Acessado em 12 de junho de 2014.

MONDARDO, Marcos L. **Da fronteira a “fronteiraça”:** observações do eu e do outro na (di)visão entre Brasil e Paraguai. Dourados: UFGD, 2009. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mondardo-marcos-da-fronteira-a-fronteiraica.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2012.

NUNES, Marília Forgearini. **Livro de imagem:** possibilidades de educação do olhar. *Anais do IX Seminários de Pesquisas em Educação da Região Sul - ANPEDSUL*. Caxias do Sul, 2012.

OCTAVIANO, Carolina. **Comunicação, informação e realidade social.** Portal ComCiencia, Labjor/DICYT, 2010. Acessado em 03/01/15. Disponível em <<http://www.dicyt.com/noticia/comunicacao-informacao-e-realidade-social>>

OLIVEIRA, Tito C. M. de (Org.). **Território sem limites – estudos sobre fronteiras.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 9-14, 2005.

PACHECO, Joice Oliveira. **Identidade Cultural e Alteridade:** problematizações necessárias. Revista eletrônica da UNISC. Santa Catarina, 2004. http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/pacheco_joice_oliveira.pdf

PASAVENTO, Sandra J. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.) **Fronteiras Culturais:** Brasil, Uruguai, Argentina. Cotia (SP): Ateliê editorial, p. 23-39, 2002.

PERSICHETTI, Simonetta. Imagens da cidade contemporânea. In: COELHO, Claudio Novaes P.; DIMAS, A. Kunsch.; MENEZES. José Eugenio de O. (Org). **Estudos de comunicação contemporânea:** perspectivas e trajetórias. São Paulo: Plêiade, 2012. p. 195-206.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito C. M. de (Org.). **Território sem limites – estudos sobre fronteiras.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, p. 9-14, 2005.

RIBEIRO, Vera Masagão. **O analfabetismo e alfabetismo funcional no Brasil.** *Boletim INAF* (Indicadores de Alfabetismo Funcional). São Paulo: Instituto Paulo Montenegro, 2006. Pp. 5-8.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2008.

SEBRAE/MS. **Mato Grosso do Sul sem fronteiras:** características e interações territoriais: Brasil, Bolívia, Paraguai / [organização SEBRAE/MS]. 1.ed. - Campo Grande, MS : Visão : SEBRAE/MS, 2010.

SECCATTO, A. G. ; NUNES, F. G. . **A linguagem fotográfica no ensino de Geografia:** considerações a partir de práticas docentes no Ensino Médio. In: Jussara Fraga Portugal; Simone Santos de Oliveira; Tânia Regina Silva Dias Pereira. (Org.). (Geo)grafias e linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas. 1ed. Curitiba: CRV, 2013, v. 1, p. 337-356.

SILVA, Edlene. **O cinema na sala de aula:** imagens da Idade Média no filme Cruzada de Ridley Scott. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011. Disponível em: www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/pdf. Acesso em: 15 de maio de 2014.

SILVA, Maria Cunha. **A importância da alfabetização visual no mundo contemporâneo.** 2010. 61 f. Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia em Educação) – Universidade Cândido Mendes. Belo Horizonte.

SILVA, Renata M. **O uso da fotografia no ensino da Geografia.** Londrina, 2005. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia). Universidade Estadual de Londrina.

SILVA, Ellen F. G. da.; SANTOS, Suely E. da B. **O impacto e a influencia da mídia sobre a produção da subjetividade.** Anais_XVENABRAPSO. Faculdade Integrada Tiradentes – FITs, Macéio, 2009. Acessado em 12/11/14

Disponível em http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **A Identidade Deteriorada:** Jornalismo e estigmas sociais. Grupo de Trabalho “Cultura das Mídias”, do XVI Encontro da Compós, na UTP, Curitiba-PR, 2007.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Marcelo Vicente Cancio. Palestrante no **II Encontro Internacional de jornalismo na fronteira.** Centro de Convenções do Pantanal, Corumbá, 2011.

TERENCIANI, C. **Interculturalidade e ensino de Geografia em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul.** 2011. 206 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.

TONI, Magda Simone de.; MARTINS, Maria Elisabete. **Leitura de imagem no processo de alfabetização.** SEMED/CEFOR. Campo Grande, 2011. Disponível em:

prefeituradecampogrande.com.br/egov/downloadFile.php?id=1030&fileField=arquivo_dow&table=downloads&key=id_dow&sigla_sec=SEMED. Acessado em: 01 de junho de 2014.

TOURINHO, Irene. As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso? **Cultura Visual e escola**. Ano XXI Boletim 09 – ago. 2011. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14380009-CulturaVisual.pdf>. Acessado em: 25 de maio de 2014.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstancias e ingerências da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011. p.51-68.

VOTRE, Marcel. **Resignificação de produtos midiáticos**: a manipulação digital da imagem publicitária. *Anais do 9^o Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Casper Líbero*. Bela Vista-SP, 2013.

Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/mestrado/resignificacao-de-produtos-midiaticos-a-manipulacao-digital-da-imagem-publicitaria>. Acessado em: 12 de maio de 2015.

WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e imagem**: leituras cruzadas. Belo Horizonte. Autêntica, 2006.

WASELFISZ, Julio Jacob. **Mapa da Violência 2012**: Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil. Instituto Sangari. Ed. 1^a, São Paulo, 2011. http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf

YAMASHITA, Ana Cristina. Construindo Brasilidades – O desafio de olhar , entender e perceber o sertão e as fronteiras “para dentro”. In.GONÇALVES, Karoline B.; SILVA, Fernandes. (Orgs) **Fronteiras e Fronteiriços**. Eumed.net, 2013. Disponível em: <<http://www.eumed.net/libros-gratis/2013/1282/1282.pdf>> Acessado em: 28 de julho de 2013.